

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Claudimiro Lino de Araújo

IDOSOS E CIDADANIA:
um olhar sobre uma construção mediada pelas
novas tecnologias de informação e comunicação

Goiânia
2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS
DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

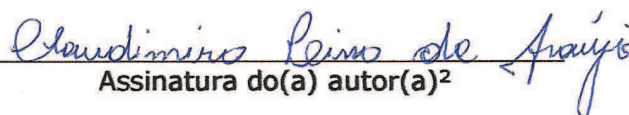
Nome completo do autor: CLAUDIMIRO LINO DE ARAÚJO

Título do trabalho: IDOSOS E CIDADANIA: UM OLHAR SOBRE UMA CONSTRUÇÃO MEDIADA PELAS
NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

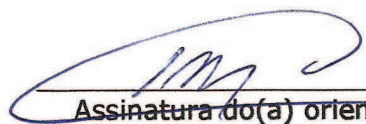
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ **SIM** ☐ **NÃO¹**

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 23 / 11 / 2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro
- Publicação da dissertação/tese em livro

² A assinatura deve ser escaneada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Claudimiro Lino de Araújo

IDOSOS E CIDADANIA:
um olhar sobre uma construção mediada pelas
novas tecnologias de informação e comunicação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania.

Linha de Pesquisa: Mídia e Cidadania.

Orientador(a): Tiago Mainieri

Goiânia
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Araújo, Claudimiro Lino de
Idosos e Cidadania: [manuscrito] : um olhar sobre uma construção
mediada pelas novas tecnologias de informação e comunicação /
Claudimiro Lino de Araújo. - 2017.
CXXXV, 135 f.

Orientador: Prof. Tiago Mainieri.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós
Graduação em Comunicação, Goiânia, 2017.
Bibliografia. Anexos.
Inclui gráfico, tabelas.

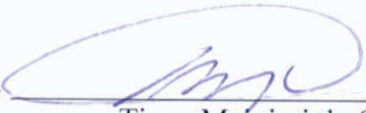
1. Comunicação. 2. Idoso. 3. Cidadania. 4. Velhice. 5. Solidão. I.
Mainieri, Tiago, orient. II. Título.

CDU 007

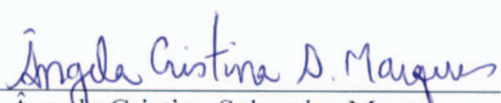
ATA 21/2017

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos treze dias do mês de julho do ano de dois mil e dezessete, a partir das catorze horas, no Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (CIAR/UFG), realizou-se via videoconferência a sessão pública da Defesa de Dissertação de Mestrado de CLAUDIMIRO LINO DE ARAÚJO, intitulada **“Idosos e Cidadania: um olhar sobre uma construção mediada pelas novas tecnologias de informação e comunicação”**. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores Tiago Mainieri de Oliveira (orientador/FIC/UFG), Luiz Antonio Signates Freitas (FIC/UFG) e Ângela Cristina Salgueiro Marques (UFMG). Após a arguição, os membros da banca se reuniram em sessão secreta para concluir a avaliação e definir o parecer final da dissertação, que foi APROVADO. Por fim, lavrou-se a presente ata, que segue assinada pelo Presidente e pelos demais membros da banca.

Prof. Dr.  (Presidente)
Tiago Mainieri de Oliveira

Prof. Dr. 
Luiz Antonio Signates Freitas

Profa. Dra. 
Ângela Cristina Salgueiro Marques

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu a oportunidade de estudar e chegar até aqui.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Tiago Mainieri, por sua dedicação, paciência e compreensão, deixando-me à vontade para pensar e indicando-me caminhos para um melhor aprendizado.

A todos os professores do mestrado da Faculdade de Informação e Comunicação, principalmente àqueles que me incentivaram mais de perto como Simone Antoniaci Tuzzo, Claudomilson Fernandes Braga e Ana Carolina Rocha Pessoa Temer.

Aos amigos em geral e do mestrado, com os quais pude compartilhar e aprender muito, superando dificuldades, aos idosos que contribuíram com esse trabalho e me permitiram relativizar problemas, meu agradecimento carinhoso.

Em especial ao meu pai (*in memoriam*), minha mãe, exemplos de luta incansável e à minha família como um todo, por tudo que sou, pelo exemplo de honestidade e trabalho que recebi, amor à educação e por me apoiarem num período tumultuado, de profundas alterações em minha vida.

CORA CORALINA

O tempo passa, ninguém detém a passagem do tempo. Agora saiba viver para melhor envelhecer. [O que é viver bem?] Produzir. Não ser uma criatura inerte, parada. Não dormir de dia, sobretudo. Ler. Estar atualizada com os fatos. [Quer dizer que não é para ter medo da velhice?] Não. Não tenha medo. Não tenha medo dos anos e não pense em velhice. Não pense. E nunca diga estou envelhecendo, estou ficando velha. Eu não digo. Eu não digo estou velha, eu não digo estou ouvindo pouco – só quando preciso. Eu não digo nunca a palavra estou cansada. Nada disso, nada de palavra negativa. Quanto mais você diz estar ficando esquecida, mais esquecida fica. Você vai se convencendo daquilo e convence os outros também. Então, silêncio! Fique quieta! E não queixe doença também. Nunca diga para uma visitante: Como vai passando? Ah... ando com uma dor agora, não ando muito bem... Nada disso. Diga: Muito bem, otimamente! Não me queixo de nada. E quando tiver você uma queixa física, vá ao médico, ele é o único que tem que ouvir, ninguém mais. (...) Sei que tenho muitos anos. Sei que venho do século passado. Mas não sei se eu sou velha não. Você acha que eu sou velha?

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01	Quadro Resumo – Tipos de Posts no Whatsapp.....	86
GRÁFICO 02	Quadro Resumo – Conteúdo.....	88
GRÁFICO 03	Tipos de Posts – Facebook.....	89
GRÁFICO 04	Conteúdo – Facebook.....	91

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Síntese – Base Teórica.....	64
FIGURA 02	Exemplos de tipos de posts detectados na coleta do Whatsapp.....	87
FIGURA 03	Exemplos de tipos de posts detectados na coleta do Facebook.....	90
FIGURA 04	Exemplos de posts do dia 03/03/2017 (sexta-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas.....	127
FIGURA 05	Exemplos de posts do dia 06/03/2017 (segunda-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas.....	129
FIGURA 06	Exemplos de posts do dia 09/03/2017 (quinta-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas.....	131
FIGURA 07	Exemplos de posts do dia 10/03/2017 (sexta-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas.....	133
FIGURA 08	Exemplos de posts do dia 13/03/2017 (segunda-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas.....	135
FIGURA 09	Exemplos de posts do dia 15/03/2017 (quarta-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas.....	137
FIGURA 10	Exemplos de posts do dia 21/03/2017 (terça-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas.....	140
FIGURA 11	Exemplos de posts do dia 15/04/2017 (sábado), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso.....	142
FIGURA 12	Exemplos de posts do dia 21/04/2017 (sexta-feira), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso.....	144
FIGURA 13	Exemplos de posts do dia 03/05/2017 (quarta-feira), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso.....	147
FIGURA 14	Exemplos de posts do dia 06/05/2017 (sábado), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso.....	149
FIGURA 15	Exemplos de posts do dia 09/05/2017 (terça-feira), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso.....	152
FIGURA 16	Exemplos de posts do dia 10/05/2017 (quarta-feira), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso.....	154
FIGURA 17	Exemplos de posts do Perfil 01 do Facebook.....	159
FIGURA 18	Exemplos de posts do Perfil 02 do Facebook.....	161
FIGURA 19	Exemplos de posts do Perfil 03 do Facebook.....	163
FIGURA 20	Exemplos de posts do Perfil 04 do Facebook.....	165
FIGURA 21	Exemplos de posts do Perfil 05 do Facebook.....	167

LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Código e Perfil dos Entrevistados.....	74
TABELA 02	Quadro Resumo - Tipos de Posts no Whatsapp	86
TABELA 03	Quadro Resumo - Conteúdo no Whatsapp.....	88
TABELA 04	Quadro Resumo - Tipos de Posts por Perfis do Facebook...	89
TABELA 05	Quadro Resumo - Conteúdo de Posts por Perfis do Facebook.....	89
TABELA 06	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Comunicação.....	106
TABELA 07	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Erotismo.....	109
TABELA 08	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Pesquisa.....	110
TABELA 09	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Virtual x Atual.....	111
TABELA 10	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Relacionamento Intergeracional.....	112
TABELA 11	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Insegurança.....	113
TABELA 12	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Trabalho.....	114
TABELA 13	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Entretenimento.....	116
TABELA 14	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Participação Política...	116
TABELA 15	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Independência.....	117
TABELA 16	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Exclusão x Inclusão....	117
TABELA 17	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Religião.....	119
TABELA 18	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Utilidade.....	119
TABELA 19	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - O que é cidadania pra você?.....	120
TABELA 20	Análise de Conteúdo (Entrevistas) - Visão do Profissional...	123
TABELA 21	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 03/03/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	127
TABELA 22	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 06/03/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	129
TABELA 23	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 09/03/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	131
TABELA 24	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 10/03/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	133
TABELA 25	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 13/03/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	135
TABELA 26	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 15/03/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	137
TABELA 27	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 21/03/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	139

TABELA 28	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 15/04/2017, Grupo de Viagem Poderosas	142
TABELA 29	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 21/04/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	144
TABELA 30	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 03/05/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	146
TABELA 31	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 06/05/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	149
TABELA 32	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 09/05/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	151
TABELA 33	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 10/05/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	154
TABELA 34	Análise de Conteúdo (Posts) - Posts no Whatsapp, 13/05/2017, Grupo de Viagem Poderosas.....	156
TABELA 35	Quadro Resumo do Tipo de Post no Whatsapp.....	156
TABELA 36	Quadro Resumo do Conteúdo do Whatsapp.....	158
TABELA 37	Análise de Conteúdo de Perfis do Facebook – Perfil 01.....	160
TABELA 38	Análise de Conteúdo de Perfis do Facebook – Perfil 02.....	162
TABELA 39	Análise de Conteúdo de Perfis do Facebook – Perfil 03.....	164
TABELA 40	Análise de Conteúdo de Perfis do Facebook – Perfil 04.....	166
TABELA 41	Análise de Conteúdo de Perfis do Facebook – Perfil 05.....	168
TABELA 42	Quadro Resumo do Tipo de Posts no Facebook por Perfis....	170
TABELA 43	Quadro Resumo do Tipo de Posts no Facebook por Conteúdo.....	170

RESUMO

Discute-se aqui a relação atual das pessoas idosas com as chamadas novas tecnologias de informação e comunicação, o que poderia refletir numa possível alteração de sua condição de cidadania. A intenção é estudar um certo hábito comunicacional das pessoas com 60 anos ou mais de idade, definidas legalmente como idosas no Brasil, e investigar as possíveis contribuições desse ato pressuposto aqui como característico da contemporaneidade: o compartilhamento cotidiano de conteúdos virtuais, digitais, por meio de plataformas ou aparelhos tecnológicos conhecidos por smartphones, notebooks, PC's, tablets ou fablets, desde que com acesso à rede mundial de computadores: world wide web. Especificamente, procura-se uma avaliação de como os suportes tecnológicos podem contribuir para a formação de conteúdos referentes à cidadania ou à alteração dela própria, aos direitos dos idosos, à imagem da velhice ou à representação social desta. Para isso, lança-se mão de uma abordagem qualitativa. Utiliza-se a análise de conteúdo, teoria tradicionalmente descrita por Laurence Bardin. E, acima de tudo, procura-se enriquecer, através da presente pesquisa, as poucas abordagens relacionadas à velhice, com um olhar a partir do campo comunicacional. O percurso teórico aborda o contexto em que se insere a noção de velhice e enfatiza o comunicacional como fundamento para a cidadania. Os resultados da pesquisa empírica demonstraram a presença, mesmo que pequena, de conteúdos considerados como de “engajamento cívico”, pressuposto aqui como condição para a transformação do *status* de cidadania do idoso. Sobressaiu-se dos resultados a categoria Comunicação, identificada na análise de conteúdo, por sua importância no auxílio ao idoso em sair de seu isolamento, sua solidão e, muitas vezes, até mesmo de um quadro mais grave, de depressão. A categoria Pesquisa indicou o quanto um celular com internet passou a ser importante na vida do entrevistado idoso ao lhe proporcionar o acesso ao conhecimento que não possuía. Na categoria Relacionamento Intergeracional percebeu-se a possibilidade de ressignificação dos relacionamentos entre jovens e idosos. Trabalho e Participação Política foram categorias que indicaram uma proximidade maior da questão do “engajamento cívico” mas não se mostraram expressivas, no material coletado. As categorias Autoajuda e Humor apareceram como um tipo de conteúdo importante no cotidiano dos idosos ao utilizarem as redes sociais. Os dados mostram que, para a amostra escolhida, no contexto social inserido, as NTIC's exercem influência na reinserção social e visibilidade pública do idoso, incipiente engajamento cívico bem como de seu capital social. Apesar dos problemas do ambiente virtual digital, esse espaço oferece às pessoas idosas ou mais velhas a possibilidade concreta de rompimento do isolamento que muitos experimentam, diminuição da percepção ou o sentimento de solidão através do relacionamento com pessoas próximas e distantes ou a promoção de novos contatos sociais de amizade. Deste modo a internet, para as pessoas idosas, é mais do que uma fonte de pesquisa de receitas, serviços, aprendizado ou diversão. Para esse público, a internet e as NTIC's podem oferecer o resgate de antigas amizades, promover novas e estreitar laços familiares intergeracionais.

Palavras-chave: Comunicação. Idoso. Cidadania. Velhice. Solidão.

ABSTRACT

This work discusses the current relationship of the elderly with new information and communication technologies, which has possible reflect in a condition of their citizenship status. The intention is to study a certain communication habit of people aged 60 years or older, legally defined as elderly in Brazil and investigate an characteristic of contemporaneity: the sharing of virtual and digital contents through platforms or devices known as smartphones, notebooks, PCs, tablets or phablets with access to the world wide web. Specifically, an attempt is made to evaluate how technological supports can contribute to the formation of contents related to citizenship, to the rights of the elderly, to the image of old age or your social representation. For this, a qualitative approach is used. Is used here a content analysis, theory traditionally described by Laurence Bardin. And, above all, it seeks to enrich, through the present research, the approaches related to old age with a look from the field of communication. The theoretical course addresses the context in which the notion of old age is inserted and emphasizes the communication as a foundation for citizenship. The results of the empirical research demonstrated the presence, even small, of contents, considered as of “civic engagement”, presumed here as a condition for a transformation of the citizenship status of the elderly. Featured for the results of the Communication category, identified in content analysis, for its importance to helping the elderly to get out their isolation, of their loneliness and, often, even a more serious state of depression. The Search category indicated the importance of the smartphone to the elderly lives providing to they a knowlege that they didn't have. In the Intergenerational Relationship category, the possibility of re-signification of the relationships between the young and the elderly was perceived. Work and Political Participation were categories that indicated a greater proximity of the subject of “civic engagement” but did not came out so much, in the material collected. Self-Help and Humor categories appeared as types of important content in the daily life of the elderly when they using the social networks. The data show that, for the sample, in that social contexts inserted, the New Information and Communications Technologies (NICTs) exerts influence on the social reinsertion and public visibility of the elderly, incipient civic engagement as well as their social capital. Despite the problems of the digital virtual environment, this space offers the elderly or more people a way of breaking the isolation that many experience, reducing the perception or feeling of loneliness through the relationship with people close and distant or a promotion of new contacts of friendship. In this way, the internet, for the elderly, is more than a source of income, service, learning or entertainment research. For this public, the Internet and the NICTs can offer the rescue of the old friends, promote new and strengthen intergenerational family ties.

Keywords: Communication. Elderly. Citizenship. Old age. Loneliness.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CONCEITOS E CONTEXTOS FUNDAMENTAIS	19
2.1	VELHICE: CONCEPÇÕES, DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL	19
2.1.1	Situação da velhice no Brasil e no mundo	26
2.2	MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE	27
2.2.1	Capitalismo e pós-modernidade	30
2.2.2	Consumo e contemporaneidade: dualidades	32
3	REDES SOCIAIS VIRTUAIS: DO INDIVIDUALISMO AO CAPITAL SOCIAL	35
3.1	NARCISISMO COMO EXPRESSÃO DO INDIVIDUALISMO	35
3.2	O ESPETÁCULO DO EU: O DECLÍNIO DO HOMEM PÚBLICO	37
3.3	VELHICE VERSUS JUVENTUDE: UMA LUTA SIMBÓLICA	39
3.4	REDES SOCIAIS VIRTUAIS E CAPITAL SOCIAL	41
4	CIDADANIA COMUNICACIONAL: IDOSOS E NTIC'S	47
4.1	COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	48
4.2	SOLIDÃO (AUSÊNCIA DE COMUNICAÇÃO?)	51
4.3	CIDADANIA COMUNICACIONAL	54
4.4	POSSIBILIDADES DA CIDADANIA NO MEIO VIRTUAL	60
4.5	NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	62
5	ASPECTOS METODOLÓGICOS	65
5.1	TIPO DE PESQUISA UTILIZADO	65
5.1.1	Pesquisa qualitativa	65
5.2	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	67
5.2.1	Entrevista em profundidade	67
5.2.2	Roteiro semiestruturado	68
5.2.3	Textos, vídeos, filmes e fotografias do Whatsapp e Facebook	70
5.3	DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO-ALVO E CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA	72
5.4	MÉTODO DE ANÁLISE	73
5.4.1	Análise de conteúdo	73
5.5	PESQUISA EMPÍRICA	74
5.6	RESULTADOS (ENTREVISTAS)	76
5.7	RESULTADOS (WHATSAPP)	85
5.8	RESULTADOS (FACEBOOK)	89

6	ANÁLISE DOS RESULTADOS	93
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
	ANEXO 1: ANÁLISE DE CONTEÚDO (ENTREVISTAS)	106
	ANEXO 2: ANÁLISE DE CONTEÚDO (POSTS)	127

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a relação entre dois objetos distintos do conhecimento humano: a comunicação e a velhice. Tão diversos quanto inseparáveis. Nascer, viver, morrer não faz sentido para os seres humanos ou seres vivos, se não houver comunicação. É a comunicação que lhes permite sobreviver, que lhes proporciona a coleta ou troca de informações de forma a transcender à sua condição de finitude. Através do conhecimento sobre o meio ambiente e suas dificuldades é que o homem consegue se impor ao mesmo, bem como a outros seres vivos com vistas ao seu bem-estar ou não. Estar no curso da vida é, a todo e qualquer instante, reunir e compartilhar informações, ou seja, comunicar-se e se tornar um animal político, que pertence a uma comunidade. Uma proposição elaborada por Aristóteles (2004) e reconhecida através da história em sua obra *Política*, quando argumentou que o homem é um ser cívico ou político por natureza.

Tanto a comunicação quanto a velhice se constituem em áreas multidisciplinares. Se valem dos diversos ramos do conhecimento para construir o arcabouço de teorias e ferramentas que hoje nos permitem uma visão mais ampla dos respectivos campos ou conceitos. De um lado, quando acontece, a não aceitação da velhice como parte da existência do ser humano facilmente acaba provocando a separação social entre “não-velhos” e “velhos” (ELIAS, 2001, p. 82), como se a velhice retirasse a condição de humanidade das pessoas. Mas tais processos de “naturalização” estudados pela sociologia têm participação direta da comunicação como sendo esse *locus*, ou nas palavras de Muniz Sodré (2002), *ethos* privilegiado onde se dão a formação de estereótipos, imagens, representações, estigmas, pré-conceitos ou definições acerca do que se pensa a respeito deste ou daquele tema ou objeto. É assim, por exemplo, que a expressão “terceira-idade” passou, ao longo do tempo, a incorporar valores positivos e relacionados a um processo definido por Debert (1999) como “reprivatização da velhice”, ou seja, a transformação desta em responsabilidade individual.

O compromisso desse trabalho de pesquisa é investigar o entrelaçamento entre os conceitos de comunicação, velhice e cidadania, ou seja, pretende-se pesquisar se (e como) as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)¹ estariam contribuindo para a vida e o bem-estar dos idosos, no sentido de um fortalecimento de sua cidadania, ou não. Em

¹ Nos referimos aqui ao progressivo desenvolvimento da técnica de digitalização de informações e o seu compartilhamento através de dispositivos (computadores, notebooks, smartphones, tablets, fablets etc.) com acesso à rede mundial de computadores: World Wide Web, processo amplamente descrito e analisado por autores como Pierre Lévy, André Lemos, Manuel Castells, Dominique Wolton, dentre outros.

absoluto, não é intenção assumir-se essa ou aquela posição extrema, negativa ou positiva em relação à tecnologia, o foco é detectar os aspectos da vida que ela poderia estar influenciando em relação aos idosos, especificamente. Para tanto, adota-se como referência o conceito de Cidadania Comunicacional², considerando-se o comunicacional como sua essência e que, sem comunicação, não é possível a existência de cidadania. A hipótese é de que a comunicação envolve e extrapola o conceito de cidadania desenvolvido pelas ciências sociais.

Aqui, o esforço também é no sentido de se perceber as transformações sociais que a tecnologia estaria promovendo entre pessoas que, em seu nascimento, não dispunham de tais avanços, ou seja, não seriam “nativos digitais”, tal como descreveu Prensky (2001) a respeito da geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na grande rede de computadores.

Segundo pesquisa do IBGE, divulgada em 2013, os brasileiros com 50 anos ou mais de idade têm apresentado interesse de acesso à internet acima da média, atingindo um crescimento de 222,3% desde 2005. Isso significa, em números reais, 5,6 milhões a mais de pessoas que passaram a acessar a internet nessa faixa etária. Para 2050, a previsão é de que os idosos (60 anos ou mais) representem um terço da população brasileira. O que implicaria também num possível aumento do acesso à rede. É claro que novas possibilidades tecnológicas de interação devem surgir até lá e, por isso mesmo, desde já se propõe a busca de compreensão desse processo. Embora o crescimento indique aumento da expectativa de vida, isso não significa maior participação ativa nas decisões e consequente cidadania política, civil ou social, nos moldes que Marshall (1967) idealizou. Entende-se que a cidadania (*status*) é também alcançada por meio da comunicação (instrumento) quando se amplia o número de participantes ativos, ou seja, produtores e emissores de conteúdo, democratizando-se o conhecimento e informações sobre o mundo e nesse sentido alguns autores concordam (SIGNATES, 2013; TUZZO, 2016; GENTILLI, 2002). Existe, evidentemente, ampla discussão a respeito dos imbricamentos ou não dos dois conceitos, o que será discutido em momento oportuno desse trabalho.³

Nos meios de comunicação tradicionais, a imagem dos idosos, muitas vezes, corresponde à não participação nos processos decisórios. Mas com o aumento do tempo de trabalho e a extensão da idade para a aposentadoria é importante ressaltar que essa parcela da população terá (no futuro) um tempo maior de atividade no mercado de trabalho, sendo

² Conceito defendido por Signates e Moraes no artigo A cidadania como comunicação: estudo sobre a especificidade comunicacional do conceito de cidadania. In: SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela (Org.). **Cidadania comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

³ A questão da comunicação como *instrumento* ou não no desenvolvimento da cidadania é melhor discutida no Capítulo 3.

exigido dela o domínio das novas tecnologias. A preocupação, aqui, é saber se a internet pode oferecer uma nova oportunidade aos idosos, assim como a muitos outros grupos sociais, de se comunicarem e discutirem questões relevantes, sem intermédio de jornalistas de grandes veículos de mídia. A constatação de que essa parcela significativa da população brasileira está tendo maior acesso às NTIC's, demonstrando interesse crescente, desperta a vontade em se buscar compreender a relação dela, os idosos, com a cidadania. Tais pessoas, com 60 anos ou mais de acordo com a lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso), são consideradas “não nativas digitais” em relação ao desenvolvimento da internet no Brasil, que somente veio a se concretizar a partir de 1995.⁴

Portanto, trata-se de uma parcela importante para o futuro do Brasil⁵ que descobre, nos últimos 15 anos, uma nova forma de se comunicar, a internet. Dentre outros fatores, o aspecto social parece se constituir em elemento fundamental ao processo de envelhecimento natural do ser humano, pois, é no contexto social que se compartilham aprendizados, onde se criam laços sentimentais, afetivos. Mas, a participação nas relações interpessoais nem sempre é permitida. Muitas vezes é em seu próprio ambiente social que ocorre o descaso com o idoso (CORREA, 2009), fruto de preconceitos ou rótulos. O conceito de cidadania abarca também o aspecto social e com o surgimento do Estado do Bem Estar Social e após a Segunda Guerra Mundial, o cidadão passaria a ser aquele que tem direito a ter direitos (ARENDT, 1998, p. 330; GORCZEWSKI; MARTIN, 2011, p. 53). Em relação a essa vinculação social e também histórica, Tuzzo (2013) afirma que a cidadania enquanto conceito é condição a todos que pertencem a uma determinada localidade, mas, no sentido ideal ela representa muito mais do que o ser humano simplesmente nascer ou morrer, sobretudo significa o existir socialmente, dependendo do ambiente e das condições em que uma pessoa se insere.

Cabe esclarecer que esta pesquisa não se debruça, pura e simplesmente, sobre a utilização dos suportes tecnológicos ou das mídias digitais, mas se preocupa com o aspecto comunicacional, simbólico, das mensagens e conteúdos. Portanto, atenta-se aqui para o ganho em termos sociais, ou para um nível que se poderia chamar de qualitativo na medida em que se procura investigar em que grau tais comunicações, por meio das NTIC's, trazem contribuições para o cotidiano, a vida das pessoas dessa referida faixa etária. Nesse sentido, a teoria desenvolvida por Bourdieu (2007), sobre capital social, adquire um caráter de destaque,

⁴ De acordo com Carvalho (2006), em 1995 a internet deixou de ser restrita às universidades e iniciativa privada para se tornar de acesso público.

⁵ O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que atualmente a maioria das pessoas, pela primeira vez na história, pode esperar viver até os 60 anos ou mais. Esse fato, combinado com quedas acentuadas nas taxas de fertilidade e aumentos na expectativa de vida levam ao rápido envelhecimento das populações em todo o mundo. (OMS) - Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Disponível em < <http://sbogg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf> > Acesso: 10/09/2016.

do ponto de vista teórico, para essa dissertação e pesquisa, mas não suficientes, portanto a abordagem, também, de conceitos complementares como a sociabilidade virtual ou a comunicação em rede. (CASTELLS, 2000).

É claro que tais visões teóricas ou contextualizações, desenvolvidas por outros pensadores, também possuem importância para a compreensão de processos relacionados à velhice. No entanto, para os limites desse trabalho, tornou-se necessária a escolha de alguns em detrimento de outros, privilegiando-se assim a capacidade de esclarecimento ou desvelamento que poderiam oferecer para uma melhor visualização do objeto aqui abordado, ou seja, a cidadania do idoso brasileiro. E este se encontra num limiar em que muitos poderiam dizer, nebuloso, ou intangível em função de sua complexidade. Mas é justamente devido a essa complexidade que as inquietações propostas aqui se transformaram em desafios de pesquisa porque a intenção é contribuir um pouco que seja com uma reflexão que não deixa de ser “ontológica”.

A proposta do primeiro capítulo é apresentar, de forma panorâmica e compreensiva, os diversos estudos ou pensadores que abordaram a questão da velhice, seja na Psicologia, Antropologia, Ciências Sociais, Filosofia ou Gerontologia de forma a se reelaborar o conceito ou pré-conceito que se possa ter a respeito da mesma. De antemão, cabe ressaltar a necessidade em se ter o máximo cuidado com a utilização de certos conceitos porque sempre que se procura uma categorização, corre-se o risco de generalizações inadequadas, inferências errôneas ou conclusões precipitadas. Especificamente, refere-se aqui às categorias sógnicas “velho”, “idoso”, “melhor-idade”, “terceira-idade” dentre outras, que às vezes ajudam, mas que muitas vezes nos confundem e nos turvam o pensamento. Antes de mais nada, este trabalho diz respeito ao ser humano, quem quer que seja ele. Não um outro ser humano, mas a qualquer um. Além disso, nesse mesmo capítulo, realiza-se também uma contextualização histórica da “pós-modernidade”, descrita e entendida por alguns autores, e como as contradições desse tempo estariam influenciando os jovens e os velhos em sua relação com o mundo.

O entrelaçamento entre o conceito de cidadania, idoso e velhice são as preocupações do segundo e terceiros capítulos. A reflexão, novamente, é a respeito de uma transformação da cidadania daqueles “não nativos digitais” que agora estão fazendo uso das NTIC’s, se comunicando com outras pessoas, compartilhando conteúdos complexos, plenos de significados e possibilidades simbólicas. Na medida em que se coloca Marshall (1967) como referência para a conceituação do termo “cidadania”, abrir-se-ia também a possibilidade para uma dimensão subjetiva, comunicacional, sógnica, de construção desse “status”. E quando se

tem em vista a velhice, ou idosos, ao longo da história, a questão da cidadania passa a ter um viés completamente diverso. Ser cidadão, desde a época Clássica, possuiria necessariamente um componente de embate social, ao qual Bourdieu se refere em seu arcabouço teórico. A luta simbólica por significação social e, conseqüentemente, por cidadania, seria a luta atual travada por meio das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's)? Ser velho, ao longo da história ou ser idoso na contemporaneidade, quando se procura uma relação com o conceito de cidadania, é algo intrinsecamente relacionado ao tempo e espaço cultural em que se vive. A cidadania da velhice, em outras palavras, é também histórica, cultural e socialmente construída e, com certeza, alcançada na medida que tais membros se sentem integrais, partícipes, pertencentes a uma comunidade.

O estudo empírico, sua base teórica, formas de coleta e análise são as preocupações do quarto capítulo. Nele assumiu-se a franca posição de humildade em relação ao objeto, reconhecendo-se as limitações da metodologia, do pesquisador mas também a sua virtual capacidade de esclarecimento ou transformação do olhar, da compreensão através de um campo de estudos pluridisciplinar como a comunicação. A escolha, quase natural, se voltou para um olhar qualitativo, que buscasse evidenciar aspectos críticos da questão problema e identificar nuances próprias às preocupações das ciências humanas. Principalmente ao papel da comunicação na reelaboração da cidadania de pessoas num certo estágio do decurso da vida. Portanto, o *corpus* da pesquisa empírica, objetivamente, foi construído a partir de entrevistas em profundidade, com questionário semi-estruturado, realizadas com pessoas de 60 anos ou mais de idade e que tivessem algum tipo de uso cotidiano das novas tecnologias de informação e comunicação. Foram 13 pessoas idosas, entre 60 e 77 anos, onze do sexo feminino e duas do sexo masculino, com formação educacional diversificada e dois profissionais experientes com os idosos, do projeto Conviver.⁶ Além das entrevistas em profundidade, realizou-se a coleta de textos, vídeos e fotografias dos aplicativos Whatsapp e Facebook para análise de conteúdo. Escolheu-se dois grupos do Whatsapp, criados pelos profissionais do projeto Conviver, além de cinco perfis de idosos (perfis sugeridos a partir do contato com os profissionais do projeto Conviver) que utilizassem o Facebook. Estes perfis

⁶ O início do levantamento do *corpus* deu-se no projeto Conviver, projeto este realizado pela prefeitura de Aparecida de Goiânia, Goiás, em 2017. Tal escolha foi puramente por conveniência do pesquisador. O projeto oferecia atividades de ginástica (alongamentos); artesanais (tecelagem); de lazer: excursões periódicas (viagens turísticas) ou danças (de salão, forró). A maioria das atividades tinha a presença feminina predominante, exceto nas danças de salão e forró, quando o número de homens equilibrava-se um pouco com o de mulheres, daí a explicação para a predominância das mulheres nas entrevistas em profundidade. Além disso, os homens se mostraram claramente mais resistentes a dar entrevistas ou participar da pesquisa.

foram acompanhados durante a realização da pesquisa e a coleta dos conteúdos foi realizada de forma aleatória, durante sete dias no Whatsapp e dez dias no Facebook.

Por outro lado, durante a revisão a respeito do tema deste trabalho percebeu-se uma certa incipiência e/ou carência de estudos a partir do campo comunicacional e que abordassem a temática da velhice, ao contrário do movimento verificado em outros campos do conhecimento. A maioria das abordagens a respeito da velhice ou do idoso provêm da Psicologia, Sociologia e Gerontologia, sem mencionar a Antropologia. Não há, ainda, uma obra de referência com a visão desse campo, o comunicacional, que certamente possui uma influência inegável na constituição da realidade não só dos idosos mas de todos os grupos sociais. Invocar a interdisciplinaridade desse campo não justifica o fato de existirem tão poucas pesquisas desenvolvidas a partir de sujeitos ou atores oriundos do campo da comunicação social. Aqui, acredita-se também, se encontra um dos objetivos desta dissertação, ou seja, promover uma maior discussão a respeito da velhice em nossa sociedade a partir de uma perspectiva comunicacional.

Torres e Camargo (2012), por exemplo, procuram exatamente abordar aspectos metodológicos da pesquisa sobre idosos nas ciências humanas e sociais. Os autores citados se referem a mudanças no perfil populacional e à necessidade de se estudar o processo de envelhecimento em muitas áreas do conhecimento. Cada vez mais, o idoso estaria sendo o foco de pesquisas nacionais e internacionais “em várias áreas da ciência, e mais recentemente nas ciências humanas e sociais” (TORRES, 2012, p. 90). O texto em questão é desenvolvido com o objetivo de contribuir para que os estudos voltados para os idosos considerem as especificidades “da fase de desenvolvimento vivenciada por eles na sistemática de procedimentos adotados no método escolhido para pesquisas com tal grupo”. (TORRES, 2012, p. 90).

Com relação ao sujeito da pesquisa ou pesquisador, os autores consideram que cabe a ele explicar, observar e considerar em suas discussões a influência deste no resultado das pesquisas. Aliás, este pensamento conflui com o de Goldenberg (2004) quando esta afirma que mesmo nas pesquisas quantitativas a subjetividade do pesquisador está presente: “Na escolha do tema, dos entrevistados, no roteiro de perguntas, na bibliografia consultada e na análise do material coletado, existe um autor, um sujeito que decide os passos a serem dados”. (GOLDENBERG, 2004, p. 14). Ainda segundo Torres (2012), a definição adotada para uma pesquisa científica voltada para os idosos seria aquela que buscasse: “a) descrever, caracterizar, compreender ou relacionar diferentes fenômenos; b) apresentar consistência teórica; e c) desenvolver o conhecimento científico existente.” (TORRES, 2012, p. 92). A

respeito dos comportamentos esperados pela sociedade em relação à velhice, os autores deixam claro a influência dos instrumentos midiáticos, televisivos, impressos ou digitais que atuam no sentido de transmitir modelos positivos ou negativos da velhice (TORRES, 2012, p. 94). Na grande maioria dos estudos, de acordo com Torres (2012) não se consideraria o envelhecimento como um processo que envolve todo o ciclo de vida do ser humano e não se deveria confiná-lo somente a uma parte da vida, de acordo com a idade. Envelhecer, não se pode esquecer, é parte inerente a qualquer ser vivo. Portanto a necessidade, de todo e qualquer pesquisador, de sempre considerar o envelhecimento segundo suas várias dimensões: biológicas, sociais, culturais, psicológicas, normativas ou não normativas.

Também se encontra em outro trabalho, um quadro similar ao descrito acima (VALADARES, 2013), quando os autores procuram traçar um perfil dos grupos de pesquisas existentes na base de dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tais como linhas de pesquisa; área de predominância; membros líderes, estudantes e técnicos; região geográfica e unidade federativa; instituições às quais estão vinculados; produção e repercussão dos trabalhos. O objetivo foi delinear a pesquisa gerontológica no Brasil. O resultado ressalta 363 GPs específicos, abordando a temática do envelhecimento humano, de um total de 25.525 GPs cadastrados no CNPq. As regiões com maior número de GPs dedicados ao envelhecimento foram, em ordem decrescente: Sudeste, Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte. As áreas predominantes foram Saúde Coletiva, Enfermagem, Educação Física, Medicina e Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Curiosamente, não apareceu relacionada nesta pesquisa a área de Ciências Sociais Aplicadas ou Comunicação Social. Os grupos de pesquisa, em sua maioria, foram criados a partir do ano 2000. Sendo que na primeira década do século XXI a temática do envelhecimento foi encontrada em 198 GPs. Num curto período de tempo, entre 2010 e 2013, teriam sido criados mais 109 GPs. Uma rápida consulta ao site da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)⁷, o qual apresenta uma espécie de coletânea dos Grupos de Pesquisa existentes na base de dados do CNPq, classificados por área, verifica-se a inexistência (na classificação do site) de uma área chamada “comunicação”. Por outro lado, ao pesquisar a palavra comunicação, nesta mesma relação de Grupos de Pesquisa, encontra-se somente dois grupos, um da PUC de São Paulo e outro da Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, registra-se também a existência do Grupo Subjetividade, Comunicação e Consumo, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), de São Paulo.

⁷ Disponível em: <<http://www.crde-unati.uerj.br/crde/pesquisadores/pesquisadores.htm>>. Acesso: 23/09/2016.

Pedroso (2013), com o anseio de responder a questionamentos como o que se estuda e se produz no interior dos grupos de pesquisa referentes ao tema do envelhecimento humano, procede a uma abordagem delimitada geograficamente pelo estado de São Paulo. Inclusive buscando especificar as grandes áreas do conhecimento dedicadas ao tema. Novamente, a fonte primária é o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (2012), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O resultado da pesquisa, que o autor chamou de primeira fase, foi uma “base de dados de 48 grupos de pesquisa no estado de São Paulo, que mantêm no mínimo uma linha de pesquisa voltada ao estudo do envelhecimento humano.” (PEDROSO, 2013, p. 95). O autor ressalta, ainda, a existência de grupos dedicados exclusivamente ao tema e outros que apenas desenvolvem estudos relativos ao processo do envelhecimento humano mas com foco voltado para outras áreas.

Assim como destacado anteriormente, o autor confirma também que foi na década de 1980 que ocorreram mudanças significativas na gerontologia brasileira, como “consequência do Plano Internacional de Ação para o Envelhecimento datado de 1982, conscientizando os países a colocar nas suas diretrizes, propostas que pudessem, de certa forma, garantir um envelhecimento com qualidade de vida.” (PEDROSO, 2013, p. 96). Ressalta ainda a criação de cursos de pós-graduação voltados para a temática, como o Programa de Mestrado em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, criado em 1997. Outro exemplo de destaque seria a Universidade Estadual de Campinas, que criou seus cursos de mestrado e doutorado em 2008 e 2010, respectivamente. Pedroso (2013) comprova, em sua investigação, que os grupos de pesquisa que estudam o envelhecimento humano no estado de São Paulo se reúnem em quatro grandes áreas: Ciências da Saúde (30 grupos com linhas de pesquisa sobre o envelhecimento humano); Ciências Humanas (9); Ciências Sociais (8) e Ciências Exatas (1). Por essa classificação, não se consegue visualizar os grupos originários do campo comunicacional, no entanto, o mesmo autor ainda distribui os grupos segundo áreas predominantes, quando então emerge a existência de somente um (1) grupo pertencente à área predominante da comunicação no estado de São Paulo (PEDROSO, 2013, p. 99).

Na Universidade Federal de Goiás, destaca-se alguns trabalhos em nível de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC): *Mídia e Envelhecimento Feminino - transformações no corpo e implicações subjetivas*, de Carlise Nascimento Borges (2012); *Envelhecimentos e Velhices: novos olhares sobre a representação do feminino em filmes brasileiros contemporâneos*, de Clarissa Raquel Motter Dala Senta (2012); *A Velhice nas Propagandas do Ministério da Saúde: subjetividades e representações de idosos nos filmes das campanhas de vacinação*, de

Viviane Cristina Maia Gomes (2013); *Envelhecimento Feminino: produção das subjetividades do sujeito mulher pela estética do corpo*, de Talita Maria Carvalho de Lima (2015) e *Subjetividades Submissas: discursos acerca da sexualidade da mulher idosa*, de Elcha Britto Oliveira Gomes (2015).

2 CONCEITOS E CONTEXTOS FUNDAMENTAIS

Nesse capítulo, pretende-se apresentar um panorama a respeito da ressignificação do conceito de velhice, como por exemplo a desenvolvida por Debert (1999), bem como revisitar, de forma sintética, duas visões ou conceitos definidores da contemporaneidade, a modernidade e a pós-modernidade, de modo que se possa construir um quadro mental do contexto em que estão inseridas as categorias basilares desse trabalho: cidadania, comunicação e velhice. O que seria envelhecer na contemporaneidade ou sociedade de consumo? Também enumera-se aqui alguns dados gerais, estatísticos e geográficos, a respeito da velhice.

2.1 VELHICE: CONCEPÇÕES, DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL

A velhice já foi motivo de temática ao longo da história do conhecimento humano e registrada por séculos, uma das referências mais citadas na modernidade é a do livro *A Velhice*, de Beauvoir (1990), que na década de 1970 expôs um quadro pessimista em relação à atenção dispensada aos velhos da França. No entanto, para compreendê-la, a velhice, também é preciso se aproximar através do que outros estudiosos procuraram ressaltar, assim como Simone de Beauvoir. Portanto, na sequência, expõe-se uma abordagem histórica, social e cultural, com o intuito de estabelecer uma inter-relação com o campo da comunicação.

Quer nos parecer, assim como a outros estudiosos (NASCIMENTO, 2009; SANTOS, 2001; SZAPIRO, 2010), que a ideia ou conceito que se forma de velhice ou de juventude, bem como seus significados correlatos, possui uma relação intrínseca com o momento histórico, social e filosófico em que se vive e do qual se faz parte. Ao longo do tempo e da história, o homem se percebe e se concebe também de acordo com a revolução de seu próprio pensamento e conhecimento filosófico. O movimento é dialético entre o pensar, enquanto indivíduo e o que se entende socialmente por velhice, esta é uma maneira válida de se enxergar a velhice, proposta por (BLESMAAN, 2003, p. 47). Quando se olha para certas concepções filosóficas históricas, não se pode deixar de se refletir a respeito do quanto tais pensamentos passaram a influenciar a constituição de um mundo tal qual o entendemos, bem como a própria existência humana.

E, esta, a transitoriedade do Ser Humano, foi sempre, para a Filosofia, uma temática candente: de onde viemos, para onde vamos, qual o significado da vida? (PLATÃO, 1988). O

que se pretende, aqui, é estabelecer um olhar sobre a velhice que se relacione com o período que também se convencionou chamar de pós-modernidade. A hipótese é a de que os valores que desaguaram na formação de tal conceito também passaram e ainda têm uma influência significativa na valoração social da velhice. Estaríamos a considerar o envelhecimento segundo uma ótica de pensar sobre o mundo, ou seja, a forma como entendemos que seja o mundo, ou deva ser, também influenciaria nossa autocompreensão, em que a beleza se esvai porque envelhece, em que os valores se tornaram principalmente estéticos, mais do que reais.

Envelhecer, no Ocidente, parece ter adquirido o sentido de algo ruim, feio, não desejável, mas isso não teria sido sempre assim e nem em todas as formações sociais. Talvez hoje esteja se transformando novamente por conta de uma lógica essencialmente consumista. A velhice, na civilização oriental chinesa, por exemplo, sempre teria tido destaque e condição privilegiada, sendo enxergada como símbolo de sabedoria e muito respeitada, para isso dois personagens teriam contribuído: Lao-Tsé e Confúcio (SANTOS, 2001, p. 93). No entanto, no Ocidente, talvez como característica da pós-modernidade ou como resultado de uma potencialização e (re)significação, os dualismos surgem quase que impostos, renovados a partir de uma visão cronológica e tecnicista da vida, em que se fazem presentes ideias como: a juventude de um lado e, do outro, a velhice; velocidade e lentidão; beleza e feiura; corpo e alma etc. Um modo de pensar, sofisticadamente, que nos levaria a supor que o envelhecer não faz parte da vida como um todo, mas somente a uma parte dela.

A visão pessimista e preconceituosa em relação à velhice, no entanto, seria a predominante no Ocidente, os gregos, como amantes do corpo jovem e saudável, preocupados em cultuá-lo e preservá-lo, teriam tratado a velhice, de modo geral, com desdém: “muito desconsiderada e até motivo de pavor, principalmente pela perda dos prazeres proporcionados pelos sentidos” (SANTOS, 2001). Aristóteles só conseguia visualizar progresso para o ser humano até os 50 anos, vendo nos velhos pessoas diminuídas, indignas de confiança. No entanto, Beauvoir (1990, p. 122), por outro lado, cita Homero, dentre outros personagens gregos, para quem a velhice se relacionava à sabedoria. Cícero, filósofo romano, também na mesma linha, teria prestigiado os idosos. Para ele, a arte de envelhecer seria descobrir o prazer que todas as idades podem proporcionar (SANTOS, 2001).

(CATÃO) [...] Donde concluo que as queixas devem recair não sobre a idade, mas sobre os hábitos. Os velhos moderados, tratáveis e cordatos suavemente passam a velhice; a impertinência e a rabugice a todos enfaram, estejam na idade em que estiverem (CÍCERO, 1998, p. 63).

No livro *A República*, de Platão (2000), logo em seu princípio, fica claro que a velhice não seria um peso aos prudentes, isso é o que se percebe nos diálogos de Sócrates. Envelhecer não seria o problema central, mas sim, o temperamento de cada um: “Para quem sempre viveu com ordem e simplicidade, a velhice é um fardo suportável; de outro modo, Sócrates, tanto a velhice como a mocidade são penosas para qualquer pessoa”. Esta, inclusive, não dependeria da riqueza ou pobreza (PLATÃO, 2000, p. 52). Para Platão, a velhice nos conduziria em direção à paz e à libertação, afinal, a alma imortal se encaminharia nessa direção. Fez-se luz a um dos primeiros ou ao primeiro dualismo: corpo e alma. De outro lado, Aristóteles teria afirmado que os idosos não seriam confiáveis. E Cícero, talvez em interesse próprio, teria procurado equilibrar um pouco a balança: “aconselhou encontrar o prazer na velhice” e Sêneca “defendeu a velhice enquanto processo natural” (BLESSMANN, 2003).

Dalbosco (2006) argumenta que a cultura ocidental teria tratado de uma maneira dicotômica a distinção entre corpo e alma, predominando, primeiramente, durante um longo período, um monopólio da alma em relação ao corpo e, depois, “atualmente, a supremacia do culto ao corpo em detrimento dos valores conectados à alma” (DALBOSCO, 2006, p. 29). Com outro ponto de vista, Nascimento (2009) ressalta que a problemática da velhice, assim como a de outras minorias, partilha das “mobilidades histórico-culturais dos novos tempos” (NASCIMENTO, 2009, p. 176). As identidades em “movência”, incompletas, estariam num fluxo contínuo de transformação, de certo modo, fundamentadas nos conceitos de “devir” de Heráclito. A identidade do ancião pouco a pouco teria se modificado e, hoje, sobretudo o velho rico, teria conquistado espaço, respeito e visibilidade coletivos, no entanto, ainda haveria afoitos que se deixariam levar pelo bombardeio da mídia e internalizariam valores relacionados à estética e ao consumismo (NASCIMENTO, 2009, p. 176).

A dualidade inicial entre corpo e alma parece sempre ter estado presente, no entanto, agora se revelaria através de uma nova roupagem: juventude versus velhice seria como que duas coisas alheias à condição humana, os jovens seriam influenciados a se comportarem de acordo com interesses capitalistas e a sociedade contemporânea de consumo. Como se não houvesse amanhã, como se não fossem envelhecer ou mesmo frente ao envelhecimento do corpo, mantendo-se a juventude do espírito. E, agora, os dualismos se fariam presentes como que a definirem um mundo de contrastes e fragmentação, moderno *versus* pós-moderno: integração e desintegração, nascer e morrer, sim e não, *in* e *out*. Descartes e Spinoza (considerando-os em polos opostos), técnica e humano, se faria nascer o contemporâneo. O tempo do “tempo que vale dinheiro”, da velocidade sempre crescente, do instantâneo, dos espaços comprimidos, inexistentes (EAGLETON, 1990). “A nossa cultura (o Velho já o

saberia?) ama a novidade, e a novidade é veloz. A inocência meditativa e iluminada pela lentidão da espera não é mercadoria de boa aceitação: sequer é mercadoria” (D’AMARAL, 2004, p. 265). E também assim o constata, ao falar sobre a juventude e suas possibilidades de futuro na época atual, Leão (1991):

O poder crescente do consumo, da automação e massificação impõe um quociente progressivo de desumanidade. Não, decerto, no sentido de que os homens se tornem cada vez mais animais e sim no sentido de que o próprio controle, como força coletiva, se preocupa sempre menos com o homem e sua dignidade. No sistema de controle não há lugar para futuro histórico. Só há espaço para o progresso. É que progresso significa maior controle e mais poder. (LEÃO, 1991, p. 42).

Para Szapiro (2010) a juventude estaria se assumindo de um modo bem diferente do que acontecia há apenas algumas décadas. Sua referência é o final do século XX, ou às mudanças da pós-modernidade. Um tempo em que a lógica do coletivo se dobraria aos interesses do indivíduo, à sociedade dos indivíduos. Szapiro (2010) chama a atenção, mais uma vez, para uma dualidade: “de um lado, joga-se tudo pelos valores de autonomia e de igualdade dos indivíduos e, de outro lado, permanece, agora se tornando um problema, a irredutibilidade da diferença sexual e da dependência geracional” (SZAPIRO, 2010, p. 44). Assim, segundo Ana Szapiro, a ideia de juventude apresentaria, hoje, características que se poderia associar à condição pós-moderna: o presente é o que importaria, um futuro tecido dia após dia, sem grandes planos ou objetivos a longo prazo. “Como indivíduos autônomos e livres, suas ações parecem ser determinadas apenas tendo como objetivo maior a maximização de um estado de prazer” (SZAPIRO, 2010, p. 45). O desprazer pode e deve desaparecer da experiência do viver, num mundo “destradicionalizado”, uma vez que o último *locus* de relações hierárquicas – a família – estaria passando também por enormes transformações, em que as figuras parentais estariam deixando de exercer sua função de autoridade geracional.

Em tempos de redes sociais, globalização e esferas midiáticas virtuais, particularmente na sociedade ocidental, é marcante o individualismo que se relaciona com a velocidade, a eficiência dos “Tempos Modernos” ou líquidos, segundo expressão de Bauman (2006). A intenção, neste momento, é a revisão de concepções da atualidade, de forma a favorecer a reflexão sobre esse “sinal dos tempos”, a que Morin (2002) se refere. Ou a esse momento líquido que se esvai por entre as mãos, Bauman (2006):

En un mundo pretérito en el que el tiempo se movía con mucha mayor lentitud y se resistía a la aceleración, las personas intentaban salvar la angustiosa distancia existente entre la pobreza de una vida breve y mortal y la riqueza infinita del

universo eterno mediante las esperanzas de reencarnación o de resurrección. En nuestro mundo, que no conoce ni admite límites a la aceleración, podemos desembarazarnos de tales esperanzas. Si nos movemos con la suficiente rapidez y no nos detenemos a mirar atrás para hacer un recuento de las ganancias y las pérdidas, podemos seguir apinando aún más vidas en el espacio temporal de una vida mortal [...] (BAUMAN, 2006, p. 17).

Um instante em que as existências não levam tão em conta a própria velhice. O idoso, este que raramente se destaca nas vidas atuais, este que muitos insistem em ignorar como parte de um futuro inexorável (e cada vez mais, sintomaticamente, em função dos próprios avanços da ciência), porque hoje ainda não se envelhece, a juventude ou seus valores predomina como que eternos, fisicamente, mentalmente, psicologicamente, vive-se munido da ciência e da técnica para enfrentá-la e derrotá-la implacavelmente. Quem é que, no frenesi dos dias e das horas, em sã consciência, teria tempo para filosofar, ou até mesmo ler (não é difícil encontrar cursos de caligrafia atualmente, quando se desenvolve tendinites e outras inflamações pelo excesso da escrita digital).

A filosofia, a leitura, a reflexão não encontram o mesmo eco entre a ânsia do lucro, do consumo, do espetáculo, do narcisismo, o que se vê é a velocidade de *selfies* digitais e um fluxo contínuo de imagens fotográficas que nem sequer se tem tempo para visualizar (porque a palavra *admirar* não tem mais o mesmo espaço, desde Walter Benjamin). De tão individualistas e preocupadas com o tempo cronológico e o fazer, as pessoas não conseguem encontrar (e sempre há uma justificativa bastante plausível para isso) alguns minutos que sejam para ler um texto como *A Ética a Nicômaco*, de Aristóteles (1984), traduzido do grego, com cerca de 190 páginas e dez capítulos, tratando justamente da importância de se ter amigos, de se buscar o meio termo na vida, da possibilidade de felicidade: com saúde, um mínimo de bens e com amigos (verdadeiros e não virtuais). A magnanimidade parece não fazer parte desse tempo, não para com os idosos, não somente para com os do Brasil.

Concordando com esse pensamento, um tanto quanto apocalíptico, Morin (2002), ao refletir sobre a cultura de massas do século XX, reafirma: “A velhice está desvalorizada. A idade adulta se rejuvenesce. A juventude, agora, não é mais, propriamente falando, a juventude: é a adolescência. *A adolescência surge enquanto classe de idade na civilização do século XX*” (MORIN, 2002, p. 153). Apesar de se referir ao século passado, tem-se a certeza de que essa reflexão é também referente ao século XXI porque “parece que foi ontem” que se viveu o findar do século XX e agora mesmo, há apenas 17 anos, é como se todos fossem ultrapassados pelo devir. Viver o presente fugidio é um desafio, Bauman (2006).

Sobre os “idosos”, não esse conceito abstrato, essa palavra que se constrói para se disfarçar a velhice, para se enganar em relação à própria existência, há que se lembrar que não são coisas, não são outra coisa, muito menos “os outros”, são pessoas como nós, são seres humanos como todos, como qualquer um que quiçá venha a ser, que possui uma história, um rico passado, um presente e também um futuro. No entanto, eles são a encarnação viva das contradições contemporâneas. Um presente que não valoriza o passado, que não considera a memória como configuradora do futuro, que se volta apenas para o novo enquanto sinônimo de juventude, do novo como renovação constante do poder do consumo ou individualismo. O idoso, sem usar nenhuma figura de linguagem, sente na própria pele o tempo presente.

O objetivo principal, aqui, é investigar de que forma os idosos conseguem se inserir socialmente por meio das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTIC's), alcançando empoderamento⁸, ou seja, realizando por si mesmos as ações e mudanças no sentido de sua evolução e fortalecimento, se afirmando como cidadãos. Em relação à internet, a preocupação é saber se esta oferece uma nova oportunidade aos idosos, assim como a outros grupos sociais, de se comunicarem e discutirem questões relevantes a si mesmos, criando e recriando a própria cidadania, bem como o ambiente social pelo qual estão envolvidos. Numa época sem internet, na década de 1970, Simone de Beauvoir traçaria um quadro deprimente de como a sociedade os encarava: “Os homens eludem os aspectos de sua natureza que lhes desagradam. E, estranhamente, a velhice. A América riscou de seu vocabulário a palavra morto: fala-se de caro ausente; do mesmo modo, ela evita qualquer referência à idade avançada” (BEAUVOIR, 1990, p. 7). Para Beauvoir haveria uma conspiração do silêncio em relação à velhice, à qual não haveria o rito de passagem característico de outras fases da vida. Este seria mal definido, ou seja, o momento em que começa a velhice seria indistinto. E alerta:

Paremos de trapacear, o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos se ignoramos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana (BEAUVOIR, 1970, p. 12).

Beauvoir (1990) se debruça, na primeira parte de seu livro, sobre o que a biologia, antropologia, história e sociologia contemporâneas nos ensinam sobre a velhice. Na segunda parte procura descrever a maneira pela qual o homem idoso interioriza sua relação com o próprio corpo, com o tempo, com os outros, ela assume uma multiplicidade de aspectos,

⁸ Conceito originalmente desenvolvido por Paulo Freire.

irredutíveis uns aos outros. “A velhice não é um fato estatístico; é o resultado e o prolongamento de um processo” (BEAUVOIR, 1990, p. 17).

A noção de velhice é construída tanto em termos individuais quanto sociais e culturais, e desse contexto emergem imagens do envelhecimento e da velhice. Assim, Reis (2013), replica o pessimismo de Beauvoir (1990) e alerta para o processo de se traduzir essas imagens sociais em “estereótipos, preconceitos ou discriminação, que, por sua vez, se transformam em idadismo ou velhismo, discriminação para com os mais velhos” (REIS, 2013, p. 167). O idadismo se refere, de forma geral, em atitudes e comportamentos negativos em relação a indivíduos, “baseados somente numa característica – a sua idade” (REIS, 2013, p. 167).

No entanto, seria um erro se apegar à caracterização da velhice em relação a seus aspectos negativos e é nesse sentido que Debert (1997) defende a ideia de que a expressão “terceira idade” traria em torno de si conteúdos que seriam elementos ativos, no que a autora chama de “processo de reprivatização da velhice”, que envolveria a transformação desta numa responsabilidade individual. Tal processo seria resultado de uma intensa interlocução entre “o discurso gerontológico, o público mobilizado nos programas para a terceira idade e a mídia” (DEBERT, 1997). Debert se refere a uma celebração da terceira idade pelos programas voltados para a população mais velha e também pela mídia, como um novo mercado de consumo⁹. A terceira idade, então, não seria sinônimo de decadência, pobreza e de doença mas sim um tempo privilegiado para atividades livres, uma nova etapa, um tempo de lazer com novos valores coletivos.

Debert (1997) ressalta o resultado de pesquisas que apresentam discursos amplamente divulgados no sentido de produzir novas representações do envelhecimento, revisando estereótipos e oferecendo um quadro mais gratificante da velhice:

Essas pesquisas mostram, também, que espaços estão sendo criados para que novas experiências de envelhecimento possam ser vividas coletivamente, e que esses espaços são rapidamente ocupados pela população de mais idade. Esses resultados exigem que o envelhecimento seja concebido como uma experiência heterogênea e que se leve em conta o remapeamento do curso da vida que vem acompanhando as transformações na dinâmica demográfica brasileira (DEBERT, 1997).

A autora conclui que é possível ver nas novas tecnologias de informação uma ampliação e democratização do acesso à informação, interação, ampliação do capital social, bem como um processo em que grupos excluídos possam ser ativamente incorporados e ter sua participação na política ampliada.

⁹Versão modificada de trabalho apresentado pela autora no GT: Cultura e Política da ANPOCS, em 1996.

2.1.1 Situação da velhice no Brasil e no mundo

Neste momento, em que o planeta chega a sete bilhões de habitantes, e em que o envelhecimento da população se torna uma questão importante para muitos países ao ponto de alguns desenvolverem campanhas publicitárias e governamentais em favor de novos relacionamentos amorosos e do aumento da taxa de natalidade, o Brasil também se vê prestes a enfrentar este desafio (do envelhecimento), mesmo ainda sendo um país carente de desenvolvimento em muitas áreas. Suas taxas de natalidade, segundo o IBGE, enfrentam quedas progressivas e se equiparam às de países da Europa. A antiga distribuição etária brasileira há muito vem deixando de ser caracteristicamente piramidal para apresentar, progressivamente, uma uniformização em todas as faixas. De país essencialmente jovem, na década de 1970, atualmente o envelhecimento da população de nosso país é um fato objetivo, demonstrado por pesquisas e projeções¹⁰ (IBGE, 2016; OMS, 2016). E isso demanda novas formas de se pensar o envelhecimento humano, as políticas públicas de saúde, bem como a postura dos meios de comunicação como um todo.

De acordo com o trabalho de Correa (2009), em 2007 havia uma preocupação da Organização Mundial de Saúde (OMS) a respeito do envelhecimento da população nos países em desenvolvimento. A data estabelecida como referência de virada e previsões importantes foi a de 2050, estabelecendo que nesse ano a população idosa¹¹ pode vir a ser maior do que a de crianças pela primeira vez na História. À época, segundo a autora, pesquisa da ONU demonstrava que em 2050 as pessoas com mais de 60 anos representarão 32% da população mundial, triplicando dos 705 milhões em 2007 para quase dois bilhões. As projeções indicavam significativo aumento do número de idosos, em nível global e, definitivamente, desde então esse quadro não se alterou.

Em 2015, relatório divulgado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) informa que, em 2050, os idosos no mundo devem duplicar e no Brasil quase triplicar: atualmente a porcentagem de idosos é de 12,5% e deve chegar a 30% até a metade do século. A OMS considera que uma nação se torna “envelhecida” quando sua população atinge mais de 14%

¹⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso: 10/09/2016; Organização Mundial de Saúde (OMS) – Ver o Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Disponível em <<http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>> Acesso: 10/09/2016.

¹¹ Idoso, segundo a lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que criou o Estatuto do Idoso, são as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

em número de idosos¹². João Bastos Freire Neto, presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, escreveu em 2013 a respeito do envelhecimento no Brasil¹³ argumentando que, em 1940, a população brasileira seria composta por 42% de jovens com menos de 15 anos, enquanto os idosos representavam à época apenas 2,5%. No entanto, no último censo do IBGE, em 2010, fica claro que a população de jovens foi reduzida para 24% do total, enquanto que a de idosos subiu para 10,8%. O percentual em 2016 é de 12,5% e a estimativa é de que este número triplique nos próximos 20 anos. De acordo com sua carta: “Os profissionais da saúde têm olhar fragmentado do idoso e não foram capacitados para atendê-lo de maneira integral”. Para ele não “há, na prática, uma rede de atenção à saúde do idoso” e isso é motivo de justa preocupação com o futuro dessa faixa etária no Brasil.

Novamente de acordo com o IBGE, o número de pessoas com mais de 60 anos, com acesso à internet, dobrou de 2008 a 2013, passando de 5,7% para 12,6% (de um total de 13% ou 26 milhões com 60 anos ou mais).¹⁴ Vale ressaltar que a taxa de crescimento da população, na faixa etária até 39 anos (de 2008 a 2013) apresentou queda nestes cinco anos, ao passo que a taxa de crescimento da população entre 40 e 60 anos ou mais, se mostra em franca expansão. No mesmo período, a proporção de internautas, independentemente da idade, passou de 49,2% para 49,4% do total da população residente (201,5 milhões de pessoas). O percentual de pessoas com telefone celular para uso pessoal (10 anos ou mais de idade) subiu de 53,7% para 75,5% (crescimento de 40,6%).

2.2 MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

A discussão a respeito do termo “pós-modernidade” não poderia passar despercebida uma vez que diz respeito a uma tentativa de se explicar as características da contemporaneidade, em diferenciá-la de um período de tempo que, pretensamente, estaria ultrapassado. No entanto, não é assim uma questão tão simples. Tavares (2012) pontua questões a respeito dos conceitos de modernidade e pós-modernidade, ao discutir a questão da participação política num contexto de transformações das sociedades contemporâneas. “Uma

¹² São hoje, por exemplo: França, Inglaterra e Canadá.

¹³ Disponível em: <http://sbgg.org.br/envelhecimento-no-brasil-e-saude-do-idoso-sbgg-divulga-carta-aberta-a-populacao-2/> Acesso: 10/09/2016.

¹⁴ Mesmo que se argumente aqui a existência de um outro fenômeno, o prolongamento da permanência dos filhos em casa, não se pode descartar o acesso dos idosos à internet por meio dos próprios filhos.

vez que se aponta que as sociedades contemporâneas têm alcançado uma condição pós-moderna, podemos dizer que isto ocorre em vista da configuração de uma nova subjetividade dos indivíduos e por uma mudança nos vínculos sociais que os une.” (TAVARES, 2012, p. 25). A respeito, enfim, desse debate contemporâneo e os diferentes posicionamentos teóricos a intenção aqui é procurar identificar as tensões desse contexto com a velhice e a comunicação.

Ao analisar autores que estudaram as características da modernidade, Harvey (1992) avalia que “há abundantes evidências a sugerir que a maioria dos escritores ‘modernos’ reconheceu que a única coisa segura na modernidade é a sua insegurança, e até a sua inclinação para o ‘caos totalizante’” (HARVEY, 1992, p. 22). Rever os pensamentos de outrora em relação à modernidade, parece-nos, algumas vezes, que é quase como se estivéssemos falando da pós-modernidade, no entanto, segundo alguns autores haveria sim uma diferenciação. Para esclarecer as nuances e distinguir os dois momentos é que Harvey (1992) prossegue:

Começo com o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos ‘eternos e imutáveis’ que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se esboja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo que existisse. (HARVEY, 1992, p. 49).

THOMPSON (1998), por seu lado, procurando responder à questão de quais seriam as linhas principais da transformação institucional que teria constituído as sociedades modernas da Europa, enumera:

Em primeiro lugar, a emergência das sociedades modernas implica um conjunto específico de mudanças econômicas através das quais o feudalismo europeu foi se transformando gradualmente num novo sistema capitalista de produção e de intercâmbio. Em segundo, o desenvolvimento das sociedades modernas se caracterizou por um processo de mudanças políticas pelas quais as numerosas unidades políticas da Europa Medieval foram sendo reduzidas em número e reagrupadas num sistema entrelaçado de estados-nações, cada um reclamando soberania sobre um território claramente delimitado e possuindo um sistema centralizado de administração e de tributação. Em terceiro, parece claro que a guerra e a sua preparação exerceram um papel fundamental neste processo de alterações políticas; com o desenvolvimento das sociedades modernas, o poder militar foi se concentrando cada vez mais nas mãos de estados-nações que reivindicavam, como observou uma vez Max Weber, o monopólio do uso legítimo da força dentro de um determinado território. (THOMPSON, 1998, p. 47 e 48).

Ainda sobre a modernidade, Berman (1986) tenta descortinar as dimensões de sentido, explorar e mapear “as aventuras e horrores, as ambiguidades e ironias da vida moderna”. (BERMAN, 1986, p. 13).

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o *seu* mundo transformando-o em *nosso* mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades. (BERMAN, 1986, p. 13).

Berman (1986), na esperança em compreender algo “tão vasto quanto a história da modernidade”, divide o período em questão em três fases: a primeira do início do século XVI até o fim do século XVIII em que as pessoas apenas começariam a experimentar a vida moderna; a segunda com a Revolução Francesa, a partir de 1790 até à dicotomia do século XIX de se viver entre o moderno e o passado; e uma terceira fase que seria no século XX, com a expansão do processo de modernização, abarcando virtualmente o “mundo todo”. Por outro lado:

[...] a ideia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade. (BERMAN, 1986, p. 15 e 16).

Finalmente, mas sem a intenção de se esgotar a discussão, apresenta-se aqui a concepção de Huyssen (1992):

[...] o que aparece em um certo nível como a última tendência, auge publicitário e espetáculo vazio, é parte de uma transformação cultural que emerge lentamente nas sociedades ocidentais, uma mudança da sensibilidade para a qual o termo ‘pós-modernismo’ é realmente, pelo menos por enquanto, inteiramente adequado. A natureza e a profundidade dessa transformação podem até ser discutíveis, mas há uma transformação. Eu não quero ser mal entendido, pois não afirmo que exista uma total modificação no paradigma das ordens cultural, social e econômica; qualquer pretensão nesse sentido seria claramente exagerada. (HUYSEN, 1992, p. 20, *apud* Harvey, 1992, p. 45).

Com respeito às preocupações desse trabalho, as tensões entre velhice e pós-modernidade, bem como suas relações com a cidadania e a comunicação, estas são abordadas por Debert (1999) através do conceito de “curso da vida pós-moderno”. Ao analisar criticamente estudos a respeito de filmes da década de 1970 e 1980, por parte de Harry R. Moody, com a temática da velhice, Debert expõe também que “O próprio da cultura pós-

moderna é a promessa de que é possível escapar dos constrangimentos, dos estereótipos, das normas e dos padrões de comportamento baseados nas idades.” (DEBERT, 1999, p. 71).

Tratar das transformações históricas ocorridas com a modernização é também chamar a atenção para o fato de que o processo de individualização, próprio da modernidade, teve na institucionalização do curso de vida uma de suas dimensões fundamentais. Estágios foram claramente definidos e separados e a fronteira entre eles passou a ser dada pela idade cronológica. (DEBERT, 1999, p. 73).

No entanto, continua Debert (1999), a questão é se a ideia de papéis sequenciados, divididos por idades, captaria a realidade social do desenvolvimento tecnológico contemporâneo. As mudanças ocorridas na produção, “principalmente aquelas relacionadas com a informatização, a velocidade na implementação de novas tecnologias e a rapidez na obsolescência das técnicas produtivas e administrativas” estariam obliterando a relação entre as grades de idades e a carreira, processo também semelhante ocorreria na família. No entanto: “É certamente possível acionar um conjunto de exemplos para relativizar a radicalidade dessas transformações. As idades ainda são uma dimensão fundamental na organização social [...]” (DEBERT, 1999, p. 75).

As idades cronológicas se baseiam em um sistema de datação que está ausente da maioria das sociedades não-ocidentais e que só ganha relevância quando é crucial para o estabelecimento de direitos e deveres políticos; isto é, quando o *status* de cidadão ganha precedência sobre as relações familiares e de parentesco (esferas em que a ordem geracional é uma dimensão central) e, também, sobre outras características, como a estrutura física e os níveis de maturidade dos indivíduos. (DEBERT, 1999, p. 76).

Dessa forma as idades seriam uma forma poderosa e eficiente de se criar mercados de consumo, definindo direitos e deveres e constituindo atores políticos, ou seja, concedendo legalmente o *status* de cidadão (assim como ocorre com a definição legal para uma pessoa “idosa” no Brasil), “sobretudo porque têm independência e neutralidade na relação com os estágios de maturidade física e mental.” (DEBERT, 1999, p. 76).

2.2.1 Capitalismo e pós-modernidade

O desenvolvimento do capitalismo (e da técnica), tanto quanto a ideia (signo) que se tem de velhice, se configurou, como insistimos em argumentar, a partir de um contexto que se procura ressaltar aqui, por meio da revisão de autores que trataram do tema. Os desafios de se

envelhecer (e viver) no sistema capitalista tardio e de como esse sistema econômico se volta contra sua unidade basilar: o ser humano e sua busca por cidadania, são pouco a pouco expostos pela crítica dos frankfurtianos mas não só. Autores como Sodré (2002) argumentam, por exemplo, que o desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação coloca em pauta, naturalmente, as condições simbólicas das pessoas na “terceira idade” de se afirmarem enquanto partícipes do *bios midiático* (SODRÉ, 2002) e equilibrarem o jogo de forças entre os diversos atores sociais.

A respeito desse contexto, pressuposto aqui como pós-moderno, numa tentativa de previsão do que aconteceria, Bell (1977) elaborou considerações interessantes. Seu objetivo era fazer uma análise das transformações sociais e econômicas do século XX, buscando avaliar as possibilidades de desenvolvimento futuro, tendo em vista principalmente os Estados Unidos da segunda metade do século XX. Inicialmente, sobre a sociedade pós-industrial, ele enumerou o que seriam algumas características básicas: “[...] o fato simples e crucial que Henry Adams tão dramaticamente captara em 1900 era o de que nenhuma criança poderia nunca mais viver no mesmo tipo de universo – sociológico e intelectual – que havia sido habitado por seus pais e avós” (BELL, 1977, p. 95). Segundo o autor, a tarefa com que se defrontava a sociedade do final do século XX seria a de preparar para um futuro desconhecido a criança que enfrentava, à época, uma ruptura radical em relação ao seu passado (BELL, p. 95). E, se esta mudança era baseada na técnica e na métrica e se constituía num tipo distintamente novo de organização social na história da humanidade, a “cultura contemporânea, voltada para o eu, combina as fontes mais profundas dos impulsos humanos com a moderna antipatia pela sociedade burguesa” (BELL, 1977, p. 528).

Ironicamente, isto tudo foi solapado pelo próprio capitalismo. Por intermédio da produção em massa, e do consumo também em massa, ele destruiu a ética protestante, promovendo zelosamente uma maneira hedonística de viver. Por volta de meados do século XX, o capitalismo procurou justificar-se, não pelo trabalho ou pela propriedade, mas sim pelos símbolos de *status* das posses materiais e pela promoção do prazer. A elevação do padrão de vida e o relaxamento da moral tornaram-se fins em si mesmos, como definição da liberdade pessoal (BELL, 1977, p. 528).

No entanto, parece ser lugar comum discutir-se sobre individualismo na contemporaneidade (HALL, 2006, p. 24), consumismo ou, por outro lado, criar-se uma espécie de preconceito em relação ao pensamento de Karl Marx, por exemplo, como que naturalizando-se uma forma de se conceber o mundo em detrimento de outra. O pensamento hegemônico, ao que nos parece, é o de que os demais sistemas não obtiveram o “sucesso” que o capitalismo estaria conseguindo. Um sucesso que precisa ser relativizado, quando se tem

consciência das ameaças, sempre presentes e reais ao meio-ambiente, quando se compara a sociedade atual com uma forma anterior, quando se percebe que viver é mais do que consumir em excesso, ou acentuar-se desigualdades sociais. Termos como alienação ou fetichização da mercadoria, na contemporaneidade, parecem caducos para muitos, mas o que se percebe é que ainda permanecem de certa forma, pois, há autores que se referem agora à “fetichização do fetiche” (FONTENELLE, 2006, p. 285) para descreverem a acentuação do valor simbólico que as mercadorias assumiriam através da publicidade e do marketing (as marcas).

Por outro lado, segundo Correa (2009), por exemplo, uma série de fatores estaria contribuindo para o aumento da expectativa de vida em todo o mundo (principalmente no Brasil), e, outro processo, mais complexo, também ocorreria: o da visibilidade social da velhice. Assim, a “face da velhice” na atualidade, enquanto construção social, se apresentaria sob aspectos bem diferentes daqueles do início do século XX. Como seria envelhecer num sistema em que a filosofia do novo, da renovação *ad infinitum* lhe é intrínseca? “O mercado, atualmente, não descarta mais qualquer espécie de consumidores, criando necessidades específicas e realizando uma inserção social baseada no consumo. Esse parece ser o caso da velhice, um dos últimos redutos agora cooptado pela economia capitalista” (CORREA, 2009, p. 32). Portanto, na busca incessante do lucro, o capital também se veria obrigado a mudar os conceitos sociais do envelhecer.

2.2.2 Consumo e contemporaneidade: dualidades

De acordo com Featherstone (1995) a maior contribuição de Baudrillard (1991) teria sido a de se apoiar na semiologia e argumentar que o consumo supõe a manipulação ativa de signos. O que se tornaria claro na sociedade capitalista tardia, “onde o signo e a mercadoria juntaram-se para produzir a ‘mercadoria-signo’”. A autonomia do significante, mediante a manipulação dos signos na mídia e na publicidade, por exemplo, significaria “que os signos podem ficar independentes dos objetos e estar disponíveis para uso numa multiplicidade de relações associativas” (FEATHERSTONE, 1995, p. 33). A superprodução de signos e imagens, simulações, resultaria na perda de um significado estável e na estetização exagerada da realidade, com um fluxo contínuo de justaposições confundindo o espectador (FEATHERSTONE, 1995, p. 34).

Assim, a sociedade de consumo torna-se essencialmente cultural, na medida em que a vida social fica desregulada e as relações sociais tornam-se mais variáveis e menos

estruturadas por normas estáveis. A superprodução de signos e a reprodução de imagens e simulações resultam numa perda do significado estável e numa estetização da realidade, na qual as massas ficam fascinadas pelo fluxo infinito de justaposições bizarras, que levam o espectador para além do sentido estável (FEATHERSTONE, 1995, p. 34).

Ainda nesse contexto, agora considerado pós-moderno, Jameson (2006) questiona uma pretensa liberdade promovida pelo mercado. O sucesso da ideologia do mercado não poderia ser explicado com razões advindas dele, mas sim através de uma versão metafísica, que associaria o mercado à natureza humana. Um ponto de vista formalizado por Gary Becker (*apud* Jameson), que construiu um modelo considerando o consumo como produção de uma mercadoria, ou bem específico, um valor de uso que poderia ser qualquer coisa (JAMESON, 2006, p. 275). A família, aqui, estaria sujeita, segundo Becker (*apud* Jameson) a uma homologia em relação às leis de mercado ou econômicas, e o tempo entraria como recurso também importante nesse modelo. A pretensa liberdade no seio familiar implicaria numa responsabilidade por tudo que fazemos.

No entanto, um modelo como o de Becker nos revelaria um mundo sem transcendência, sem perspectiva ou sentido, um mundo *pós-moderno*. É, na sequência, que Jameson (2006) fala de uma analogia entre mercado e mídia, explanando que, na verdade, nem a mídia ou o mercado se assemelhariam a seus respectivos conceitos. Em função disso o processo gradual do desaparecimento do espaço físico e a identificação gradual da mercadoria com sua imagem (marca, logomarca). Os produtos à venda seriam agora o próprio conteúdo das imagens da mídia. As mercadorias fariam parte do conteúdo de forma indistinta. Agora é o consumo do processo de consumo (JAMESON, 2006, p. 282). Os procedimentos de diversão e de narrativa da televisão comercial seriam “reificados” e transformados em mercadorias. Seria preciso armar uma teoria das modificações da esfera pública, ou seja, o aparecimento de um novo domínio da realidade das imagens, a um só tempo ficcional e factual. Hoje a cultura teria um impacto indissociável da realidade (JAMESON, 2006, p. 284).

Na América Latina, a respeito do tema consumo, Canclini (1999) apresenta conceitos como o de “hibridação cultural” e, para ele, a junção entre os termos “cidadãos e consumidores” se alteraria em todo o mundo de acordo com as mudanças econômicas, tecnológicas e culturais “pelas quais as identidades se organizam cada vez menos em torno de símbolos nacionais e passam a formar-se a partir do que propõem, por exemplo, Hollywood, Televisa e MTV” (CANCLINI, 1999, p. 14). Assim, as questões relacionadas aos cidadãos, informações e interesses, seriam respondidas antes pelo consumo privado de bens e meios de comunicação “do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação em

organizações políticas desacreditadas” (CANCLINI, 1999, p. 14). Canclini propõe uma reconceitualização do consumo como espaço que serviria para se pensar, o que não significaria dizer que houve uma “dissolução da cidadania no consumo, nem das nações na globalização”.

[...] ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua (CANCLINI, 1999, p. 46).

O autor quer dizer, com esse pensamento, que quando se seleciona e se consome bens, define-se o que é publicamente valioso, assim como os modos de se distinguir em sociedade (CANCLINI, 1999, p. 45). No entanto, tal pensamento é prontamente criticado por Sodré (2002) ao afirmar que despertaria a ilusão de uma nova “cidadania” por vias do mercado (SODRÉ, 2002, p. 64). “Ilusão, com efeito, porque cidadania é um conceito fundamentalmente político, ligado à tradição republicana, e não econômico-mercantilista. Levar em consideração o caráter técnico da constituição de uma cidadania nos dias de hoje não significa absolutamente atrelar esse conceito aos dispositivos do mercado” (SODRÉ, 2002, p. 64).

3 REDES SOCIAIS VIRTUAIS: DO INDIVIDUALISMO AO CAPITAL SOCIAL

Nesse capítulo procura-se estabelecer uma ponte entre uma das características contemporâneas ressaltadas por autores modernos e pós-modernos, o individualismo, e a sua superação, mesmo que momentânea ou parcial, por meio das novas tecnologias de comunicação e informação, alcançando-se um tipo de benefício coletivo a nosso ver intrinsecamente relacionado à cidadania e à comunicação: o capital social¹⁵.

3.1 NARCISISMO COMO EXPRESSÃO DO INDIVIDUALISMO

Certos autores norte-americanos se mostram céticos e pessimistas em relação aos anos pós-guerra, relacionando-os a um crescente individualismo nos EUA e também em outros países por conta da expansão do capitalismo. Para Lasch (1983), por exemplo, a década de 1970 representaria um enfraquecimento sensível em relação à percepção anterior de decurso de tempo, continuidade histórica:

Viver para o momento é a paixão predominante – viver para si, não para os que virão a seguir, ou para a posteridade. Estamos rapidamente perdendo o sentido de continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originaram no passado e que se prolongarão no futuro (LASCH, 1983, p. 25).

Desse modo, relacionando o individualismo norte-americano com o narcisismo crescente, Lasch (1983) raciocina que houve uma desagregação de tradições, até mesmo em função da própria história de povoamento dos EUA e de sua ruptura com a Europa. Tais tradições antigas de autossuficiência teriam sido minadas e com elas a competência em lidar com o cotidiano. Aos poucos o indivíduo norte-americano teria se tornado “dependente do Estado, da corporação e de outras burocracias” (LASCH, 1983, p. 30). “O Narcisismo representa a dimensão psicológica dessa dependência. Não obstante suas ocasionais ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua autoestima” (LASCH, 1983, p. 30). Assim, a liberdade de laços familiares simplesmente contribuiria para uma insegurança somente superada por seu eu refletido nas atenções de outras pessoas, ou “[...] ao ligar-se àqueles que irradiam celebridade, poder e carisma [...] Para o narcisista, o mundo é um espelho, ao passo que o individualista áspero o via como um deserto vazio, a ser modelado segundo seus próprios desígnios” (LASCH, 1983, p. 31).

¹⁵ Ver figura própria ao final do capítulo, p. 62. Figura 01.

Em outro contexto socioeconômico, mas refletindo igualmente a respeito da sociedade pós-moderna, Sodré (1994) assinala que esta:

[...] tem gerado novas formas de poder assentadas precisamente naquilo que os gregos teriam repudiado, ou seja, a união de Narciso com a máquina. [...] Narcisismo é agora uma extensão das noções freudianas (narcisismo primário e secundário), que se põe a serviço de um novo modo de organização do espaço social através de imagens, através de uma mobilização exacerbada do olhar (SODRÉ, 1994, p. 7).

Para o autor, estaria ocorrendo uma (na década de 1990) macrotelevisão ou teleorganização da sociedade, no entanto, acredita-se que Sodré (1994), assim como McLuhan (1964), na verdade traçavam de antemão as características de um futuro próximo, o da presença da internet. McLuhan (1964), coincidentemente, também se refere ao narcisismo despertado pelas “extensões de nós mesmos”:

É a contínua adoção de nossa própria tecnologia no uso diário que nos coloca no papel de Narciso da consciência e do adormecimento subliminar em relação às imagens de nós mesmos. Incorporando continuamente tecnologias, relacionamo-nos a elas como servomecanismos. Eis por que, para utilizar esses objetos-extensões-de-nós-mesmos, devemos servi-los, como a ídolos ou religiões menores (MCLUHAN, 1964, p. 63).

Sodré (1994), corroborando McLuhan (1964), ressalta a característica de jogo entre a imagem e o real, a importância do olho, afirmando que na civilização ocidental este teria sido investido da veleidade de uma visão universal. O olhar do indivíduo passaria, por meio do livro, do teatro e pintura no Renascimento, a ter uma autoridade ampliada, que possibilitou ao olho do sujeito da observação “um domínio sem precedentes”(SODRÉ, 1994, p. 18). Por outro lado, a sociedade atual levaria o indivíduo a encontrar sua identidade “fora do espaço da ambivalência, num *imaginário objetivado*, isto é, em imagens de cuja produção ou de cujo circuito dialético estaríamos cada vez mais afastados (simulacros)” (SODRÉ, 1994, p. 65). Continua o autor:

O espelho estendido pela teleorganização – e no qual o indivíduo é instado a se reconhecer – difrata continuamente simulacros, prontos a exibir a tecnoestrutura como único modelo com o qual cada um pode identificar-se para bem existir socialmente, mas prontos também a esvaziar o indivíduo de seus próprios modelos, suas imagens autônomas. Para tal sistema, é preciso, portanto, “objetivar o imaginário” (expropriando-o do indivíduo ou de quaisquer zonas indeterminadas) ou “ficcionalizar o real”, fazendo com que os simulacros ganhem um princípio de realidade (que eles não sejam “sonho”, pois tudo é feito ou filmado sob a ótica do “social”) é o que precisamente realiza a tevê, ao fundir imaginário e realidade, criando um espaço próprio, simulado, “surreal” (SODRÉ, 1994, p. 65).

Lipovetsky (2005), igualmente, traz contribuição avaliando que a pós-modernidade instala um novo estágio para o individualismo, justamente o narcisismo, que designaria novas relações do indivíduo consigo mesmo e com seu corpo, os outros, o mundo e o tempo num “momento em que o ‘capitalismo’ autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo” (LIPOVETSKY, 2005, p. 32). E sentencia: “Se a modernidade se identifica com o espírito do empreendimento e com a esperança futurista, é claro que, devido à sua indiferença histórica o narcisismo inaugura a pós-modernidade, a última fase do *homo aequalis*”¹⁶ (LIPOVETSKY, 2005, p. 32).

Assim, nesse contexto, a questão do narcisismo parece se relacionar também ao idoso (e não apenas a este segmento social) e à internet na medida em que se percebe, particularmente nas redes sociais, uma espécie de “imperativo imagético”, uma atenção que se volta ao ego (PAIVA, 2012, p. 3), trata-se de uma sobrevalorização da imagem do ser humano voltada para si mesmo, em contextos que não geram tensões sociais, mas que possibilitam algum tipo de ganho social, de aquisição simbólica por parte de quem se expõe. Além disso, segundo Oliveira (2014) haveria dois fatos significativos em curso: “o acelerado envelhecimento da população e a ampliação da ascensão às novas tecnologias e às redes digitais” (OLIVEIRA, 2014).

3.2 O ESPETÁCULO DO EU: O DECLÍNIO DO HOMEM PÚBLICO

Caminha-se, evidentemente, por espaços pautados por um capital cada vez mais fluido, impalpável, que alimenta os mais diversos tipos de transformações sociais, inclusive descritas por autores em diferentes épocas, mas, ao que parece, confluentes em características como as descritas por Sennett (1988) quando este investiga as transformações do consumo nas grandes metrópoles do século XIX argumentando que: “Multidões de pessoas estão agora preocupadas, mais do que nunca, apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares; essa preocupação tem demonstrado ser mais uma armadilha do que uma libertação” (SENNETT, 1988, p. 10). À época, os donos de lojas de departamentos começaram a trabalhar “mais o caráter de espetáculo de suas empresas, de maneira quase deliberada” (SENNETT, 1988, p. 183). E, assim, através da estimulação do comprador “para revestir os objetos de significações pessoais, acima e além de sua utilidade, surge um código de credibilidade que tornará lucrativo o comércio varejista de massa”.

¹⁶ *Homo Aequalis: Gênese e Desenvolvimento da Ideologia Econômica* é uma obra do antropólogo francês Louis Dumont, publicada em 1977. Através de sua análise, busca compreender os valores e ideologias da sociedade ocidental.

Atualmente, Sibilia (2008), retomando de certa forma o raciocínio de Sennett (1988), descreve as características gerais da sociedade midiática, que se organizaria em redes, voltada para o próprio eu. Para ela não se trata apenas da internet, mas dos indícios de que estaríamos vivendo uma época limítrofe, uma passagem de um certo “regime de poder” a outro político, sociocultural e econômico (SIBILIA, 2008, p. 19). Tanto na internet quanto fora dela, a capacidade de criação estaria sendo capturada sistematicamente pelos tentáculos do mercado, que atirariam essa força vital, ao mesmo tempo que a transformaria em mercadoria. Um combustível de luxo no capitalismo contemporâneo. Assim se transformariam também os tipos de ser e estar no mundo. E como influenciariam todas essas mudanças na criação de “modos de ser”? A construção do eu? A influência da cultura sobre a formação da personalidade seria inegável. Todos os exemplos, segundo Sibilia (2008), de sucessos saídos do meio *web*, tais como personalidades famosas por terem criados *blogs* que depois viraram livros, seriam, ao final, apenas peças dos dispositivos de poder mais amplos, voltados para a captura de qualquer expressão exitosa da criatividade humana.

No século XXI as personalidades são convocadas para que se mostrem, talvez um reflexo das privatizações dos espaços públicos. Uma sociedade fascinada pela visibilidade e pelo império das celebridades. No entanto, apesar dessa euforia, o acesso à internet, em todo o mundo, seria de forma privilegiada, podendo-se, inclusive, falar em *tecno-apartheid*. Portanto, seria impossível negar os laços entre as novas tecnologias e o mercado, instituição onipresente na contemporaneidade. Para a autora, os rituais desenvolvidos no meio virtual seriam manifestações de um processo mais amplo, de uma atmosfera sociocultural que nos envolveria e suas raízes poderiam estar na transformação histórica entre o público e o privado.

[...] Entre los estímulos para crear esa escisión público-privado, y para la gradual expansión de este último ámbito en desmedro del primero, figuran varios factores: la institución de la familia nuclear burguesa, la separación entre el espacio-tiempo de trabajo y el de la vida cotidiana, además de los nuevos ideales de domesticidad, confort e intimidad. Resulta significativo que todos estos elementos hoy estén en crisis y, probablemente, también en mutación (SIBILIA, 2008, p. 73).

Sibilia (2008) acredita, também, que os hábitos desenvolvidos no século XIX em relação à escrita dos “diários íntimos”, do estilo de “fluxo de pensamento” na literatura ou da “confissão” como ritual de discurso, descrito por Foucault, seriam expressões originárias do estilo atual de diário “extimo”, todas expressões de um *homo psychologicus*. Ainda, tais movimentos ou hábitos estariam promovendo “la definitiva extinción del ‘hombre público’, que ya había sido gravemente acorralado por la subjetividad burguesa del siglo XIX. Pero según la perspectiva del escritor, la privacidad también estaría amenazada hoy en día”

(SIBILIA, 2008, p. 88). A intimidade perderia fatalmente seu valor em oposição a uma esfera pública em decadência. No século XXI o segredo passaria a ser o que menos se desejaria, um aparente retorno aos modos de vida rural, antes da urbanização do Ocidente.

3.3 VELHICE VERSUS JUVENTUDE: UMA LUTA SIMBÓLICA ATUAL

A respeito das divisões entre as idades, Bourdieu (2003) argumenta que estas seriam arbitrárias: “De facto, a fronteira entre juventude e velhice é em todas as sociedades uma parada em jogo de luta” (BOURDIEU, 2003, p. 148). Citando Georges Duby, Bourdieu (2003) afirma que na Idade Média a juventude era motivo de manipulação por parte dos detentores do patrimônio. Assim, haveria um jogo de poder em relação à definição ou divisão entre jovens e velhos “As classificações por idade (mas também por sexo ou, evidentemente, por classe...) equivalem sempre a impor limites e a produzir uma *ordem* à qual cada um se deve ater, na qual cada um deve manter-se no seu lugar” (BOURDIEU, 2003, p. 152).

Ou seja, Bourdieu (2003) ressalta que a juventude e a velhice não seriam dadas, mas também construídas socialmente “na luta entre os jovens e os velhos” (BOURDIEU, 2003, p. 152). A idade seria um dado biológico socialmente manipulável e que “o facto de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação” (BOURDIEU, 2003, p. 153).

Ainda hoje, uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem sair da escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de acederem o mais depressa possível ao estatuto de adulto e às capacidades económicas que se lhe encontram associadas: ter dinheiro é muito importante como afirmação perante os amigos, perante as raparigas, permite-lhes saírem com os amigos e com as raparigas, e serem reconhecidos e reconhecerem-se como ‘homens’. É este um dos fatores do mal-estar que suscita nas crianças com origem nas classes populares uma escolaridade prolongada (BOURDIEU, 2003, p. 155).

O autor deixa claro seu posicionamento de que a velhice seria “uma perda de poder” e considera que a “[...] velhice é também um declínio social, uma perda de poder social e, deste ponto de vista, os velhos participam da relação com os jovens, que é característica também das classes em declínio” (BOURDIEU, 2003, p. 158-159). Portanto, assumir essa luta simbólica seria uma forma de reposicionamento cultural e social da velhice. A reinserção tanto dos idosos, sua imagem social, seus pensamentos e anseios, quanto de outros extratos ou atores da sociedade, nos meios de comunicação, na mídia, seria um importante passo para se

alcançar o reconhecimento, um empoderamento simbólico, mas não o único e suficiente para se alcançar a cidadania. Esta, como *status*, não é simplesmente alcançada pelo uso das Novas Tecnologia, mas certamente facilitada ou trabalhada ao longo do tempo, num processo amplo e complexo de transformações sociais, nas quais a comunicação proporcionada pelas NTIC's, assim como dos meios tradicionais, é fundamental.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 2000, p. 14).

Defende-se aqui, enfim, que o conceito de Bourdieu para “capital social” seria um dos mais adequados na reconstrução da imagem social da velhice e dos idosos, vinculando-se diretamente à questão da cidadania e à comunicação relacional. A velhice, em nosso entender, precisaria, assim, ter mais visibilidade, ser aceita novamente como parte natural da existência, inclusive esteticamente e, nesse sentido, apesar de todo o controle do mercado, a internet ainda seria uma ferramenta interessante no reposicionamento também das relações de força, onde novos modelos poderiam ser construídos. Mesmo que se argumente que a esfera pública virtual não seja ideal e esteja longe do modelo habermasiano, se assemelhando algumas vezes a algo autocentrado¹⁷, não se deve ignorar as dimensões, e possibilidades do espaço virtual na confluência com o conceito de capital social:

[...] o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, *à vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis. Essas ligações são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o re-conhecimento dessa proximidade (BOURDIEU, 2007, p. 67).

Para Matos (2007), o conceito não é novo e abarcaria interesses da sociologia, economia institucional, ciência política e áreas relacionadas com o desenvolvimento econômico e social (dentre elas o consumo da mídia) (MATOS, 2007, p. 57). No entanto, os

¹⁷ Fava (2014) analisa a ação e o impacto dos filtros do Facebook para a comunicação digital, no período de eleições para a reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2014. Ainda a respeito dos algoritmos e filtros do Google, pode-se conferir vídeo a respeito: <https://www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles>. A ideia de “bolha” parte da percepção de que Facebook e Google, na intenção de satisfazer o gosto de seus usuários, acaba personalizando os conteúdos dos usuários de forma autocentrada, ou seja, o usuário passaria a acessar links, perfis e conteúdos relacionados a seus próprios gostos ou preferências.

estudos teóricos da comunicação a respeito seriam ainda incipientes, possivelmente porque a comunicação seria considerada como parte secundária do processo. Sua revisão a respeito das relações entre capital social e internet (MATOS, 2007, p. 64) sugere que a esfera digital conduziria a “novas formas de comunidade, ao prover um espaço de encontro de pessoas com interesses comuns, ultrapassando limitações de espaço e tempo” (MATOS, 2007, p. 64). No entanto, também poderia afastar ou reduzir os contatos reais e até telefônicos em relação à vida pública e comunidade local ou familiares. Outra suposição seria a de que a internet suplementaria o capital social ao envolver as pessoas e contribuir para ampliar os padrões existentes de contato social e envolvimento cívico (MATOS, 2007, p. 65). Matos, citando Uslaner, conclui que a internet pode estar contribuindo para novas formas de interação e que o fato das pessoas não interagirem em espaços públicos visíveis não significaria que estariam isoladas, portanto seria necessário redefinir a compreensão do que seria o capital social (MATOS, 2007, p. 67).

3.4 REDES SOCIAIS VIRTUAIS E CAPITAL SOCIAL

As redes sociais na internet representam espaço atual para o exercício do narcisismo de seus usuários (como visto anteriormente no item 3.2), no entanto, mais do que isso, para os idosos parece se constituir em algo positivo na medida em que lhes dá a oportunidade de serem vistos, de se inserirem numa realidade social e lutarem contra uma possível exclusão. Na internet, através de fotos, diálogos, páginas, discussões, estes têm um acesso facilitado, uma vez que não se exige deles o deslocamento físico. Segundo Wasserman (2014): “Um dos principais motivos dos idosos utilizarem as novas tecnologias é a possibilidade de estarem incluídos na sociedade, ou seja, ser ativo e fazer parte do novo panorama” (WASSERMAN, 2014, p. 4). Além disso, 75% dos idosos pesquisados por Wasserman faziam uso do Facebook, sendo que as principais atividades eram enviar mensagens instantâneas e adicionar e visualizar fotos.

Recuero (2009) argumenta que um elemento relativo à qualidade das conexões de uma rede social na internet seria o capital social. De acordo com Matos (2009) a expressão “capital social” teria sido empregada pela primeira vez por Lyda J. Hanifan, em 1916, “que o definiu como um conjunto de relações sociais marcadas pela boa vontade, camaradagem e simpatia, atributos muito próximos do *goodwill* utilizado para definir as relações públicas na sua origem.” (MATOS, 2009, p. 34 e 35). No entanto, uma análise sistemática do conceito de

capital social só teria surgido com o artigo “*Le capital social: notes provisoires*”, de Pierre Bourdieu, em 1980. Ainda segundo Matos (2009), para Bourdieu “o capital social descreve circunstâncias nas quais os indivíduos podem se valer de sua participação em grupos e redes para atingir metas e benefícios. Assim, além de atributo individual, o capital social é visto como componente da ação coletiva, ativando as redes sociais.” (MATOS, 2009, p. 35).

O conceito de capital social, estudado por diversos autores, seria um indicativo da “conexão entre pares de indivíduos em uma rede social” (RECUERO, 2009, p. 44), no entanto, não haveria concordância entre os estudiosos. Em Bourdieu, por exemplo, o capital social seria definido como: “[...] um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão vinculados a um grupo, por sua vez, constituído por um conjunto de agentes que não só são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por relações permanentes e úteis” (BOURDIEU, 1998, p. 67). Além disso, o capital social seria constituído a partir de dois componentes:

[...] um *recurso* que é conectado ao *pertencimento* a um determinado grupo; às relações que um determinado ator é capaz de manter; e o *conhecimento e reconhecimento mútuo* dos participantes de um grupo. Esse conhecimento transformaria o capital social em capital simbólico, capaz de objetivar as diferenças entre as classes e adquirir um significado (RECUERO, 2009, p. 47).

Tal acepção, ainda de acordo com Recuero (2009), estaria diretamente relacionada aos interesses individuais, uma vez que seria das relações sociais que se teria alguma vantagem pessoal. Não é difícil perceber o quanto esta noção seria proveitosa à presença dos idosos na internet. Ao participarem de redes sociais, compartilharem fotos e mensagens, estes estariam também compartilhando uma espécie de capital social na medida em que passariam a se sentir parte de um grupo, mesmo que virtualmente e desterritorializado. No entanto, esta seria uma característica a favor dos idosos que não dispõem de mobilidade urbana ou que socialmente não são mais vistos. O fato de se inserirem numa rede social virtual contribuiria para que eles saíssem da “conspiração de silêncio” referida por Beauvoir (1990).

Realizando, enfim, uma discussão a respeito de concepções diferentes de capital social – a partir de Putnam, Bourdieu, Coleman dentre outros – Recuero (2009) propõe uma definição para capital social que seria, segundo ela, mais adequada para as redes sociais:

[...] como um *conjunto de recursos* de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam). Ele está embutido nas relações sociais

(como explica Bourdieu) e é determinado pelo conteúdo delas (RECUERO, 2009, p. 50).

Assim, é possível vislumbrar nas redes sociais, como Recuero (2009) identificou, características que facilitariam um comportamento narcísico, mas, para além disso, uma maneira de se portar, quem sabe um *habitus* do internauta das redes sociais virtuais em expor o eu, o *self*, e isto se constituiria, para o idoso, numa forma de ser visto, de passar a existir, de conseguir “compartilhar” os seus signos e significados e lutar por uma ressignificação social. Paiva (2012) descreve essa característica em que os participantes “tendem a exhibir a sua ‘persona midiática’ num patamar simbólico de distinção, evitando compartilhar as imagens mais modestas”. Desta forma, o narcisismo nas redes sociais virtuais se transformaria inclusive num capital simbólico, fundamental para as relações (PAIVA, 2012, p. 4).

Algo que faria muito sentido para os idosos, uma “comunicação” com o significado próximo ao proposto por Mainieri (2013), que entende a comunicação “enquanto um espaço de interlocução e intervenção do cidadão no debate de questões de interesse público”, ou seja, no sentido de uma comunicação contra-hegemônica (MAINIERI, 2013, p. 57). Afinal, na medida em que um grupo social se esforça por valer suas questões, ser visto, reconhecido como parte importante do tecido social, isso também não seria interesse público? Mainieri (2013) ressalta a importância em se romper com a mídia tradicional:

As mutações ou revolução tecnológica, como queiram os autores, de fato impactam em novas configurações nos processos comunicacionais. Cabe à sociedade apropriar-se e conceber uma comunicação genuinamente dialógica, calcada na participação plural e não hegemônica de diversas vozes. Vozes que ecoam e que têm seu lugar de fala garantido. É necessário romper com a lógica comunicacional que privilegia o monólogo (MAINIERI, 2013, p. 57).

Este movimento seria o de uma espécie de “saída do silêncio” dos idosos, apoderar-se para ter voz, entrar em sintonia para destoar porque a realidade social, na mídia tradicional, muitas vezes se transforma num falso reflexo, algo que não corresponde ao real mas que, ao mesmo tempo, se ancora nele (SODRÉ, 2002, p. 23). No entanto, nos ambientes digitais da nova mídia, o usuário se move trocando sua representação clássica por uma “vivência representativa”: “O ‘espelho’ midiático não é simples cópia, reprodução ou reflexo, porque implica uma forma nova de vida, com um novo espaço e modo de interpelação coletiva dos indivíduos, portanto, outros parâmetros para a constituição das identidades pessoais” (SODRÉ, 2002, p. 23). Trata-se aqui de uma luta por significação social. É preciso se adaptar a esse novo meio para sobreviver.

A respeito das redes sociais e de suas possibilidades para o idoso, concorda-se aqui com o posicionamento de Lemos e Lévy (2010), quando estes atualizam o debate a respeito das comunidades virtuais e afirmam:

[...] podemos dizer que, com as comunidades virtuais e as atuais redes sociais do ciberespaço, seus membros compartilham um espaço telemático e simbólico [...] mantendo certa permanência temporal e fazendo com que seus participantes sintam-se parte de um agrupamento de tipo comunitário, diferentemente de outros que podem se dar no mesmo espaço telemático sem, no entanto, guardarem qualquer vínculo afetivo e/ou temporal (LEMOS, 2010, p. 102).

Retornando ao pensamento de Recuero (2009), nesse ponto opta-se por uma posição positiva em relação à internet e às Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's) bem como à chamada Comunicação Mediada pelo Computador (CMC). A internet, nos termos da discussão de Recuero (2009, p. 52), “muitas vezes, constitui-se em uma via alternativa para o envolvimento em grupos sociais. A mediação pelo computador, assim, seria uma via de construção do capital social, permitindo a indivíduos acesso a outras redes e grupos” (RECUERO, 2009, p. 52). Aqui o conceito de reputação parece se ligar ao de imagem pública e se define, no ambiente virtual, no fato “de que há informações sobre quem somos e o que pensamos, que auxiliam outros a construir, por sua vez, suas impressões sobre nós” (RECUERO, 2009, p. 109).

Lemos (2010) estende o mesmo pensamento de Recuero (2009) ao afirmar que “os instrumentos do ciberespaço permitem a famílias dispersas, assim como às pessoas geograficamente afastadas do lar geográfico de sua comunidade nacional, manter contato estreito com seu grupo de pertencimento, principalmente com as novas tecnologias móveis” (LEMOS, 2010, p. 105). A questão que se impõe, enfim, é também a capacidade de um grupo ou indivíduo de ser visto, de produzir comunicações que consigam ressignificar as representações sociais de si mesmo. Só assim se poderia alcançar o ideal de um dos aspectos da cidadania, o de pertencimento e reconhecimento como parte igual na sociedade, e a mídia, ou neste caso a internet, se transforma em instrumento de construção de identidade, numa relação com o outro e de “alcance de visibilidade dentro da sociedade” (TUZZO, 2014, p. 164). Essa relação de alteridade não se consegue de uma hora para outra, no entanto, há que se começar de algum lugar, afinal, como diria Beauvoir (1990): “É a inércia que é sinônimo de morte. Mudar é a lei da vida. É um certo tipo de mudança que caracteriza o envelhecimento: irreversível e desfavorável – um declínio” (BEAUVOIR, 1990, p. 17).

Aprofundando a respeito do conceito de capital social, Matos (2009) expõe que o seu estudo, bem como suas relações com o desenvolvimento social e econômico, dar-se-ia

segundo quatro abordagens: a comunitária, a das redes, a institucional e a sinérgica. Para os objetivos desse trabalho, a abordagem das redes torna-se interessante na medida em que “é abrangente, pois mescla características do capital social com laços fortes (intracomunitários) e fracos (intercomunitários), horizontais e verticais, abertos e fechados.” (MATOS, 2009, p. 40). Os laços verticais definiriam o capital social como algo que une os integrantes de um grupo, enquanto os laços horizontais promoveriam o surgimento de pontes entre grupos. (MATOS, 2009, p. 40). Também se pode abordar o capital quando se refere ao laços sociais que são criados, uma vez que o capital social pressupõe a existência de laços de dependência recíproca: “laços intensos, personalizados, carregados de emoção; ou laços fracos, funcionais, ainda que duráveis, reconhecidos e respeitados.” (MATOS, 2009, p. 46).

As relações entre o capital social, a cidadania e a comunicação acabam por se tornar evidentes. Tanto que Matos (2009), inclusive, relata estudos incipientes de um tipo de capital intrinsecamente relacionado à comunicação, o “capital comunicacional”, que poderia ser identificado por padrões de redes sociais (MATOS, 2009, p. 10).

Os processos de articulação dos indivíduos em redes potencializam não só as oportunidades de aprofundamento reflexivo de conversações informais, mas também alimentam práticas cívicas e participativas, colaborando para um aumento das trocas e debates críticos entre diferentes grupos sociais. (MATOS, 2009, p. 210).

Portanto, o conceito de capital social se relaciona intimamente com as interações nas redes sociais que, se concretizaria “por meio de práticas comunicativas nas relações face a face e naquelas caracterizadas pela presença dos meios de comunicação massivos ou das tecnologias de informação e comunicação.” (MATOS, 2009, p. 70). A cidadania, por meio do conceito de capital social, se transformaria quase em corolário, estabelecido também por Matos (2009), uma vez que o conjunto dessas trocas sociais norteadas pelas normas de confiança e reciprocidade contribuiria para o desenvolvimento do capital social:

Esse conjunto de trocas sociais guiadas pelas normas de confiança e reciprocidade pode contribuir para o desenvolvimento do capital social, como componente que integra os elementos ativos do capital humano e físico. E ainda, como resultado dessas relações comunicativas, é possível que sejam engendradas ações de engajamento cívico. (MATOS, 2009, p. 70).

Como desvincular “ações de engajamento cívico” do conceito de cidadania? Ainda, Matos (2009), ao realizar uma revisão do conceito de opinião pública, bem como do de esfera pública, ressalta a importância da conversação cotidiana (entenda-se aqui comunicação) na formação daquela e considera que a maneira como interpretaríamos o mundo dependeria de

um tipo de conhecimento que seria compartilhado e “constituído nas conversações rotineiras que nos permitem viver juntos, interagir com os outros. Esse conhecimento proporcionado pela conversação cotidiana é também responsável pela formação da opinião pública”. (MATOS, 2009, p. 81). É claro que, na constituição da opinião pública, as conversações por si só não seriam suficientes para satisfazer “o critério de conhecimento que permanece ligado ao debate público e à formação da opinião.” (MATOS, 2009, p. 81). Para Matos (2009), a conversação assumiria uma função complementar na formação da opinião pública. Matos (2009) adota a expressão “conversação cívica” procurando caracterizar “a importância das trocas comunicativas cotidianas que os cidadãos estabelecem entre si, diferenciando-as das trocas realizadas com autoridades públicas e administrativas.” (MATOS, 2009, p. 86). O termo “cívico” se relacionaria às condições:

[...] fundamentais necessárias às interações comunicativas que têm por objetivo a compreensão coletiva de uma questão ou um problema de interesse geral, sendo baseadas nas trocas de pontos de vista e na tentativa coletiva de estabelecer um diálogo sustentado pela cooperação e pelo questionamento mútuo. (MATOS, 2009, p. 86).

Dessa forma, a conversação cívica “cotidiana entre amigos, familiares, vizinhos, conhecidos, colegas de trabalho e mesmo desconhecidos, sobre questões de interesse público, prepara o caminho para seu engajamento em processos decisórios formais e normativos.” (MATOS, 2009, p. 87). A conversação cívica, a nosso ver, seria a questão central e ponte de ligação da comunicação com o conceito de cidadania, mais do que isso, como se discutirá mais adiante. A conversação, ou comunicação a nosso ver, assim como afirma Matos (2009) seria parte significativa, de modo geral, “da socialização e integração cultural, contribuindo para a formação de redes de interação, de confiança e de laços de solidariedade - elementos que compõem a base do conceito de capital social.” (MATOS, 2009, p. 89).

4 CIDADANIA COMUNICACIONAL: OS IDOSOS E AS NTIC'S

O objetivo deste capítulo é buscar uma aproximação entre o conceito de cidadania e o de comunicação, bem como apresentar a realidade social atual, permeada pelas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's) e discutir as possibilidades desse contexto para a cidadania dos idosos. Inicialmente, quais seriam os tangenciamentos entre comunicação e cidadania? As imbricações? Investigar essas nuances se constitui em auxílio fundamental no entendimento de como as NTIC's poderiam estar influenciando a transformação e/ou desenvolvimento da cidadania entre os idosos. O ponto de partida é a inegável relação entre os dois conceitos, pois, uma espécie de simbiose aconteceria quando um se alimentaria do outro e possibilitaria a geração de algo mais, uma realidade em transformação constante. Quanto à cidadania, os inúmeros autores que se referem à sua definição recorrem ao estudo clássico do sociólogo inglês T. H. Marshall (1967), que a define como um *status* de quem é possuidor de certos direitos: civis, políticos e sociais. No entanto, Pinsky (2005) destaca a importância de se mostrar a complexidade da sociedade moderna e a consequente incapacidade desse conceito, clássico, reflexo de um outro contexto, em dar conta da realidade que se apresenta no século XXI.

Nessa mesma linha de raciocínio, de uma necessidade de atualização e revisão, Gorczewski (2011) argumenta que esse conceito deve ser complementado em seus elementos básicos porque novos direitos, que não se encaixariam na tipificação original, teriam sido criados no século seguinte (XXI), direitos esses não descritos por Marshall (1967). O mesmo autor também dá razão a Cortina (2005) quando esta assegura que qualquer conceito de cidadania deve integrar: um *status legal* (direitos); um *status moral* (deveres) e uma *identidade* pela qual uma pessoa se sentiria integrada a uma sociedade (GORCZEWSKI, 2011, p. 29). Por fim, Gorczewski (2011) defende a cidadania como a conjunção de três elementos: 1) a garantia de certos direitos; 2) o pertencimento a uma comunidade política determinada; 3) a oportunidade de contribuir na vida pública dessa comunidade através da participação. Fica evidente, também, a partir dos autores referenciados, um aspecto do conceito de cidadania, o histórico. Um processo em constante evolução, assim como os direitos que não nascem de uma só vez, a cidadania se formaria e se transformaria aos poucos, historicamente e de acordo com os diferentes momentos sociais (GORCZEWSKI, 2011, p. 27).

Por outro lado, mas de forma similar, pode-se argumentar que o conceito de comunicação também passa e passou por várias reformulações e teorias, de acordo com o momento histórico-social. Se em seus primórdios a comunicação se referia à troca de

informações de um ponto a outro (teoria cibernética), numa linha constituída por emissor e receptor, atualmente é considerado um conceito bem mais complexo, de acordo com Sodré (2014). Num sentido mais amplo, a comunicação compareceria no plano ecológico, biológico, social e econômico, onde quer que haja seleção e combinação de sinais e signos (SODRÉ, 2014, p. 19). Ainda no mesmo raciocínio, Sodré (2014) resgata o sentido original da palavra *comunicar*, que seria “agir em comum” ou “deixar agir o comum”, conseqüentemente uma outra definição resultante que seria: “os seres humanos são comunicantes (...) porque *relacionam* ou *organizam* mediações simbólicas – de modo consciente ou inconsciente – em função de um *comum* a ser partilhado”. (SODRÉ, 2014, p. 9).

Naturalmente, as definições apresentadas caminham no sentido de se pesquisar, aqui, que tipo de cidadania os idosos estariam desenvolvendo atualmente e se a comunicação estaria trazendo ou oferecendo oportunidades de transformação a ela. Parece óbvio inferir que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação impactam sim no cotidiano dessas pessoas, nessa faixa etária, mas as nuances dessa influência é que se busca esclarecer através desse trabalho de pesquisa. Portanto, há que se considerar primeiramente que a comunicação é parte integrante e conformadora da cidadania atual, que envolve um mundo profundamente entretecido pela técnica. Desse modo, adota-se aqui o conceito de “cidadania comunicacional”, sugerido por autores do campo comunicacional (SIGNATES, 2013).

4.1 COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Nesse momento, cabe pequeno excerto no sentido de abraçar os conceitos abordados acima, a fim de se estabelecer uma trama mais consistente aos objetivos desse trabalho de pesquisa. Nesse sentido, voltamos nossa atenção ao comunicacional quando este nos proporciona ou passa a significar um maior equilíbrio entre todas as esferas da vida, isto é, como uma ciência do comum (SODRÉ, 2014) que poderia ser o espaço para se retomar esse caminho, de reconduzir o homem ao “lugar de sua humanidade, na sua essência de futuro” (LEÃO, 1977). E é nesse caminho que se compartilha, aqui, a visão de Wilden (2001), em relação à comunicação (conceito) encarada de um ponto de vista globalizante ou sistêmico, que implicaria diretamente tudo e todos (WILDEN, 2001, p. 108). A comunicação, portanto, não começaria apenas ou terminaria ‘apenas’ através dos meios de comunicação, ela poderia se iniciar em qualquer lugar e mediatizaria todas as relações humanas, ou seja, o modo como

um sistema vivo se utilizaria da informação para se organizar, essa organização, seria a própria comunicação. Tal sistema seria um subconjunto da natureza ou da sociedade, um subsistema, e assim se poderia conceber também os meios de comunicação (sem desconsiderar sua importância). Os campos biológico e social seriam um complexo de relações entre sistemas abertos num ambiente geral, sendo ‘aberto’ um sistema ao “fluxo de matéria, energia, informação” e por sistema “um conjunto organizado [...] e dotado de fontes próprias de energia renovável (WILDEN, 2001, p. 110). A comunicação se daria, enfim, na fronteira entre o “sistema” e o “ambiente”.

Sodré (2014), ao que parece, compartilha ou ao menos simpatiza com esse raciocínio ao também expor sua ideia: “Num sentido mais amplo, porém, ele [o termo comunicação] comparece no plano ecológico, biológico, social e econômico, onde quer que haja seleção e combinação de sinais e signos, como acontece em sistemas comunicativos próprios de animais” (SODRÉ, 2014, p. 19). Sodré (2014), à primeira vista, coincide com o pensamento de Wilden ao propor uma “ciência do comum”, defendendo a pluridisciplinaridade da comunicação, mas, um comum “sentido antes de ser pensado ou expressado, portanto, é algo que ancora diretamente na existência” (SODRÉ, 2014, p. 204). Wilden (2001), por seu lado, argumenta que a semiótica (citando Charles Morris) teria sido organizada enquanto campo, em semântica (significação), sintática (disposição) e pragmática (comportamento). Portanto, o problema que se colocaria à comunicação, segundo esse ponto de vista da semiótica, seria antes o “modo como a informação deveria ser definida, reconhecida, orientada e utilizada por sistemas específicos e no interior deles” (WILDEN, 2001, p. 111).

De acordo com Wilden (2001) o sistema econômico capitalista teria atingido um ponto em que, necessariamente, precisaria rever suas inter-relações econômicas e naturais, o que poderia influenciar na sobrevivência das sociedades como um todo (inclusive dos extratos mais velhos da população humana). Citando “outras” sociedades, privadas da “escrita”, Wilden (2001) descreve-as como portadoras de outra compreensão, ou seja, o predomínio de relações invisíveis de “informação” na organização, produção, reprodução e conservação nos sistemas naturais e sociais. Uma maneira de ver e se portar diante do ambiente resultado de milhares de anos, experimentação, provas e verificações, dos quais a sociedade contemporânea não tem ou teria pouca experiência. Uma relação co-evolutiva entre aquelas sociedades e a natureza, e outros grupos sociais.

A co-evolução seria uma relação ou conexão informacional com o ambiente natural, da qual a sociedade ocidental teria se considerado afastada, ou, a sociedade moderna teria considerado que sua união com a natureza poderia ser rompida. No entanto, ao invés de se

libertar, ou se imaginar separada da natureza, para poder explorá-la. A natureza teria passado, então, a se adaptar à desordem humana, até certo ponto porque esta poderia se ver obrigada a se tornar hostil à vida do homem. O Ocidente, portanto, não teria entendido a maneira simbiótica com que tantas “outras” sociedades teriam desenvolvido suas relações em função da natureza e em cooperação desta.

A sociedade moderna, segundo Wilden (2001) teria relegado aquelas sociedades ditas “primitivas” ao fundo da escala evolutiva do “progresso humano”, no entanto, estas estariam muito mais próximas da interação informativa nos ecossistemas reais, “do que a maior parte da ciência moderna” (WILDEN, 2001, p. 117). O autor faz questão de ressaltar que o objetivo é sempre a comunicação, uma orientação dialética, cibernética, contextual e ecossistêmica. Além disso, também frisa que a dialética da natureza seria somente a dos sistemas orgânicos porque estes seriam povoados de subsistemas voltados para certos objetivos, e com mecanismos de autocorreção de erros. Wilden (2001) resume: “A essência da dialética não é a mudança inesperada ou qualitativa enquanto tal, mas a adaptação e a morfogênese: a geração, na evolução e na história, de novas estruturas de produção e reprodução”. Inclusive, a dialética não seria uma relação, para o autor, entre matéria e energia, mas de comunicação, “exatamente como sugere o seu conceito central, o de contradição” (WILDEN, 2001, p. 119).

Enfim, o pensamento de Wilden (2001) reforça uma perspectiva sistêmica, multidimensional de informação e que, “em última análise, todas as formas de comportamento biológico e socioeconômico são em primeiro lugar formas e processos de comunicação” (WILDEN, 2001, p. 128). Fazendo uma avaliação das concepções medievais e renascentistas, Wilden raciocina, ainda, que na Idade Média e Renascimento a metáfora da “comunicação” ou da “informação” eram utilizadas de modo muito mais amplo do que acontece atualmente (WILDEN, 2001, p. 129).

O pensamento cartesiano e newtoniano, que influenciou o Ocidente de forma inegável, teria sido a origem da invenção da “representação filosófica da alienação socioeconômica, o solipsismo” (WILDEN, 2001, p. 130). E só agora, na atualidade, a sociedade ocidental estaria se voltando novamente para uma concepção “informacionista da imanência do lugar de vínculo e de controle nas relações entre os componentes ‘parciais’ de um ecossistema”. Os modelos newtoniano e cartesiano não seriam mais suficientes para explicar a realidade social e biológica e seu equilíbrio energia-entidade.

A mercantilização progressiva do mundo teria se tornado dominante sobre as formas de valor de uso, o capital se constituiria no princípio predominante da organização do potencial de trabalho e, portanto, as exigências “econômicas eram privilegiadas relativamente

às sociais e humanas” (WILDEN, 2001, p. 134). Finalmente, a mercantilização capitalista poderia transformar qualquer relação numa mercadoria de troca, por exemplo, literatura, artes, conhecimento ou notícias (rádio, TV, jornal). No século XX o cinema, televisão e publicidade teriam produzido uma “indústria da consciência” com o objetivo de produzir ou reproduzir uma determinada ideologia, em qualquer sociedade.

4.2 SOLIDÃO (AUSÊNCIA DE COMUNICAÇÃO?)

As reflexões realizadas no Capítulo 2, dessa dissertação, a respeito de nosso contexto atual, entendido por alguns como pós-modernidade, são valiosas contribuições para o pensamento contemporâneo, de que se vive imerso em imagens e espetáculos criados pelos meios de comunicação, em função de nosso sistema econômico; e esse fluxo comunicacional determinaria a forma como se enxerga a existência humana. Em seu trabalho sobre a velhice no Brasil, Correa (2009) afirma que seria na velhice que recairia, apesar de todos os esforços do mercado em atrair este segmento, “de forma mais intensa, o isolacionismo da sociedade contemporânea. A condição de solidão a que muitos idosos estão submetidos é avassaladora. O afastamento do mundo do trabalho, única condição de expressão e valor humanos, da vida social, do lazer e isolados no próprio espaço doméstico, suas possibilidades de contato e apropriação do mundo encontram-se bastante reduzidas” (CORREA, 2009, p. 15).

Experimentar a finitude humana no corpo é algo único frente ao interdito do contemporâneo que prega a impossibilidade da vivência do envelhecimento com a cultura de valores relativos à juventude. Tais valores correspondem não à rebeldia que consideramos típica em adolescentes, mas aos padrões de beleza impostos pelo mercado (CORREA, 2009, p. 15).

À primeira vista, poder-se-ia considerar o conceito de Solidão como a ausência de comunicação e, portanto, a negação da comunicação e da transformação da própria cidadania. No entanto, tal conceito, muito presente e relacionado aos estudos sobre a velhice e o idoso, não deve ser confundido com o de ausência de comunicação em relação ao outro. De acordo com Capitanini (2000), haveria, no campo de pesquisa sobre a solidão, um modelo predominante de medida, o cognitivo, que consideraria que a solidão seria uma “experiência essencialmente afetivo-cognitiva, não necessariamente dependente do isolamento social, mas sim da discrepância existente entre o que a pessoa deseja e o que efetivamente possui em termos de quantidade e qualidade de apoio social e afetivo.” (CAPITANINI, 2000, p. 20). Dessa forma, pessoas isoladas não necessariamente se sentiriam solitárias e, por outro lado,

pessoas integradas poderiam se sentir solitárias, ou seja, o “isolamento e a solidão não são necessariamente coincidentes.” (CAPITANINI, 2000, p. 20). Viver sozinho, ou a ausência do outro não seria obrigatoriamente uma condição negativa.

Sob o ponto de vista cognitivo, a solidão pode ser considerada como uma experiência afetiva na qual alguém começa a ter a sensação de estar à parte dos outros e à parte das redes ou dos sistemas de apoio social, situação experimentada por algumas pessoas idosas que têm os contatos sociais diminuídos ou ausentes. (CAPITANINI, 2000, p. 20).

Ainda de acordo com a autora, a obra considerada pioneira no estudo da solidão teria sido publicada nos Estados Unidos, em 1973, por Robert S. Weiss, *Loneliness: The Experience of Emotional and Social Isolation*, nessa obra Weiss teria estabelecido que a solidão resultaria de déficits em um ou mais tipos dos seguintes relacionamentos:

1) *de apego*, do qual as pessoas derivam senso de segurança; 2) *de integração social*, que é proporcionado por uma rede de relações sociais; 3) *de cuidado e dedicação*, em que uma das partes se compromete com o bem estar da outra; 4) *de reafirmação de valor*, pela qual as capacidades e habilidades da pessoa são reconhecidas por outrem; 5) *de aliança*, em que os envolvidos concordariam e pactuariam que uns podem contar com a assistência dos outros; 6) *de orientação*, quando a pessoa recebe conselhos. (CAPITANINI, 2000, p. 21).

Outro elemento considerado central à experiência de solidão seria a possibilidade de escolha das relações sociais (CAPITANINI, 2000, p. 25). Relações mais próximas ou familiares demandariam maiores obrigações relativamente às relações estabelecidas com amigos, que seriam mais livres e optativas, portanto, mais positivas de um certo ponto de vista. Assim, na base das experiências de isolamento social e isolamento emocional, relativas à solidão “existem eventos sociodemográficos, psicossociais, biológicos e culturais que irão determinar o seu significado e o seu grau de desejabilidade para o indivíduo e para o seu grupo de referência. Significado e desejabilidade são, assim, aspectos centrais à avaliação da solidão feita pelo indivíduo e a coletividade.” (CAPITANINI, 2000, p. 26). No entanto, a autora faz questão de ressaltar, “solidão e isolamento não são prerrogativas da velhice. Condição psicossocial complexa, a solidão é experimentada em diferentes culturas e de maneira peculiar por mulheres e homens de diferentes idades.” (CAPITANINI, 2000, p. 29). Segundo Pais (2006), que concorda com essa noção de solidão exposta por Capitanini (2000), ainda haveria tipos de solidão, dentre eles, a *solidão da procura* (PAIS, 2006) que seria aquela que se orientaria para a conexão, o estabelecimento de “redes de comunicação”.

Nessa tipologia, a sociedade contemporânea traria ganhos à individualidade mas também perdas em relação ao “sentimento de pertença comunitária”, ou seja, num processo inverso ao da dessocialização promovida pela vida digital seria uma busca incessante por conexão.

Como vimos no caso dos afetos virtuais, nem sempre as razões de busca de conexão se anulam quando a conexão se alcança. Por vezes, procura-se que o outro seja virtualmente ator no teatro que a imaginação de cada um constrói. Se o outro se recusa a desempenhar adequadamente o papel que se lhe atribui, ou se o joga mal, pode emergir um sentimento de desconforto. Desse desconforto alimenta-se a solidão logo que se constata que ninguém quer ser ator no cenário dos desejos que, compulsivamente, pressupõem a cumplicidade do outro. (PAIS, 2006).

Segundo Pais (2006), os relacionamentos amorosos através do computador ou internet incentivariam a comunicação, mas não um tipo de comunicação recíproca em interesses porque a relação envolveria um outro imaginário e, “quando assim acontece, comunica-se sobretudo a impossibilidade de comunicar” (PAIVA, 2006). Na compreensão de Flusser (2007), a comunicação humana seria um processo artificial, baseado em artifícios, ferramentas e instrumentos que levariam a uma comunicação “não natural”, ou seja, o homem se comunicaria com outros homens por meio de artifícios e muitas vezes não teria consciência disso, do código presente num simples gesto, que teria uma segunda natureza. E o objetivo desse mundo codificado seria “que esqueçamos que ele consiste num tecido artificial que esconde uma natureza sem significado, sem sentido, por ele representada” (FLUSSER, 2007, p. 90).

Pode-se afirmar, na verdade, que a comunicação só pode alcançar seu objetivo, a saber, superar a solidão e dar significado à vida, quando há equilíbrio entre discurso e diálogo. Como hoje predomina o discurso, os homens sentem-se solitários, apesar da permanente ligação com as chamadas ‘fontes de informação’. E quando os diálogos provincianos predominam sobre o discurso, como acontecia antes da revolução da comunicação, os homens sentem-se sozinhos, apesar do diálogo, porque se sentem extirpados da história. (FLUSSER, 2007, p. 98).

Para Flusser (2007) o objetivo da comunicação humana seria nos ajudar a esquecer do contexto insignificante em que nos encontraríamos “completamente sozinhos e ‘incomunicáveis’ – ou seja, é nos fazer esquecer desse mundo em que ocupamos uma cela solitária e em que somos condenados à morte – o mundo da ‘natureza’.” (FLUSSER, 2007, p. 90). Finalmente, trazendo uma visão mais próxima da cidadania e relacionando as duas noções, isolamento e solidão, de uma perspectiva política, Arendt (1998) pontua que “Isolamento e solidão não são a mesma coisa. Posso estar isolado - isto é, numa situação em

que não posso agir porque não há ninguém para agir comigo - sem que esteja solitário; e posso estar solitário - isto é, numa situação em que, como pessoa, me sinto completamente abandonado por toda companhia humana - sem estar isolado.” (ARENDT, 1998, p. 527). O isolamento, afinal, seria o impasse em que os homens estariam quando a esfera política, onde agiriam em prol de um interesse comum, fosse destruída.

Enquanto o isolamento se refere apenas ao terreno político da vida, a solidão se refere à vida humana como um todo. O governo totalitário, como todas as tiranias, certamente não poderia existir sem destruir a esfera da vida pública, isto é, sem destruir, através do isolamento dos homens, as suas capacidades políticas. Mas o domínio totalitário como forma de governo é novo no sentido de que não se contenta com esse isolamento, e destrói também a vida privada. Baseia-se na solidão, na experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter. (ARENDT, 1998, p. 527).

Arendt (1998), noz traz a situação extrema, o limite, atualmente quase inimaginável, de perda total de cidadania, de possibilidade de pertencimento, de direitos mínimos à comunicação ou até mesmo de simplesmente existir. Seu pensamento se desenvolve num momento particular do século XX, de duas grandes guerras mundiais. A situação extrema de perda de territórios ou identidade dos expatriados, em condição desumana e submetidos a governos outros é analisada por Arendt (1998), que descreve os dois principais movimentos totalitários do século XX, o nazismo e o stalinismo.

4.3 CIDADANIA COMUNICACIONAL

Pretende-se aqui elencar argumentos a respeito de uma cidadania em particular, aquela em que o comunicacional é a sua essência porque não se entende uma cidadania sem o concurso concomitante da comunicação, tecendo, fazendo as vezes de argamassa a entremear os diversos níveis de cidadania: civil, política, social ou de quarta geração. Ser cidadão, na modernidade é agora ter livre acesso aos meios que nos permitem comunicabilidade, sejam eles técnicos ou não. Nesse caminho de inquietações é que se encontra o pensamento de Signates e Moraes (2016) que avaliam o significado da cidadania para o campo da comunicação no Brasil. Na interface entre comunicação e cidadania os autores investigam, de forma crítica, como se constrói a noção de cidadania a partir de categorias da comunicação, argumentando que não haveria cidadania sem comunicação. Novamente, a concepção clássica de Marshall (1967) é referenciada: “cidadão é aquele a quem é concedido um *status* de

membro da comunidade de direitos. Assim, ‘não há nenhum princípio universal que determine o que estes direitos e obrigações serão, mas as sociedades nas quais a cidadania é uma instituição em desenvolvimento criam uma imagem de uma cidadania ideal’”. (MARSHALL *apud* SIGNATES; MORAES, 2016, p. 19).

Signates e Moraes (2016) também destacam as reflexões de outro trabalho (SIGNATES, 2013), em que teriam demonstrado que, no campo dos estudos de comunicação no Brasil “(...) o conceito de cidadania é admitido como variável independente ou como noção já acabada, restando à comunicação a função instrumental de levar à condição cidadã.” (SIGNATES, 2016, p. 16). A crítica, portanto, é de que as definições encontradas na literatura sociológica e política para o termo “cidadania” não contemplaria “a noção de comunicação como constitutiva” da cidadania. Entretanto, ao aprofundar a noção de cidadania nas sociedades contemporâneas não se poderia deixar de falar em comunicação. Junto à indagação de como se construiria a noção de cidadania a partir do especificamente comunicacional nasceria também a hipótese de que não haveria cidadania sem comunicação. (SIGNATES, 2016, p. 16).

De acordo com Signates e Moraes (2016) ao realizar revisão histórica do conceito de cidadania, bem como, as diferentes correntes de pensamento a abordá-la, todas estariam sob o mesmo fulcro: “a produção da igualdade de direitos entre os homens”. Assim, Signates e Moraes (2016) propõem uma ampliação de perspectiva e consideram a cidadania na ordem mundial e globalizada da sociedade, trazendo a conceituação de Cortina (2005) como contribuição. Em Cortina (2005) a cidadania estaria profundamente relacionada ao sentimento de pertencimento ou necessidade de construir uma identidade dentro de um grupo:

(...) reconhecimento da sociedade por seus membros e consequente adesão por parte destes aos projetos comuns são duas faces da mesma moeda que, ao menos, como pretensão, compõem esse conceito de cidadania que constitui a razão de ser da civilidade. (CORTINA *apud* SIGNATES; MORAES, 2016, p. 23).

Abordando outros autores em relação à conceituação de cidadania como T. H. Marshall, Murilo Carvalho e Adela Cortina, além de Norberto Bobbio, Signates e Moraes (2016) destacam o que haveria de comunicacional em tais concepções, sendo a comunicação para Signates e Moraes (2016) definida como “todo e qualquer processo de troca simbólica capaz de gerar algum tipo de vínculo social”. (SIGNATES; MORAES, 2016, p. 24). A hipótese é de que a comunicação englobaria e extrapolaria o conceito de cidadania desenvolvido pelas ciências sociais. No entanto, qualquer que seja a definição que se adote

para cidadania, segundo Signates e Moraes (2016), o que a constituiria seria a vida de relação, ou seja, aquela especificada “politicamente por condições de legitimação, reconhecimento, polêmica e reivindicação de direitos passíveis de universalização (...)” (SIGNATES; MORAES, 2016, pág. 25).

Ora, estas condições teóricas forçosamente vinculam a definição de cidadania ao campo comunicacional, sendo possível afirmar que, nos termos da definição adotada, não é possível a cidadania sem o ambiente democratizado das trocas simbólicas criadoras, afirmadoras e processuais (no sentido sociológico do termo) dos direitos. (SIGNATES; MORAES, 2016, pág. 25).

Portanto, o corolário seria que “Sem comunicação, não há cidadania”. (SIGNATES; MORAES, 2016, pág. 25). Em função disso, a hipótese de que não existiria cidadania possível sem um processo comunicacional que a viabilizasse, estabelecesse e desenvolvesse. Mas, para Signates e Moraes haveria a necessidade de se explicitar que tipo de comunicação de que se estaria tratando, mencionando a noção marxista de cidadania como sendo a mais “incomunicacional”, baseada numa abstração do Estado, que integraria em condições subalternas e num contexto de dominação, os “cidadãos”. Também classifica a noção de Marshall (1967) como funcionalista, nesta noção “(...) a cidadania é aquilo que estabiliza a comunicação, tornando-a virtuosa e, portanto, conferindo a funcionalidade social desejada”. (SIGNATES; MORAES, 2016, p. 27). Ainda nessa revisão do conceito de cidadania por Signates e Moraes (2016), a noção de Carvalho (2010) deixaria claro que os processos sociais alterariam os direitos. Finalmente, é na noção de Cortina (2001) que se encontraria uma abordagem direta das questões propriamente comunicacionais.

Ao posicionar o conceito de cidadania na intersecção entre a identidade, a justiça e a busca por universais, esta autora assume uma definição processual de cidadania: não como algo estático, vinculado a concessões institucionais, como é o caso de Marshall, nem como uma mera ideologia, pelo esvaziamento do conceito, como em Viana¹⁸, e sim como algo em construção. (SIGNATES; MORAES, 2016, p. 28).

De acordo com Signates e Moraes (2016) seria possível afirmar que essa ‘processualidade’ entrevista por Cortina na noção de cidadania seria de caráter especificamente comunicacional. Realmente, depara-se em Cortina (2005) com a análise da medida em que o conceito de cidadania poderia representar um ponto de união entre a razão senciante de qualquer pessoa e os valores e normas que consideramos como humanizadores,

¹⁸ VIANA, Nildo. **Estado, democracia e cidadania**: a dinâmica da política institucional no capitalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.

ou seja, o de pertença a uma comunidade e o de justiça dessa mesma comunidade. Segundo a autora o conceito tornou-se atual na década de 1990 diante da necessidade de:

(...) nas sociedades pós-industriais, de gerar entre seus membros um tipo de identidade na qual se reconheçam e que os faça se sentir pertencentes a elas, porque é evidente que esse tipo de sociedade sofre de uma falta de adesão por parte dos cidadãos ao conjunto da comunidade, e sem essa adesão é impossível responder conjuntamente aos desafios que se apresentam a todos. (CORTINA, 2005, p. 18).

Para Cortina (2005) o conceito de cidadania integraria também o de pertencimento a uma comunidade. “A cidadania é um conceito mediador porque integra exigências de justiça e, ao mesmo tempo, faz referência aos que são membros da comunidade, une a racionalidade da justiça com o calor do sentimento de pertença.” (CORTINA, 2005, p. 28). Cabe, nesse momento, relembrar o conceito de Sodré (2014) para comunicação como sendo “a ciência do comum, do partilhado” e destacar esse aspecto também lembrado por outros autores, assim como Lima (2006), Temer e Tuzzo (2016) ao resgatarem o significado da raiz da palavra (*communicatio/communicare*), tornar comum, partilhar, estabelecer comunhão. O sentimento de pertencimento se vincula ao de comunidade e a comunicação, nesses contextos sociais, assume uma característica própria “das pessoas se sentirem pertencentes” a algo que faz um sentido próprio para elas. Portanto, a busca é por um conceito de comunicação que engloba o equilíbrio entre as partes, onde todos os indivíduos são potenciais emissores e receptores, gerando mensagens e sendo influenciados por outras o tempo todo, num processo de transformação interna, dialógico, de formação de opinião e de cidadania:

O processo de construção dos direitos, seja em âmbito social ou político, é essencialmente comunicacional, em primeiro lugar porque a própria ideia de que ‘vivemos – isso é inegável – em uma ‘Aldeia Global’, que tornou pequenos os Estados-nação, exigindo soluções globais para seus problemas’, e que só passou a ser uma possibilidade com o advento das tecnologias comunicacionais e de locomoção” (CORTINA *apud* SIGNATES; MORAES, 2016, p. 29).

Finalmente, a respeito de todas as abordagens possíveis para a comunicação, de acordo com a revisão de Signates e Moraes (2016), não há definição de cidadania que “não implique, de algum modo, a presença de processos comunicacionais. Entretanto, a apreensão de tais processos é distinta, nas diferentes abordagens conceituais.” (SIGNATES; MORAES, 2016, p. 29). A proposta é de três noções vinculando diretamente a comunicação à cidadania:

a) A comunicação como processo cultural e simbólico pelo qual os direitos são identificados, reivindicados, exigidos, viabilizados e mantidos, ao longo da história da civilização. b) A comunicação como processo do direito inserido na quarta

geração de Direitos Humanos, que trata mais especialmente de uma matriz de direitos. A reivindicação por novos direitos – ou, no dizer de Arendt, o “direito de reivindicar novos direitos” – é de caráter pragmaticamente comunicacional: sem o estabelecimento das formas simbólicas de reconhecimento, compartilhamento simbólico e publicização, não há uma quarta geração dos Direitos Humanos. c) A comunicação entendida como direito humano fundamental, sintetizado nas noções de liberdade de expressão e de direito à informação, previsto no Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos da Pessoa Humana. (SIGNATES; MORAES, 2016, p. 32).

Entende-se que as três noções são fundamentais na formação da cidadania dos idosos ou de qualquer outro sujeito “cidadão”, independente de qualquer caracterização etária, física, socioeconômica ou de gênero, a centralidade da comunicação nos sentidos propostos para a cidadania. Há que se concordar esse aspecto essencial emerge no primeiro dos sentidos aventados por Signates e Moraes (2016): “(...) a ideia de que **alguém que** não se comunica não é cidadão. O sentido amplo de comunicação agrega-se de forma estrutural e ôntica à condição cidadã, além de expressar-se em vários direitos específicos, **e não apenas na liberdade de expressão e informação.**” (SIGNATES; MORAES, 2016, p. 32). Negar a comunicabilidade a um sujeito, dentro de uma sociedade plena de direitos, seria, então, negar-lhe a própria cidadania. “O auto-silenciamento pode até ser uma opção cidadã, mas o silenciamento do outro, sem o seu consentimento ou deliberação, constitui, em qualquer tempo, o fim comunicacional do direito humano, o que pode implicar na extinção do direito enquanto tal.” (SIGNATES; MORAES, 2016, p. 34).

Esse o caminho que se defende aqui, da importância fundamental da comunicação para a constituição da cidadania do idoso, particularmente, de um tipo de comunicação que se desenvolve através das Novas Tecnologia de Informação e Comunicação. Com respeito à expressão de Arendt (1998) “direito a ter direitos” é forçoso lembrar que, em sua obra, Arendt descreve o processo de “silenciamento” daquelas pessoas tornadas apátridas e apartadas dos regimes totalitários surgidos com a Segunda Guerra Mundial, com vistas ao seu extermínio, ou negação do direito à vida. Um silenciamento a partir da destituição de cidadania, do lar, da possibilidade de protesto ou de, ao menos, ter voz. Ser um apátrida como o foram milhares de pessoas à época, seria, para Arendt (1998) pior do que ser um criminoso, porque o criminoso ao menos seria tratado como tal, e os apátridas nem sequer seriam tratados como da humanidade porque não possuiriam um vínculo político com qualquer país que fosse. A eles, judeus, ciganos, homossexuais, dentre outros grupos, foram negados o direito básico de ser considerado como importante para alguém, de pertencer a algum lugar ou comunidade (ARENDR, 1998, p. 330).

A privação fundamental dos direitos humanos manifesta-se, primeiro e acima de tudo, na privação de um lugar no mundo **que torne a opinião significativa** e a ação eficaz. Algo mais fundamental do que a liberdade e a justiça, que são os direitos do cidadão, está em jogo quando deixa de ser natural que um homem pertença à comunidade em que nasceu, e quando o não pertencer a ela não é um ato da sua livre escolha, ou quando está numa situação em que, a não ser que cometa um crime, receberá um tratamento independente do que ele faça ou deixe de fazer. Esse extremo, e nada mais, é a situação dos que são privados dos seus direitos humanos. São privados não do seu direito à liberdade, mas do direito à ação; **não do direito de pensarem o que quiserem, mas do direito de opinarem**. (ARENDT, 1998, p. 330, grifo nosso).

Destaca-se acima o aspecto comunicacional presente também na argumentação de Arendt, mesmo que este não tenha sido o único aspecto tratado pela autora (que por sinal ressalta que o pertencimento seja o núcleo central da cidadania), segundo Ramos (2014). Mas é inegável que se constitui, a capacidade e possibilidade de troca de significados, de diálogo franco e equilibrado, numa condição para a origem do discurso de um grupo ou indivíduo que se pretenda existir enquanto cidadão de qualquer estado-nação. Por suas palavras, Arendt (1998) deixa claro que o direito de opinar (uma ação essencialmente comunicacional), a seu ver se situa na base da constituição da cidadania e não poderia ser diferente. O direito à liberdade de expressão e opinião está, dessa forma, presente em todas as constituições democráticas que se prezem e a ação política de exercer ou expor o pensamento, construindo um discurso, individualmente ou em grupo, é a concretização desse direito.

Ainda, a respeito da perda de cidadania pelos apátridas analisados por Arendt (1998), Ramos (2014) analisa que, nos movimentos totalitários em geral “(...) a superfluidade do ser humano decorre de uma gama de fatores que intentam desarticular politicamente o ser humano, tornando-o incapaz de interagir com seus iguais (...)” , de estabelecer pontos de contato dialógico com outro indivíduo e lhe possibilite seu agir. Esses fatores seriam desde “(...) os sociais – a solidão é o sentir-se abandonado por toda a humanidade, destituindo o indivíduo da capacidade de ação – aos morais – o não reconhecimento de sua ação e seu discurso.” (RAMOS, 2014, p. 6). É claro que não há aqui a intenção de similaridade com a violência de se extirpar a cidadania de alguém, como ocorreu durante o início do século XX, o objetivo é avaliar a importância de certos aspectos da cidadania e, dentre eles, destaca-se o comunicacional, que para o idoso se constitui fundamental na medida em que a exclusão também se efetua a partir de um “silenciamento” social desses sujeitos ou grupo social.

4.4 POSSIBILIDADES DA CIDADANIA NO MEIO VIRTUAL

Como cidadania virtual queremos aqui caracterizar um tipo de cidadania que possa se desenvolver a partir dos meios digitais de informação e comunicação ou novas tecnologias de informação e comunicação. Virtual, na sua raiz etimológica se relaciona com o que pode “vir a ser”, como possibilidade. Com relação a essa temática existem trabalhos desenvolvidos a partir do termo cidadania digital (MORGADO, 2010; NEVES, 2010), por exemplo, mas ao contrário do que se poderia pensar, não se referem a uma nova cidadania, desvinculada de um estado-nação ou da realidade social, mas sim, como os próprios autores reforçam, de uma nova forma ou alternativa ao aperfeiçoamento da cidadania vigente. Muda o suporte técnico e muda o tipo de cidadania? Certamente que não, quando se considera o seu princípio, que é a comunicação. A comunicação entretece os direitos do homem e do cidadão e não importa de que forma ou suporte tecnológico em que essa cidadania se dá, no entanto, quando ela acontece através dos meios digitais, acaba assumindo características próprias desse meio e do contexto social desenvolvido pelas mídias digitais. Como mídia estamos considerando de forma genérica os meios e formas de transmissão de informação e interação com os receptores/emissores. No entanto, a internet se diferencia dos media tradicionais (rádio, TV, jornal) por suas possibilidades de interação, sua característica de ser plural, não hierárquica e rizomática (ao menos em princípio).

Uma questão é quanto ao suporte tecnológico (material) ou aparelho (TV, rádio, jornal, computador, *smartphone*), outra é a própria internet e seus conteúdos (imaterial - cultural) e todos os termos que a definem de forma intrínseca como convergência, ubiquidade, portabilidade, conectividade, imediatismo, personalização. Conceitos abordados ou desenvolvidos por pesquisadores como Lévy (1999) ou Miège (2009) que consideram que a técnica não é algo exterior à sociedade mas parte dela, assim como, ao mesmo tempo, o pensamento de Sodré (2002), que se apresenta ao propor o surgimento de um quarto *bios* (em referência à classificação aristotélica das formas de vida), o *bios midiático*, implicando na “(...) transforma   das formas tradicionais de sociabiliza  , além de uma nova tecnologia perceptiva e mental” (SODRÉ, 2002, p. 27). Ter acesso   Internet pela TV, ou ao rádio, TV, jornal através do computador e *smartphones*   algo que está alterando, segundo esses autores, totalmente a forma de se consumir ou acessar a informa   (cultura) ou também se comunicar. Nesse sentido, a cidadania passaria a ter novas nuances, como constata Morgado (2010) ao se referir   centralidade dos sistemas e processos comunicacionais nas sociedades atuais:

(...) o desenvolvimento acelerado de certas tecnologias como a internet não podia deixar de ter consequências políticas importantes para os atores envolvidos. Um desses atores são, naturalmente, os cidadãos, cujas relações entre si, com o Estado ou com diferentes grupos têm sido, nos últimos anos, profundamente alteradas, embora muitas vezes de uma forma quase imperceptível, devido ao crescimento exponencial da internet e de todas as tecnologias, serviços e produtos com ela relacionados. (MORGADO, 2010, p. 2).

No entanto, não basta, nessa realidade permeada pelo digital, ter acesso à internet, pura e simplesmente, há que se possuir o *elã* do cidadão, o impulso em direção à defesa de direitos que assegurem a participação política, a opinião arrazoada desenvolvida a partir de diálogos e trocas de informações com os demais membros da comunidade ou nação, algo idealizado por Habermas em sua *Teoria da Ação Comunicativa*. A internet se configura num mar de possibilidades, inclusive, na sua utilização de forma despreparada e negativa. Há que se ter em conta, desse modo, uma formação adequada e disposição para a questão da informática e das novas tecnologias, seu uso crítico pelos amplos espectros da sociedade, incluindo os idosos, mais pobres ou menos escolarizados (MORGADO, 2010, p. 5).

Também se defende aqui a ideia de um cidadão produtor de conteúdos, cultura política e não somente como consumidor dessa cultura ou paradigma cultural. Para Morgado (2010) só assim a internet poderia levar ao desempenho de uma das suas funções mais importantes, que seria a sua capacidade em “multiplicar espaços públicos politicamente atuantes e *locus* alternativos de afirmação de uma cultura política dinâmica, pluralista, não discriminatória e, como tal, verdadeiramente democrática.” (MORGADO, 2010, p. 5).

O que se pode afirmar já, é que a *internet* é uma ferramenta que permite a manutenção de uma rede de comunicação civil e aberta que pode exercer pressão sobre o poder político, e demonstrou ter o potencial de estar ao serviço de novas formas de convocar e organizar os cidadãos em manifestações de protesto, à margem das organizações tradicionais, como os sindicatos; ao mesmo tempo, tem créditos firmados como potenciadora de encontro entre pessoas que passam a constituir movimentos de cidadãos que, mesmo sem cobertura mediática, respondendo a apelos oriundos de cibernautas que com eles partilham as mesmas posições, reagem de forma concertada, em massa e de forma pública. (MORGADO, 2010, p. 5-6).

Nesse trabalho de pesquisa, nos centramos no aspecto relacional que a internet pode proporcionar, entendendo que é nesse momento comunicacional por excelência que se firmam as bases para se partir para os movimentos políticos e cobranças mais intensas em relação à cidadania. Ou seja, para o idoso, preocupa-nos saber de que forma ele está exercendo esse direito básico, de se comunicar, quando a ele tem acesso. Também Páscoa (2015), que se

propôs a investigar as interações com a rede social digital *Facebook* por cidadãos *seniores* em Portugal, argumenta que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) contribuiriam para a difusão do conhecimento, oferecendo condições de compartilhamento socializado, ajudando a diminuir “o isolamento e a solidão, aumentando as possibilidades de manter contato com familiares e amigos, incluindo suas relações sociais através da utilização das redes sociais digitais (RSD) como ferramenta facilitadora para a promoção do envelhecimento ativo.” (PÁSCOA, 2015, p. 10).

A cidadania virtual a que se alude aqui se constituiria portanto na possibilidade crescente dos sujeitos sociais ou cidadãos de participarem cada vez mais ativamente na defesa de seus direitos, de se revelarem aos diversos indivíduos do contexto social, defendendo sua própria imagem ou se empoderando através das ferramentas que o meio digital oferece, no sentido de reforçar aspectos que eles mesmos, os idosos, teriam dificuldades de enfrentamento em uma situação normal. O termo exclusão digital também está presente, assim como acontece na realidade face a face, em maior ou menor grau. Há ainda os que defendem que a ampliação do conceito de cidadania se tornaria algo cada vez mais distante para a modernidade, em vista das contradições entre a ampliação do sistema capitalista e a noção de cidadania baseada nos direitos sociais. A ampliação de um acabaria por minar a consolidação de outro. É o que argumenta, por exemplo, Coutinho (1999). No entanto, não é o que acreditamos ser possível, na prática, através das NTIC's.

4.5 NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Buscando-se, aqui, enfim, estabelecer um fechamento, torna-se interessante retomar o raciocínio de Matos (2009) e a questão do engajamento cívico, mas dessa vez tendo em vista as novas tecnologias de informação e comunicação. Afinal, as NTIC's produziram que efeitos (se existirem) sobre os vínculos sociais e o engajamento cívico? “Tanto a história do telefone, da televisão como os primeiros dados sobre o uso da internet constituem um indício de que a comunicação mediada pelo computador acabará complementando (e não substituindo) as interações face a face”. (MATOS, 2009, p. 136). A autora considera ainda que:

[...] a internet pode estar contribuindo para novas formas de interação em diferentes tipos de comunidade, mas que o uso generalizado de indicadores e padrões de

medida do capital social pode não ser adequado para captar o impacto dessas novas formas interativas em todas as “localidades. (MATOS, 2009, p. 150).

Finalmente, Matos (2009) enumera os possíveis efeitos da internet sobre o capital social: a) a internet transformaria o capital social - ao restabelecer “devido à sua ampla difusão (pelo baixo custo e pela facilidade de uso), um senso de comunidade pelo fato de conectar amigos e prover fontes de informação a respeito de uma ampla variedade de assuntos.” (...) ; b) a internet diminuiria o capital social – “ao afastar, por meio de sua capacidade de informar e entreter, as pessoas de sua família e dos amigos.”; c) a internet suplementaria o capital social – “ao se adicionar à configuração existente de comunicação e mídia, para facilitar as relações sociais correntes e os movimentos seguidos de engajamento cívico e socialização.” (MATOS, 2009, p. 136 a 140). Obviamente, defende-se o terceiro possível efeito enumerado por Matos (2009) de que a internet, bem como as novas tecnologias de comunicação e informação estariam facilitando o engajamento cívico, bem como, os aspectos da cidadania vinculados a esse conceito.

SÍNTESE - BASE TEÓRICA

Figura 01

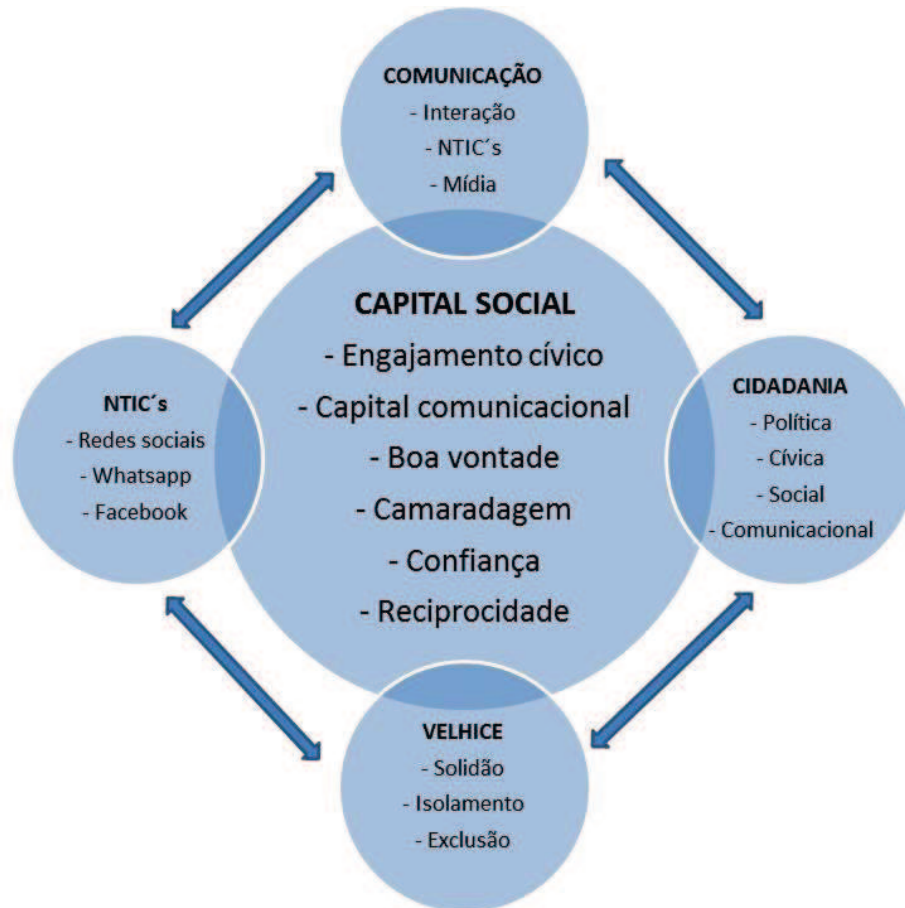


FIGURA 01 – A ilustração acima tem como objetivo sintetizar a teoria tratada até aqui. Uma forma de leitura seria considerar o Capital Social como o elemento que consegue permear os demais conceitos ou perpassar as demais categorias: Comunicação, Cidadania, NTIC'S e Velhice. Por seu lado, estes conceitos sofreriam a influência uns dos outros. Não se pretende aqui que seja um modelo absoluto de explicação, mas apenas uma forma esquemática.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

5.1 TIPO DE PESQUISA UTILIZADO

Ressalta-se, neste momento, o principal objetivo do presente trabalho, ou seja, investigar se os indivíduos da amostra selecionada (idosos de acordo com a legislação brasileira, 60 anos ou mais, com acesso e uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação - smartphone, PC, tablet ou fablet) conseguem alterar ou não o próprio *status*, sentindo-se ou reconhecendo-se mais ou menos cidadãos através dessa atividade, de se comunicar por meio de conteúdos simbólicos e linguísticos. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, optou-se aqui por uma escolha aleatória de indivíduos que correspondessem ao perfil acima. Desse modo, o local de coleta da pesquisa estabelecido (Projeto Conviver, em Aparecida de Goiânia, Goiás) se deu puramente em função de conveniência e proximidade para o pesquisador, o que de forma alguma ocorreu com os entrevistados, ou seja, estes deveriam corresponder ao perfil acima descrito.

5.1.1 Pesquisa qualitativa

Não se considera aqui a ideia de imparcialidade de sujeitos, métodos ou análises. Além disso, a compreensão é de que na pesquisa qualitativa a preocupação não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, “mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.” (GOLDENBERG, 2004, p. 14). Do mesmo modo, ainda segundo Goldenberg (2004), o que concorda com o posicionamento desta pesquisa de mestrado, este seria o pensamento de cientistas sociais como Max Weber, Pierre Bourdieu e Howard Becker, ou seja, de que é fundamental a explicitação de todos os passos da pesquisa para se evitar o *bias*¹⁹ do pesquisador. Estes autores recusariam a suposta neutralidade do pesquisador quantitativista e proporião a tomada de consciência do mesmo na interferência de seus valores na seleção e no encaminhamento do problema estudado. A tarefa do pesquisador seria reconhecer o *bias* para poder prevenir sua interferência nas conclusões. Para esses autores, não existiria outra forma de se excluir o *bias* nas ciências sociais do que enfrentar as valorações, introduzindo as

¹⁹ *Bias* - termo em inglês, comum nas ciências sociais, que pode ser traduzido como viés, parcialidade, preconceito.

premissas valorativas de forma explícita nos resultados da pesquisa (GOLDENBERG, 2004, p. 45).

Concordando com Goldenberg (2004), evidencia-se aqui a importância da pesquisa qualitativa ao se estudar questões subjetivas, as quais não se consegue quantificar, assim como sentimentos, motivações, crenças ou atitudes individuais. A opinião aqui é também de que:

O contexto da pesquisa, a orientação teórica, o momento sócio-histórico, a personalidade do pesquisador, o *ethos* do pesquisado, influenciam o resultado da pesquisa. Quanto mais o pesquisador tem consciência de suas preferências pessoais mais é capaz de evitar o *bias*, muito mais do que aquele que trabalha com a ilusão de ser orientado apenas por considerações científicas. (GOLDENBERG, 2004, p. 45).

Assim, grande parte dos problemas teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa seriam decorrentes de uma tentativa em se colocar como referência, para as ciências sociais, o modelo positivista das ciências naturais, não se levando em conta a especificidade dos objetos de estudo das ciências sociais. Por outro lado, não se poderia negar como um grande problema para a pesquisa qualitativa, uma possível contaminação de seus resultados em função da personalidade do pesquisador e de seus valores, interferindo nas respostas do grupo ou indivíduo pesquisados. E a melhor maneira de se controlar esta interferência seria “tendo consciência de como sua presença afeta o grupo e até que ponto este fato pode ser minimizado ou, inclusive, analisado como dado da pesquisa.” (GOLDENBERG, 2004, p. 55).

Bauer e Gaskell (2002) procuram superar a polêmica entre pesquisa quantitativa e qualitativa. Para eles não existe quantificação sem qualificação em uma pesquisa ou não há análise estatística sem interpretação. “Os dados não falam por si mesmos, mesmo que sejam processados cuidadosamente, com modelos estatísticos sofisticados. Na verdade, quanto mais complexo o modelo, mais difícil é a interpretação dos resultados.” (BAUER, 2002, p. 24).

Finalmente a pesquisa qualitativa pode ser agora considerada como sendo uma estratégia de pesquisa independente, sem qualquer conexão funcional com o levantamento ou com outra pesquisa quantitativa (independente). A pesquisa qualitativa é vista como um empreendimento autônomo de pesquisa, no contexto de um programa de pesquisa com uma série de diferentes projetos. (BAUER, 2002, p. 26).

Flick (2004), enfim, defende que as mudanças sociais aceleradas e a diversificação de esferas de vida colocariam os pesquisadores sociais cada vez mais diante de novos contextos e perspectivas sociais, situações tão novas e complexas que fariam fracassar suas metodologias dedutivas tradicionais (FLICK, 2004, p. 18).

5.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

5.2.1 Entrevista em profundidade

Em relação à entrevista em profundidade Bauer e Gaskell (2002) sintetizam a indicação desta quando os entrevistados são: “Difíceis de recrutar, por exemplo, **pessoas de idade**, mães com filhos pequenos, pessoas doentes. Entrevistados da elite ou de alto *status*. Crianças menores de sete anos.” (BAUER, 2002, p. 78, grifo nosso). Também recomendam quanto ao limite máximo de entrevistas que seriam necessárias e possíveis de se analisar, avaliando que este deveria ficar num limite de 15 a 25 entrevistas individuais. (BAUER, 2002, p. 71). Por outro lado e, tendo-se em questão o público desta pesquisa, Goldenberg (2004) avalia que seria preciso considerar algumas das inúmeras limitações e dificuldades da entrevista em profundidade, como, por exemplo, o constrangimento que se pode causar ao pesquisado o fato de ter suas informações gravadas ou anotadas pelo pesquisador. “Esta é uma ‘negociação’ que deve ser feita desde logo, para minimizar o problema. O pesquisador deve elaborar um roteiro de questões claras, simples e diretas, para não se perder em temas que não interessam ao seu objetivo.” (GOLDENBERG, 2004, p. 56).

A pesquisa qualitativa, através da observação participante e entrevistas em profundidade, combate o perigo de *bias*, porque torna difícil para o pesquisado a produção de dados que fundamentem de modo uniforme uma conclusão equivocada, e torna difícil para o pesquisador restringir suas observações de maneira a ver apenas o que sustenta seus preconceitos e expectativas (GOLDENBERG, 2004, p. 47)

Duarte (2006) faz questão de ressaltar que a entrevista se tornou uma forma clássica para a formação do *corpus* de uma pesquisa, das informações, nas ciências sociais, sendo largamente adotada na sociologia, comunicação, antropologia, administração, educação e psicologia. (DUARTE, 2006, p. 62). No mesmo raciocínio, de valorizar a entrevista, Bauer (2002) confirma que numa entrevista em profundidade bem feita, a “cosmovisão pessoal do entrevistado é explorada em detalhe. (...) o entrevistado possui o papel central no palco. É a sua construção pessoal do passado.” (BAUER, 2002, p. 75). No entanto o autor ressalta que muito embora as experiências possam ser únicas a um certo indivíduo, as representações sociais das mesmas seriam o resultado de um processo social complexo. (BAUER, 2002, 71). Assim, toda pesquisa ou entrevista seria um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, “em que as palavras são o meio principal de troca. (...) ela é

uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas.” (BAUER, 2002, p. 73).

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. (DUARTE, 2006, p. 64).

Ainda a respeito da entrevista individual em profundidade, Duarte (2006) avalia que esta se constitui numa técnica qualitativa que permite explorar um assunto “a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada.” (DUARTE, 2006, 62). Entre as principais qualidades estariam a flexibilidade ao informante em definir os termos da resposta e ao entrevistador, ajustando livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procuraria intensidade nas respostas e nunca a quantificação ou representação estatística. (DUARTE, 2006, p. 62). A seleção das fontes, portanto, precisa ajudar a responder o problema proposto. Neste caso, é preferível uma fonte de qualidade a três ou mais que não tragam contribuição alguma. Portanto, a seleção das fontes, escolhida aqui, é a não probabilística, do tipo intencional, ou seja, quando o “pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva.” (DUARTE, 2006).

5.2.2 Roteiro semiestruturado

Conjugando a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle, a lista de questões de um roteiro semiestruturado tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. (DUARTE, 2006, p. 66). A esse respeito Triviños (1987) pontua que, no enfoque qualitativo, pode-se usar a entrevista estruturada, ou fechada, a semiestruturada e a entrevista livre ou aberta. As duas últimas seriam as mais importantes para a pesquisa qualitativa.

Não obstante isso, apesar de reconhecer o valor da entrevista aberta ou livre, que não deve ser confundida com a entrevista não-diretiva, queremos privilegiar a entrevista semiestruturada porque esta, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Portanto, a entrevista semiestruturada seria aquela, de modo geral, que teria como base questões sustentadas por teorias e hipóteses interessantes à pesquisa. “Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Questões Norteadoras:

- 1) Qual o seu nome completo, idade e profissão?
- 2) Fale pra mim um pouco sobre a sua vida, um pouco sobre sua história de vida até aqui?
- 3) O que você gosta de fazer no dia a dia? Como é sua rotina? A internet é importante para o(a) senhor(a)?
- 4) O que o senhor(a) mais gosta de fazer quando acessa a internet?
- 5) O(a) senhor(a) acha que o uso do computador (celular com internet ou tablet) interfere na vida do senhor(a)? De que forma?
- 6) O quê exatamente o(a) senhor(a) faz com o computador (celular com internet ou tablet)? Que tipo de atividades?
- 7) O(A) senhor(a) acha importante utilizar a internet, celular ou computador? Por quê?
- 8) O(A) senhor(a) acha que essas atividades mudaram a sua vida? Por quê?
- 9) Qual é o aplicativo que o(a) senhor(a) mais utiliza no computador, celular ou tablet? Por quê?
- 10) O que é cidadania para o(a) senhor(a)?

As questões acima foram pensadas a partir da questão-problema, partindo-se de das genéricas e mais abertas para algumas mais fechadas, supondo-se um início de entrevista mais tímido e uma progressiva ambientação do entrevistado. Também levou-se em consideração as diferenças de um entrevistado para outro, ou seja, elaborou-se as questões tendo-se em mente que um entrevistado poderia ser um pouco mais falante do que o outro. Por ser semiestruturado, o questionário também não é fechado, ou seja, permite ao entrevistador derivar outras perguntas de acordo com o desenvolvimento da entrevista. Uma exceção clara foi feita para a 10ª questão. Aqui, o intuito maior foi o de dar voz aos idosos em relação ao motivo de pesquisa do entrevistador, tentando-se inverter um pouco a dinâmica da pesquisa e deixando o entrevistado colocar ou pensar livremente sobre o que é cidadania.

5.2.3 Textos, vídeos, filmes e fotografias do Whatsapp e Facebook

De acordo com Duarte (2006) a pesquisa social “(...) pode empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser nem em forma de palavras escritas, nem em forma de números” (DUARTE, 2006, p. 137). Seguindo-se essa linha, adotou-se nesse trabalho, para as mídias sociais analisadas aqui, uma coleta aleatória que proporcionasse o acesso aos conteúdos de forma visual. O congelamento (*screenshot*) dos conteúdos e seu armazenamento foi a opção inicial. No caso dos vídeos e áudios, procedeu-se ao seu *download*, sem necessariamente armazenar o conteúdo fisicamente. Os conteúdos foram devidamente visualizados e classificados de acordo com as categorias identificadas.

A coleta dos conteúdos das mídias sociais, Facebook e Whatsapp, foi feita em sete dias escolhidos de forma aleatória no mês de março de 2017, a seleção aleatória foi assegurada através da geração de sete números randômicos de 1 a 31, referentes aos dias do mês de março de 2017.²⁰ No Facebook foram coletadas postagens de cinco perfis de usuários com 60 anos ou mais e no Whatsapp postagens de dois grupos de relacionamento: Grupo de Viagem Poderosas, criado por Aline Queiroz do Carmo, ex-coordenadora do Projeto Conviver, em Aparecida de Goiânia, Goiás, e o grupo Fórum do Idoso, criado por Ângela Rita Diniz, vice-presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa de Aparecida de Goiânia, Goiás. Os números aleatórios foram relacionados à data do mês de março de 2017 e a ordem selecionada foi a seguinte, tanto para os perfis do Facebook quanto para os grupos do Whatsapp: 9/3 - QUINTA-FEIRA; 10/3 - SEXTA-FEIRA; 6/3 - QUARTA-FEIRA; 15/3 - QUARTA-FEIRA; 21/3 - TERÇA-FEIRA; 13/3 - SEGUNDA-FEIRA; 3/3 - SEXTA-FEIRA. Através dessa seleção de dias, procedeu-se à coleta das postagens nesses respectivos dias, nos perfis do Facebook e grupos do Whatsapp, reunindo-se, assim, sete dias aleatórios para análise. Na sequência procedeu-se à categorização das postagens, incluindo-se todos os conteúdos: textos, imagens, vídeos e áudios.

Para a mídia digital Whatsapp participou-se de dois grupos de idosos, sem que eles soubessem e nem houvesse a interferência do pesquisador. A descrição de cada grupo dessa mídia segue abaixo:

1) Grupo do Whatsapp: GRUPO DE VIAGEM PODEROSAS

Criado por Aline Queiroz do Carmo, em 18/06/2016

Total de participantes: 35 mulheres

²⁰ Os números randômicos foram gerados através do site <https://www.random.org/>.

Descrição: O grupo foi criado com a intenção de compartilhar conteúdos entre as mulheres idosas frequentadoras do Projeto Conviver, em Aparecida de Goiânia. Aline Queiroz do Carmo era a coordenadora à época da criação do grupo.

2) Grupo do Whatsapp: FÓRUM DO IDOSO

Criado por Ângela Rita Diniz, em 01/02/2016

Total de participantes: 29 integrantes

Descrição: O grupo foi criado com a intenção de compartilhar conteúdos entre pessoas idosas de ambos os sexos, em Aparecida de Goiânia. Ângela Rita Diniz é a coordenadora do grupo.

Os tipos de *posts* (Gráfico 1), nos dois grupos do Whatsapp, foram classificados em Imagem (com ou sem mensagem de texto); Mensagem (escrita por um dos integrantes do grupo); Emoji²¹ (reação de um dos integrantes do grupo através de símbolos emotivos); Texto (quando o conteúdo foi simplesmente compartilhado pelo usuário, sem o trabalho de digitação própria); Vídeo (próprio ou de terceiros); Gif (vídeo curto, com imagens estáticas ou não); Áudio (somente o som, gravado pelo próprio usuário ou não). As categorias foram definidas de acordo com seu conteúdo (Gráfico 2), sendo que Interação se constitui numa reação a algum *post* anterior; Cumprimento é um *post* de bom dia, boa tarde ou boa noite; Humor - com conteúdo engraçado ou surpreendente; Autoajuda texto ou vídeo com conteúdo otimista ou que pretende dar conselhos sobre a vida, comportamento ou relacionamentos; Informativo - conteúdo com informações sobre tema que influencie a qualidade de vida dos usuários: saúde, transporte, educação etc; Erotismo - conteúdo com referências eróticas ou sexuais; Afirmativo - que procura defender alguns extratos sociais como mulher, homossexuais, negros etc; Político - conteúdo voltado para notícias ou discussões envolvendo políticos ou política; Religioso - conteúdo referência a alguma religião específica ou mensagem contendo ensinamentos bíblicos ou trechos da bíblia; Entretenimento - músicas, filmes, desenhos etc.

²¹ Para Menezes (2016): “Ao lado de todas essas novidades na comunicação escrita, utilizamos três tipos de figuras: os *emoticons*, que são representações tipográficas de expressões faciais, como :) que se transforma automaticamente em ☺ pelo editor de texto *Microsoft Word*; os *emojis*, que são gravuras produzidas com a tecnologia criada por um grupo sem fins lucrativos denominado Consórcio UNICODE e os *Stickers*, figurinhas disponíveis em algumas plataformas como o *Facebook*, por exemplo.” Consideramos *Emojis*, aqui, como símbolos que expressam emoções.

A respeito da coleta no Facebook (Gráficos 3 e 4), nos contatos com os entrevistados, buscou-se perfis que correspondessem aos objetivos da presente pesquisa, ou seja, perfis de pessoas com 60 anos ou mais de idade. Escolheu-se cinco perfis. As respectivas datas de coleta foram as selecionadas anteriormente para a coleta dos grupos do Whatsapp, no entanto, após verificar que algumas pessoas não utilizavam com frequência o Facebook, assim como o Whatsapp, optou-se por analisar a dez últimas postagens, independentemente da data. As categorias de classificação do conteúdo foram mantidas na maior parte, mas pelo menos uma se destacou por não aparecer no Whatsapp, a categoria Self.

5.3 DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO-ALVO E CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA

5.3.1 Amostra por conveniência, não probabilística;

Por ser uma pesquisa qualitativa, optou-se aqui por uma escolha aleatória, do local de coleta da pesquisa, estabelecido como o centro de convivência de idosos, Projeto Conviver, em Aparecida de Goiânia, Goiás. A escolha se deu, única e exclusivamente, em função de conveniência para o pesquisador, não se tratando, cabe aqui ressaltar, de um estudo de caso. Novamente, este foi o ponto de partida por conveniência. As pessoas ou indivíduos que foram entrevistados correspondiam ao perfil estabelecido pelos objetivos desta pesquisa, ou seja: ter mais de 60 anos de idade (idosos); saber utilizar, necessariamente, uma das novas tecnologias de informação e comunicação (smartphone, PC, fablet ou tablet) e mídias sociais (Whatsapp, Facebook, etc.). Caso necessária a ampliação do *corpus*, a nova escolha se deu também através da técnica *Snow Ball*, ou seja, pela indicação através dos primeiros entrevistados. O perfil de corte foi o estabelecido acima, não se pretendeu estabelecer nuances sociais, econômicas ou demográficas, apesar delas se manifestarem nos resultados, o que importava, do ponto de vista do pesquisador, era o perfil inicialmente estabelecido.

A respeito da representatividade dos dados coletados através de uma pesquisa qualitativa, Goldenberg (2004) destaca que está embutida a questão da possibilidade (ou não) de sua generalização, a partir do modelo das ciências naturais que se impõe como paradigma. “Nas abordagens que privilegiam a compreensão do significado dos fatos sociais, a questão da representatividade dos dados é vista de forma diferente do positivismo” (GOLDENBERG, 2004, p. 49). Portanto, os dados da pesquisa qualitativa possuem o objetivo primordial de

compreensão aprofundada de certos fenômenos sociais que se apoiariam no pressuposto de uma maior relevância do aspecto subjetivo da ação social. “Contrapõem-se, assim, à incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e da singularidade dos fenômenos que não podem ser identificados através de questionários padronizados.” (GOLDENBERG, 2004, p. 49).

5.4 MÉTODO DE ANÁLISE

5.4.1 Análise de Conteúdo

De acordo com Bauer (2002) a análise de conteúdo (AC) é “um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas” (BAUER, 2002, p. 190) e se situa entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. Entre quantidade/qualidade a AC seria uma técnica híbrida que poderia satisfazer ou superar a discussão sobre virtudes e métodos. “Ela é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada” (BAUER, 2002). A favor da análise de conteúdo Bauer argumenta também que, em vista das diferentes leituras que um texto possa oferecer, a AC teria a capacidade de traçar um meio termo ou caminho entre a leitura “singular verídica e o ‘vale tudo’” (BAUER, 2002, p. 191). Assim, ela nos permitiria “reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades. Em outras palavras, a AC é pesquisa de opinião pública com outros meios.” (BAUER, 2002, p. 192).

Prosseguindo em sua revisão desse tipo de análise, Bauer (2002) pondera que a entrevista seria a grande base para a maioria das pesquisas sociais, se tornando num método conveniente, mas não exclusivo, deste modo “(...) os textos, do mesmo modo que as falas, referem-se aos pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões das pessoas, e algumas vezes nos dizem mais do que seus autores imaginam.” (BAUER, 2002, p. 189). A AC não estaria restrita à enunciação oral mas a toda e qualquer forma de expressão escrita, sendo que, haveria um renovado interesse na análise de conteúdo com diminuição do esforço

em coletar informações, em particular com o auxílio de computador. “A AC interpreta o texto apenas à luz do referencial de codificação, que constitui uma seleção teórica que incorpora o objetivo da pesquisa. A AC re-presenta o que é já uma representação, ligando os pesquisadores a um texto e a um projeto de pesquisa.” (BAUER, 2002, p. 199).

Bardin (1977) divide as fases da análise de conteúdo em três: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação). Para a primeira fase a autora estabelece três missões: a escolha dos documentos a serem analisados; a formulação das hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores para a interpretação final (BARDIN, 1977, p. 95). Na primeira atividade, a leitura flutuante, estaria o contato inicial e as impressões e orientações do pesquisador, assumindo uma atitude aberta e deixando-se “invadir” pelo material. Por seu lado, Guerra (2006) propõe uma análise de conteúdo orientada para um número razoável de entrevistas (de 15 a 20 entrevistas) por se basear numa análise comparativa por meio da “construção de tipologias, categorias e análises temáticas” (GUERRA, 2006, p. 68-69). Assim, a análise de conteúdo buscaria descrever situações, mas também interpretar o sentido do que foi dito.

5.5 PESQUISA EMPÍRICA

Foram entrevistadas 13 pessoas idosas (Tabela 1), entre 60 e 77 anos de idade, onze do sexo feminino e duas do sexo masculino, bem como dois profissionais envolvidos com atividades voltadas para idosos, no município de Aparecida de Goiânia, Goiás, de 13 de fevereiro a 2 de maio de 2017. A pesquisa, como explicitado anteriormente, teve o cunho qualitativo e procurou investigar, através de entrevistas em profundidade, semiestruturadas, as razões de aderência ou não das pessoas de 60 anos ou mais (classificadas pela legislação brasileira como idosas), às Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, bem como os reflexos desse processo na cidadania delas. De acordo com a análise de conteúdo, método proposto neste trabalho, foi feita uma leitura flutuante das entrevistas transcritas na íntegra e observado o conteúdo de acordo com categorias iniciais, estabelecidas de acordo com os objetivos da pesquisa.

Tabela 01: Código e perfil dos entrevistados

NÚMERO	IDADE	SEXO	PROFISSÃO	NÍVEL EDUCACIONAL
E01	72	F	Merendeira	Ensino básico
E02	64	F	Costureira	Ensino médio
E03	64	F	Funcionária pública	Ensino médio
E04	73	F	Aposentada	Ensino médio
E05	67	F	Professora aposentada	Ensino superior
E06	64	F	Dona de casa	Ensino básico
E07	69	F	Dona de casa	Ensino básico
E08	64	F	Confeiteira e costureira	Ensino básico
E09	77	F	Costureira	Ensino básico
E10	65	M	Advogado e funcionário público aposentado	Ensino superior
E11	60	F	Psicóloga	Ensino superior
E12	65	M	Mecânico aposentado	Ensino básico
E13	43	F	Funcionária pública	Ensino médio
E14	42	F	Funcionária pública	Ensino superior
E15	65	F	Aposentada	Ensino médio

Percebeu-se grande importância do celular, principalmente com acesso à internet, na vida ativa dos idosos como forma de comunicação, aprendizagem e inserção social, tendo, desta forma, um papel fundamental na conformação de sua cidadania e em sua reinserção social. Alguns idosos entrevistados demonstraram certa dificuldade em utilizar as novas tecnologias, dando preferência por aplicativos mais simples e práticos de usar, como o Whatsapp. O Facebook apareceu em segundo lugar na preferência, sendo que o Whatsapp se mostrou mais presente no cotidiano do grupo que fez parte da pesquisa. Uma das explicações é que ele seria mais simples de entender e de manusear, permitindo o envio de áudios, além de proporcionar uma sensação de maior segurança por parte dos usuários, por ser mais pessoal. O Facebook foi encarado como um aplicativo de “fofocas” e mais propenso a apresentar boatos, histórias irrelevantes ou relacionadas à vida pessoal das pessoas. Os homens, em relação ao Facebook e aos aplicativos em geral, demonstraram uma atitude um pouco mais conservadora e reservada do que as mulheres, ao utilizar o celular, bem como Facebook e Whatsapp.

5.6 RESULTADOS (ENTREVISTAS)

A análise de conteúdo das entrevistas em profundidade foi orientada pela questão problema. No entanto, ao analisar o *corpus* da pesquisa, deparou-se com categorias que aparentemente não estavam diretamente relacionadas, mas que, a nosso ver, desde que feita uma avaliação melhor, pode-se encontrar relações indiretas. Na categoria Erotismo ou Religião, por exemplo, encontra-se também a questão da comunicação e da solidão permeando essas categorias. As categorias criadas a partir do *corpus* foram as seguintes:

COMUNICAÇÃO – (Tabela 06) procurou-se investigar a importância do uso cotidiano do celular, computador ou tablet para romper o isolamento ou solidão do idoso, permitindo a ele se comunicar com amigos ou familiares, bem como se sentir partícipe da sociedade, do grupo de amigos, da igreja ou trabalho. Neste sentido houve uma ênfase da maioria do entrevistados em afirmar que o celular veio a se constituir em algo positivo em suas vidas, trazendo a possibilidade de alívio da solidão ou isolamento presentes, facilitando os relacionamentos com amigos, reavivando antigas amizades ou promovendo uma nova vida ativa, do ponto de vista social, ajudando-os a se comunicarem, a se sentirem partícipes novamente de uma vida social, mesmo que em grande parte virtual ou digital.

E03 - “No meu eu sei que é uma mão na roda, como diz o linguajar popular né. Então eu tenho sido muito, eu agradeço até a Deus por poder ter um celular que eu possa colocar vários programas e através deles eu ter a comunicação que eu quiser. A gente fala daqui pros EUA hoje, já tem o aplicativo que você fala com a pessoa vendo ela. Ela tá nos EUA (filha) e eu tô aqui.”

E06 - “Ah, sentia. Muito sozinha. É...por quê às vezes cê pode tar junto de muitas pessoas mas você se sente só. Se você não passar a comunicar, você se sente sozinha, isolado, né, fica sem...”

E08 – “Com a família... Aquele bate papo... Eu tenho uma cunhada que mora agora no estado do Rio de Janeiro, lá na cidade de Macaé. A gente conversa TODO dia pelo whatsapp. Ela conta as novidades de lá, eu conto as de cá. Uma às vezes tá depressiva, tá meia triste, uma anima a outra...e assim a gente vai tocando né?”

Verificou-se, na categoria **EROTISMO** (Tabela 07), a questão da sexualidade do idoso, presente em seu uso cotidiano do celular, das mídias sociais ou novas tecnologias. A presença de mensagens de cunho sexual foi confirmada por alguns entrevistados como sendo algo comum e natural, apesar de ser encarado com certo receio. O namoro e os relacionamentos amorosos foram relatados como atividades de preferência do gênero masculino, inclusive com relatos de algumas mensagens ou imagens desagradáveis. A maioria

dos entrevistados se constituiu naturalmente por mulheres em consequência do ponto de partida inicial da amostra da pesquisa. O centro de convivência, Projeto Conviver, em sua maioria tem a participação de mulheres, sendo que os homens demonstravam maior interesse pelas atividades de dança, em que havia a possibilidade de namoro ou relacionamento amoroso. Houve, inclusive, o relato de uma briga por questões amorosas. Por outro lado, o uso do celular e das mídias sociais Whatsapp e Facebook foi vinculado em sua maioria ao gênero feminino.

E11 – “A idosa chegou pra mim e falou assim: ‘(...), olha o que que o meu namorado me mandô’. Aí eu olhei...e levei um susto. Ele esta... ‘Olha aqui! Que que eu faço com isso?’. Era o órgão genital masculino, que ele tinha mandado. Tirou foto dele e mandou pra ela.”

A categoria **PESQUISA** (Tabela 08) reuniu os relatos que ressaltaram a aprendizagem, a aquisição ou busca de informação, bem como, a pesquisa por assuntos que auxiliassem no aprendizado de qualquer tema do interesse da pessoa idosa, através da internet, do celular ou das mídias sociais. Os relatos se mostraram entusiastas, apesar de demonstrarem, por parte de alguns, uma certa dificuldade de utilização da internet ou do celular. No entanto, o Whatsapp foi muito citado e justificado por alguns em função de sua simplicidade, facilidade de uso e envio de áudios, textos ou fotos. Para os entrevistados, o Facebook, por exemplo, seria ou oferecia uma maior dificuldade de aprendizado e utilização do que o Whatsapp. Aos menos dois casos foram relatados de idosos analfabetos que aprenderam e utilizavam o Whatsapp para comunicação, pesquisa ou relacionamentos com familiares.

E05 – “Ah, é, e como! É porque antigamente a gente era quase que cega, né, porque a gente não tinha a informação toda, né. A não ser o que escuta ali ou lê ali nos livros. Por exemplo, a minha filha, ela tem lúpus. E quando descobriu a doença, eu fiquei louca, porque quase não se falava nessa doença. Hoje essa doença está bem conhecida. E aí ela fazia faculdade e eu fui na biblioteca da faculdade, procurar nos livros. Se fosse hoje, eu ia na internet. Né, facilitaria. Eu sofri muito, porque não tinha informação. Porque o próprio médico ele não te explica como são as coisas. Muitos médicos, ele nem olha em você! Ele afere sua pressão ali e tal, tal, tal, não é assim!? E ele não me informava, assim, muitos não informam. Tem até alguns que informam. E hoje não, hoje você vai, né, pesquisa no *Google* e tem conhecimento maior. Fala pro médico: óia, eu vi assim, assim, assim.”

E05 – “Eu vou lá no *Google*, ‘pergunto pra ele’. Por exemplo, quando eu vou ao médico fala, por exemplo, agora eu fiz uma cirurgia na carótida, porque ela estava destruída. Aí eu fui lá no *Google* e ele ‘me explicou tudo lá’. Aí quando eu cheguei do médico...(...) É, aí quando eu cheguei no médico eu tava bem informada do que eu, questioneei.”

E05 – “Não uso. Mas eu dou conta de entrar na internet, pesquisar preço de um produto que eu quero... pesquisar uma receita de bolo ou pesquisar uma informação. Endereço...”

E11 – “De estar conectado, à internet...ao Facebook..., aos programas. A gente que estuda... Eu tenho uma colega que estuda muito mais que eu, que ela vive só pra isso... Hoje ela chegou e falo: ‘Olha, abaixa esse aplicativo, porque esse aplicativo tem livros, que é sobre assistência à saúde da pessoa idosa.’”

Ao longo da realização da pesquisa empírica, percebeu-se por parte dos entrevistados uma alteração em suas vidas provocada pela presença das novas tecnologias, ou seja, uma nova realidade trazida pelas mídias sociais e a coexistência agora de uma parte da vida, real, e de outra, virtual (ou digital). **VIRTUAL x ATUAL** – (Tabela 09) nesta categoria reúne-se, portanto, depoimentos a respeito da influência do celular e das mídias sociais no cotidiano dos idosos, uma certa confusão ou imbricamento entre o real e o virtual, alguns afirmando que tal mudança trouxe benefícios às suas vidas e outros dizendo que também existem aspectos negativos que precisariam ser ressaltados, tais como os vícios provocados pelo uso excessivo do celular, de postura corporal (ergonômicos) e sociais (de isolamento também), além do aspecto da insegurança pessoal ou econômica no uso das redes sociais, relacionado à exposição excessiva da própria imagem ou à comunicação de informações pessoais a indivíduos mal intencionados. No entanto, o lado positivo, ao menos por parte dos relatos se tornou inegável. Alguns se viram de certa forma “obrigados” a comprarem um celular com internet para poderem participar melhor de seu grupo social de amigos, religioso ou de trabalho.

E08 – “É...Coloquei...já tava com a comida bem adiantada... Coloquei o arroz...eu gosto de fazer o arroz por último, pra ele ficarquentinho, bem fresquinho... E tô lá no whatsapp, daqui a pouco eu senti um CHEIRO... Falei: ‘Ai meu Deus, queimei o arroz’ E corri...realmente, começou a queimar. Eu tive que correr...tirar a parte de cima pra num passar o gosto do queimado, e o meu marido até estranhou... ‘Ué, você fez menos arroz hoje?’ Eu falei assim ‘É...que eu tô com menos fome hoje’. Mentira! Eu tinha queimado o arroz né. (Risos).”

E11 – “Cadê o convite de papel?” (Expressão aflita). Quer dizer...eu trabalho numa Secretaria que precisa ter pros vereador...pererê, pererê, pererê, pererê...” (relato da entrevistada sobre ocasião em que teria esquecido de encomendar os convites “reais” para um evento, enviando somente pelo Whatsapp).

E10 – “Tem horas que às vezes cê tá concentrado numa coisa mas tá aparecendo mensagem prô cê, mensagem, mensagem, mensagem, aí você fica naquela curiosidade e vai lá abrir. Às vezes é coisa que não tinha, é o que eu te falei, que não

tinha interesse naquele momento, mas eu abro e vejo. Então às vezes isso aí desconcentra você daquele serviço sério que cê tava fazendo.”

Outra categoria evidenciada nas falas dos entrevistados foi a de **RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL** (Tabela 10) - ou seja, laços familiares com filhos ou netos renovados, construídos, reforçados ou influenciados pelo uso do celular. O aprendizado mútuo entre pais e filhos, avós e netos, promovendo a aproximação ou não de jovens, incentivando novas maneiras de se relacionar em função do uso das novas tecnologias e mídias sociais digitais. Percebeu-se pelas respostas um diálogo positivo que promove a superação das questões de idade, a inclusão dos idosos e a participação cooperativa na construção dos significados sociais, da comunicação do cotidiano tanto de jovens quanto de velhos, uma comunicação facilitadora do convívio humano em sua essência.

E03 – “Porque tem muita coisa que eu não sei ir buscar, aí eu vou pedir ajuda pra minha filha. Igual, colocar crédito você não precisa mais ir lá comprar, você coloca tudo via internet né, mexer com banco também via internet. Então, esses aplicativos aí eu uso pouco, porque minha menina me ensina, mas logo eu esqueço porque a idade atrapalha um pouco. Aí meu neto que só tem oito anos já me ajuda muito. Ele fala ‘é assim vô, vem’ e ele me ajuda a arrumar.”

E06 – “É, de dez anos. A minha filha também me ensina. Mais é minha neta. Mas o ano que vem eu vou entrar e vou fazer. O ano pa... esse ano não teve como. É muita coisa, e eu tava com criança também, então não tive. Mas eu gosto do Facebook, eu gosto de postar uma foto, é...tudo isso eu gosto. No Whatsapp também.”

E11 – “Eu, por exemplo, domingo passado, meu neto de dez anos pegou meu celular e falou: ‘Vó! Cê baixô tanto programa aqui, onde cê arrumô esses programa?’ Que eu baixo só os de estudá... E que a gente tem os grupo, passando pros grupo. E ele: ‘Não vô, tem uns aqui de filme’. Porque esse aí eu num baixo. ‘Vem cá!’”

Alguns entrevistados demonstraram **INSEGURANÇA** (Tabela 11) com relação às mídias sociais, ao seu uso e ao conteúdo divulgado na internet, também preocupações e medo da tecnologia, relativo a golpes pela internet, roubos de dados ou outros aspectos de violência, notícias falsas, relacionados a um lado negativo da tecnologia (muitos relatando aspectos positivos e negativos).

E03 – “Tecnologia é muito boa, mas você corre o risco de através dela também fazer algumas notas falsas né, de pôr palavras que você não falou, porque tem como a pessoa manipular. Esse é o perigo maior, mas não se compara ao benefício que é bem maior. Então, pra mim assim eu achei bom demais. Já tem um tempo que eu

lido com celular, só que a internet e o whatsapp é novo né, deve tá beirando aí uns três anos só.”

E12 – “Às vezes hoje no celular você vê mais no celular só porque eu não acredito em muitas coisas que colocam no Facebook. Aí os cara inventa muito. Inventar, eu sei que inventa. E aí infelizmente hoje não tá tanto assim, mas a televisão, às vezes, os jornalistas querem divulgar, querem falar alguma coisa, e às vezes por algum motivo os donos não aceitam. Não pode divulgar isso agora, tem que esperar.”

Outra categoria surgiu de forma significativa nos depoimentos com respeito à presença e importância do celular e mídias sociais digitais no cotidiano das pessoas idosas. Na categoria **TRABALHO** (Tabela 12) foi ressaltado o papel importante do celular como ferramenta no trabalho e geração de renda, na divulgação do trabalho das pessoas idosas, comercialização de mercadorias, aprendizado de pequenos trabalhos manuais, receitas bem como a negociação de preços, promovendo ou participando da construção de um aspecto importantíssimo da cidadania do idoso que é a independência financeira. O aplicativo Whatsapp se destacou nessa categoria por sua usabilidade: facilidade de uso, simplicidade, rapidez.

E01 – “Até trabalho, manuais, assim... hoje tem muito e a modernidade facilitou muito a vida da gente...né, quer aprender um ponto aqui, um desenho, um motivo, eu busco lá...”

E02 – “É...por exemplo, aqui ó tem...tem... tem modelos que elas me passam pelo celu.. pelo whatsapp.”

E03 – “Uso muito o celular, porque o celular já tem internet, o celular tem o Facebook, o celular tem os aplicativos. E, também o computador, mas eu uso menos o computador porque no trabalho eu tenho as pessoas que usam o computador por mim. Agora, o celular é meu companheiro de dia, de noite, até almoçando a gente tá com ele ali mexendo nele. É uma conexão com a população, com o povo, com o trabalho. É muito importante a internet.”

E05 - “É, por exemplo, quando eu tenho de encontrar com uma pessoa. Marco horário em tal lugar, assim e assim. (...) É, o orçamento de alguma coisa, um endereço de uma pessoa que trabalha em alguma coisa, um...”

E06 – “[14:09] Entrevistada: Ajuda pra vender o bordado de tualha. Já me ajudou. [14:15] Entrevistador: Ah, isso é interessante, né. [14:18] Entrevistada: É, eu posteí, nossa, não dei nem conta de tanta encomenda.”

E08 – “Fico em casa...chega uma encomenda de bolo, eu faço...Pego as encomenda, pelo celular... Mando foto...faço orçamentos...às vezes as pessoas vão em casa fazer encomendas... E...posto fotos dos meu crochês...dos meus bordados...Aonde, o celular me ajuda muito...E...tamo aí né. (Risos).”

E10 – “Porque lembrei do *GoogleMaps*, cheguei em casa, pra mim apresentar a defesa minha, nas alegações finais, e tirei o mapa do *Google* mostrando que o (lugar) até chegar no ponto em que foi feita a apreensão, distava 3 km e pouco, numa região cheia de prédios, onde eu questionei ao juiz. Ele poderia até ver, a entrega do dinheiro, se ele tivesse uma visão biônica, que atravessasse os prédios, pra poder enxergar, inclusive, a cena sendo entregue aos policiais que fizeram a apreensão. O que levou o juiz a absolver o meu cliente.” (relato de idoso, advogado, a respeito de processo judicial em que teria vencido com informações do *GoogleMaps*).

Na categoria **ENTRETENIMENTO** (Tabela 13) foram mencionados os usos das novas tecnologias para diversão, passatempo, humor ou autoajuda. O compartilhamento de mensagens engraçadas foi mencionado como comum, bem como a troca de mensagens de autoajuda, com conteúdo de incentivo ou aspectos positivos em relação à vida e às questões do cotidiano, dos relacionamentos. **PARTICIPAÇÃO POLÍTICA** (Tabela 14) - A baixa participação ou engajamento político foi mencionada por alguns mas não descartada por outros, sendo que alguns disseram receber ou ser influenciados de forma política através de informações sobre políticos, partidos, eleições, contexto político do país, escândalos políticos ou corrupção política.

E01 – “Ah, tem amiga que sempre manda algum vídeo engraçado, né? Às vezes... né? Uns agradam, outros são estranhos, a gente deixa pra lá... aquilo que é útil a gente aproveita, né? Aquilo que não é a gente larga pra lá...”

E04 – “Hm... não, que eu achei mais... eu gosto mesmo é daquelas mensagens bem assim, profunda, né, que toca na alma da gente. Aquelas fotos de flores, é... isso que eu gosto no *Whatsapp*.”

E02 – “Igual no dia da votação mesmo a Fabiana falou assim: ‘Mãe, eu vou passar aí pra senhora um número aí pra senhora votar né ele tá ajudando.. é lá na cidadezinha, ajudando o pessoal lá, é bom, uma pessoa muito boa. Então a senhora vota nele, quer dizer, informação sobre a cidadania que eu ia exercer, que eu ia lá votar na pessoa.

E12 – “Uai, a gente conversa...a gente conversa, é...às vezes conversa sobre as dificuldades que um ou outro tem, da vida. Ou às vezes fala alguma coisa a respeito da nossa dificuldade, do nosso país que tá atravessando, né. Sobre a política brasileira, que eu acho que...”

A categoria **EXCLUSÃO x INCLUSÃO** (Tabela 16) revelou, por parte dos entrevistados, uma certa dificuldade em utilizar a tecnologia ou de acesso à mesma, às mídias sociais, ao *smartphone*, seja por motivos sociais ou econômicos, bem como reuniu trechos em

que o preconceito em relação à velhice foi sentido ou percebido. Nessa categoria, ao mesmo tempo, foram destacadas falas que também revelaram a inclusão possibilitada pelas novas tecnologias de informação e comunicação. A exclusão foi sentida pela dificuldade do entrevistado em compreender o funcionamento ou por uma educação deficiente anterior ao surgimento da tecnologia. A inclusão, proporcionada por essa mesma tecnologia, se refere à sua simplicidade (aplicativo Whatsapp), possibilitando o uso por analfabetos.

E01 – “Aham, sei. Eu tenho mais dificuldades de aprender a enviar o texto escrito, porque assim, minha leitura é muito pouca, né, eu praticamente não estudei, então, eu tenho dificuldade, até eu achar a letra e juntar ali, aí fica muito feio, eu prefiro mandar na voz mesmo, o áudio.”

E03 – “É mais prático, é rápido, mais barato, a gente gasta menos do que você usar o telefone pra comunicar com as pessoas. Antes quando não tinha o zap eu usava muito a ligação, gastava até demais porque telefone de casa a gente nem olha mais, você usa só o celular porque pra onde você vai ele tá com você. O Facebook eu uso mais pra apresentar os meus trabalhos. Em cada lugar que eu vou dar uma palestra, ou a gente vai e faz um chamado, ou a gente vai distribuir panfletos nós fotografamos e quando eu chego no meu serviço ou na minha casa à noite, eu vou divulgar aquele trabalho tanto através do Facebook quanto do ‘zap’.”

E02 – “A gente vai ficando velha também, não tem muita habilidade nas mãos. Aquela habilidade que os meninos fica ali ‘assim, assim’, sabe.”

E03 – “A gente tem que tá praticando alguma atividade e a tecnologia é essencial pra gente, porque tem muitos idosos que ainda são analfabetos e fica difícil demais porque pra ele ir pra um determinado lugar, vai pegar um ônibus ele não vai saber ler, tem que tá perguntando os outros, se a pessoa quiser fazer maldade, ensina a pegar o ônibus errado e a pessoa sai por aí padecendo. Então por isso a gente tem que sempre estar aprendendo, cada dia mais buscar a tecnologia e o saber. No computador mesmo eu apanho muito porque já falo assim ‘ah, eu não gosto, não tenho tempo’, e a gente acostuma o outros fazerem pra gente e não pode.”

E12 – “Com o computador eu mexo, mas é muito pouco. Eu uso mais mesmo é o celular. Com o celular eu faço praticamente quase tudo com o celular, e tem muitas coisas que eu tenho medo de fazer no celular como pegar meus boletos bancários e pagar.”

A presença do celular com internet na vida do idoso, de acordo com os relatos, foi mais relevante do que qualquer outro meio de acesso à informação, influenciando o cotidiano dos entrevistados das mais diferentes formas. Assim, na categoria **RELIGIÃO** (Tabela 17) constatou-se uma presença forte da temática religiosa, de uma preocupação religiosa e da influência da tecnologia em suas vidas, a comunicação também se fez presente nessa categoria:

E01 – “Como eu sou evangélica, eu gosto muito de mandar mensagem para os meus irmãos, para minhas amigas, né, para minha família.”

E03 – “Mas assim, eu uso mais pra trabalho, pra falar com meus amigos e também no meu trabalho na igreja. Na igreja eu sou coordenadora da liturgia da música, então tenho que estar comunicando com a turma sempre pra reunir, pra ensaiar. E aí eu mando os recados tudo pelo whatsapp. Então é o melhor do que tem no celular.”

Na categoria **UTILIDADE** (Tabela 18) reuniu-se mensagens que demonstrassem aspectos de uma vida melhor para o idoso, facilidades de comunicação trazidas pela tecnologia e mídias sociais, benefícios percebidos ou sentidos pelos entrevistados. Dentre tais benefícios percebidos revelaram-se questões relacionadas a um melhor transporte ou deslocamento urbano por meio de aplicativos como o *GoogleMaps* e *Uber*. Também a questão da comunicação entre os membros de um mesmo grupo do Whatsapp ou familiares, promovendo alertas em relação a urgências de saúde, acidentes ou assaltos.

E05 – “O Uber foi assim...Minha filha que falou que já tinha Uber, já estava começando em Aparecida...E que eu poderia baixar um aplicativo no meu celular. Eu falei: ‘Ah filha, eu não sei. Eu não sei baixar aplicativo’, ‘Não mãe então eu baixo pra senhora’. Aí ela baixou o aplicativo pra mim...me ensinou como usar...e hoje, eu uso direto. Inclusive existe um...um código, né? Que a gente é...passa pros amigos, à medida que eles passam a usar...Eles, também têm as duas primeiras viagens, têm desconto...Tem viagens minhas que eu já tive desconto...Tiveram viagens de graça...Então eu pra...”

E11 – “Então tá sendo assim...de utilidade pública mesmo! Aí elas mandam: ‘Olha essa foto! Olha a situação...! Aconteceu...’ Nós estávamos terça-feira no baile, que toda terça-feira a gente tem um baile, e o meu celular ‘pic, pic, pic pic, pic, pic’...eu falei: ‘Gente...! Eu não vô atendê...’. E as menina: ‘Não?! Olha...tá muito...tá muito’. Eu atendi. Era um idoso, que tinha sido atropelado...nosso...”

E11 – “Aí o idoso, acessa aqui, pede alimentação. Ele num tá com vontade de cozinhar... Então ele liga pro restaurante...ou manda um ‘zap’ pro restaurante...pedindo...a comida hoje. ‘O que é que tem pa comê aí hoje?’”

Na categoria **VISÃO DO PROFISSIONAL** (Tabela 20) reuniu-se os conteúdos expressados pelos profissionais envolvidos com os idosos (dois profissionais) ressaltando-se uma visão ampliada, de convívio e experiência com pessoas nessa faixa etária proporcionando a confirmação de percepções em relação ao uso da tecnologia e mídias sociais pelos idosos. Por exemplo, em relação à solidão, comunicação, inclusão, participação política, sexualidade do idoso. A importância das novas tecnologias de comunicação e informação, bem como das mídias sociais foi destacada pelos entrevistados.

E13 – “Muito. Muito. Por quê? A tecnologia, hoje, faz companhia pro idoso. Faz companhia pra ele. Tinha idoso que depois que entrou em rede social, eles passam o tempo, é uma distração pra eles. E isso passou a ser muito importante na vida deles.”

E13 – “Muito. Por causa da carência do idoso. É uma carência muito grande: a carência afetiva, e dentro de redes sociais, dentro de grupos de família, isso tem somado muito pra eles com a forma muito positiva. Isso veio agregar muito pra eles. Isso faz muita diferença na vida deles. Eles passam o tempo ali. O tempo que eles tinham ocioso, porque o idoso hoje, o idoso de hoje, não quer bordar mais.”

E13 – “Eu acho pela comodidade, pela facilidade que eles descobriram que tem pra acessar. O que que acontece? Eu tenho uma idosa, que ela é analfabeta e ela tem Whatsapp. E ela ama o Whatsapp porque ela grava os áudios. Ela não tem o conhecimento...[09:02] Entrevistador: Analfabeta?[09:03] Entrevistada: Analfabeta! [09:03] Entrevistador: Interessante. [09:04] Entrevistada: Mas ela usa o Whatsapp por meio de voz. De mensagem de voz ela se comunica com o grupo. E o grupo articula com ela quando ela passa mensagem de voz, por o grupo saber que ela não tem... é... ela é analfabeta,

E13 – “Muito! Tem ajudado muito elas. Eu tenho idosa, hoje, que anda de Uber o tempo todo e elas mesmo chama o Uber. Não precisa nem da minha ajuda. Tão bem independentes.”

E13 – “Ainda falta muita consciência deles aí, essa conscientização deles aí é um déficit muito grande. Esse acompanhamento que a gente tem com eles, a gente faz muita temática, a gente faz muita roda de bate-papo, a gente discutia muito isso. O quê que eles querem, né, o quê que tava assim, devido pra eles. O quê que eles estavam insatisfeitos, né, pra deixar eles, pra ver o que que eles ia falar, qual que era a insatisfação maior deles. O que mais eles queriam, né. Então assim, muitos revoltam, né, muitos nem acompanham política, muitos são antipolíticos, né, falam “Não, minha filha, vai falar de política com a gente não, porque a gente não quer isso.”

Na categoria **INDEPENDÊNCIA** (Tabela 15) reuniu-se conteúdos relacionados à facilidade com que o celular ou mídias sociais digitais proporcionariam à questão financeira do entrevistado, sua independência física, de deslocamento, social ou econômica.

E05 – “É. Aí às vezes eu tenho tempo e ele não tá lá. Às vezes ele tá lá e eu não tenho tempo. Mas aí na hora que eu tenho tempo, inclusive esse negócio de conta bancária, esses trem eu já sei mexer em tudo.”

E05 – “Menino, mas como é interessante. Hoje se você souber usar as coisas você economiza demais tempo e dinheiro.”

Aos idosos entrevistados foi feita a seguinte pergunta: **O QUE É CIDADANIA PARA VOCÊ?** (Tabela 19) - As respostas, depois de reunidas, compuseram uma categoria à parte, pré-definida pela própria pergunta. Algumas expressões relacionadas à cidadania foram: “liberdade de ir e vir”, “fazer o bem a alguém”, “respeitar as outras pessoas”, “cumprir

direitos e deveres”, “fazer parte de um todo”, “participar de eleições”, “bom convívio”, “compartilhar conhecimento”. Exemplos:

E03 – “Cidadania pra mim é você ter a liberdade de ir e vir, ter o seu trabalho digno pra você saber que aquilo que você tá comendo é do seu rosto/gosto(?), isso seria uma cidadania na minha concepção. As pessoas fazerem o bem sem olhar a quem também é uma cidadania, é uma atividade. Agora, o mais principal mesmo é isso aí, você ter o direito de ir e vir que é quando o meu direito começa o seu termina e vice versa, sendo que isso hoje em dia não é mais respeitado.”

E08 – “Bom eu acho que uma pessoa cidadã...é assim, uma pessoa cumpridora...dos seus deveres...com a sua cidade...com o seu estado... É...além dos, assim... Nós temos que cumprir com nossos deveres de cidadão. Por exemplo, votar...é um dever, de cidadão. Participar todo, toda vez que existe as eleições...estarmos lá presentes pra fazer uma, eleger os nossos candidatos. Mais... nós temos, os nossos deveres...e temos os nossos direitos...também. Apesar que muitos idosos...eles tem...eu já percebi que eles tem medo, de...de...de buscar pelos direitos.”

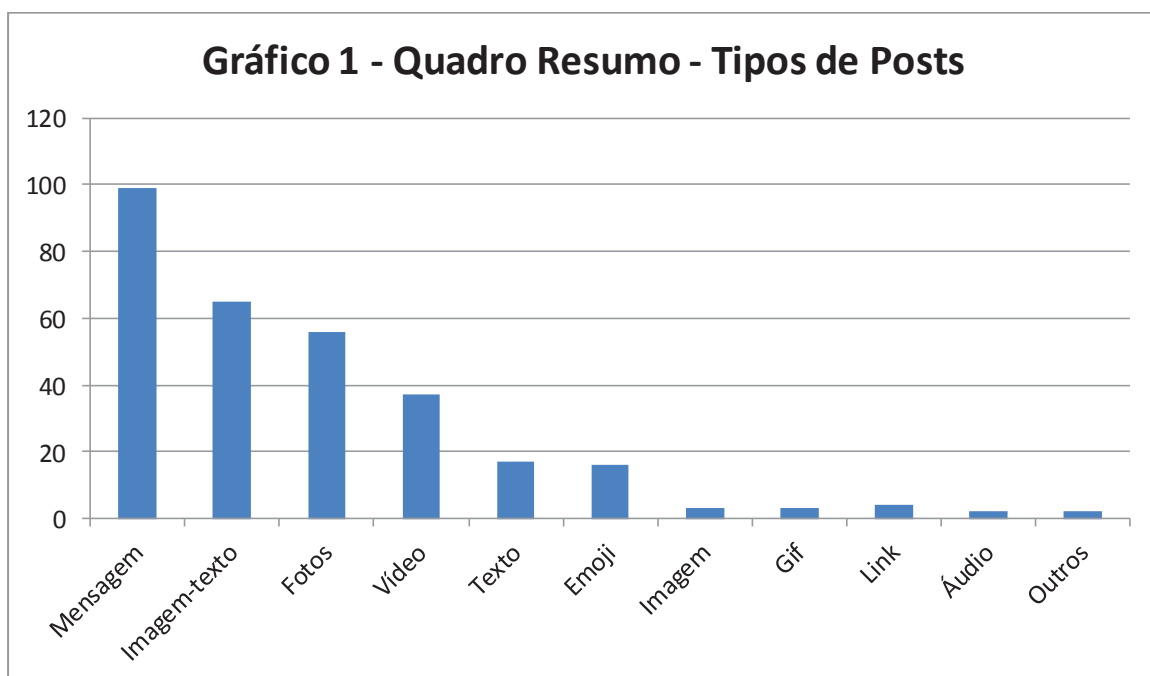
E11 – “É você ter o respeito, dá oportunidade pro idoso, continuar... Se ele quer trabalhar, deixe trabalhar! Ele quer trabalhar o quê? Uma, uma hora por dia? Deixa gente! Isso é cidadania. É respeita o outro! Sabe? No Estatuto do Idoso, o artigo quarenta e três, inciso terceiro diz assim: “que o idoso tem todos os direitos inerentes à sua vida, educação, saúde, esporte, lazer...” E ele, o direito dele, é desrespeitado, quando, a família...no artigo terceiro, que é obrigação da família, cuidar do idoso. Num é o Estado. Primeira é a família, segundo é a comunidade, terceiro, é o Estado. O Estado é o terceiro. Então, isso é cidadania. É a gente dá condição pra família. E como o Estado pode ajudar? No dia a dia? Então, cidadania é isso pra mim. É você ter a oportunidade de ser respeitado, de ter a mesma oportu... Por quê que eu com sessenta anos, com toda a minha vitalidade, eu tenho que... Eu num posso mais participar de nada. Eu tenho que ser excluída, num posso mais...não! Então isso é cidadania. A gente, a gente só envelhece. A gente num fica bobo, a gente num fica criança. Pelo amor de Deus! Ninguém fale em creche de idoso, que isso é um desrespeito. É centro dia. Então, isso é cidadania. É você respeitar o outro. Dá oportunidade, pra gente que é idoso, continuar trabalhando, brincando, dançando, entendeu? É os direitos respeitado nosso. E a gente continuar contribuindo.”

5.7 RESULTADOS (WHATSAPP)

Nos resultados da análise de conteúdo das postagens no Whatsapp, chegou-se ao seguinte quadro geral de resultados, com respectivos gráficos:

TABELA 02: Quadro Resumo - Tipos de Posts no Whatsapp

QUADRO RESUMO (Tipos de Posts)	
Tipo de postagem	Totais
Mensagem	99
Imagem-texto	65
Fotos	56
Vídeo	37
Texto	17
Emoji	16
Imagem	3
Gif	3
Link	4
Áudio	2
Outros	2



Os posts do Whatsapp foram classificados de acordo com o tipo de post e também de acordo com o conteúdo. Seguem abaixo exemplos dos tipos de posts detectados na coleta:

Figura 02 – Exemplos de tipos de posts detectados na coleta do Whatsapp:

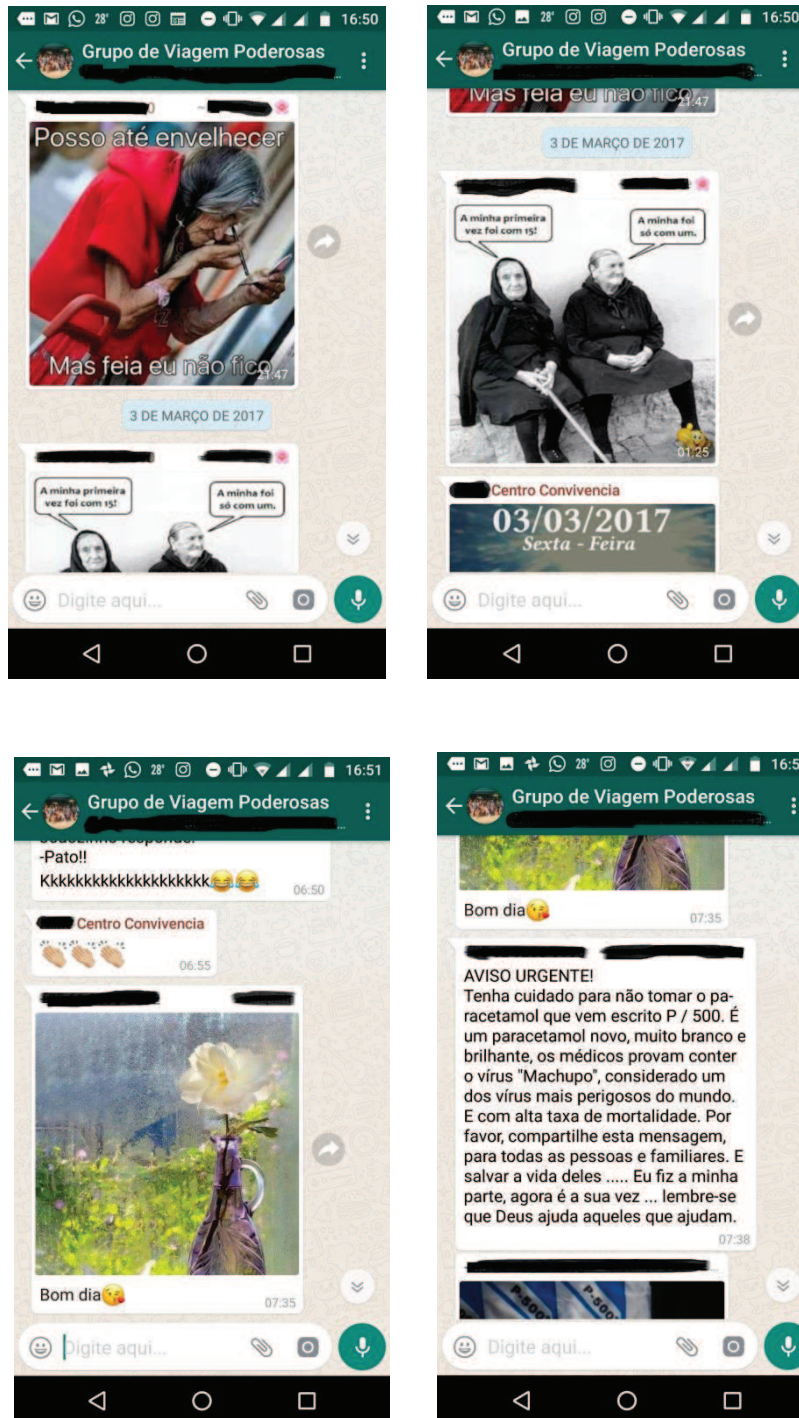


TABELA 03: Quadro Resumo – Conteúdo no Whatsapp

QUADRO RESUMO (Conteúdo)	
Categoria (Conteúdo)	Totais
Interação	64
Informativo	57
Cumprimento	46
Autoajuda	33
Humor	20
Político	12
Religioso	10
Afirmativo	7
Entretenimento	4
Saída do grupo	3
Erotismo	2



Percebe-se uma frequência maior (Gráfico 2) dos conteúdos Interativos e de Cumprimento, relacionados principalmente ao estabelecimento de diálogos, à vontade de se comunicar e estabelecer comunicação com o outro. Surpreendentemente, a presença de conteúdos Informativos, que se relacionam a posts educativos ou noticiosos surge maior do que os considerados de Autoajuda, ou seja, conteúdos voltados para mensagens de otimismo, de comportamento ou lições de vida.

5.8 RESULTADOS (FACEBOOK)

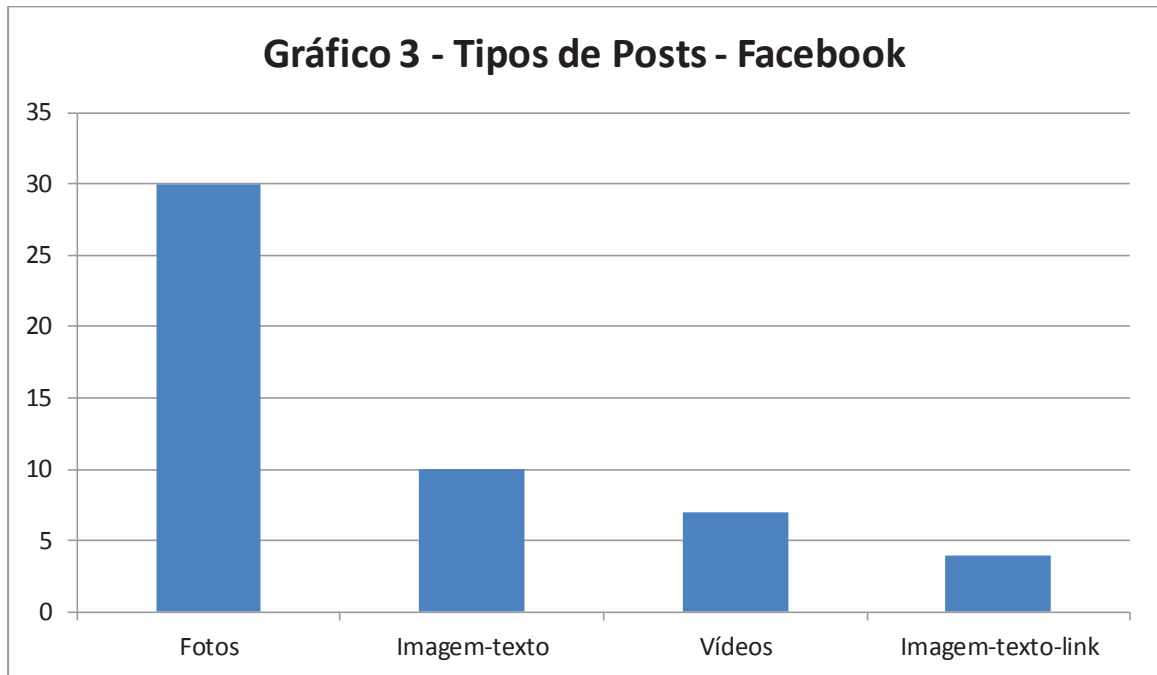
Nos resultados da análise de conteúdo das postagens no Facebook, chegou-se ao seguinte quadro geral de resultados, com respectivos gráficos:

TABELA 04: Quadro Resumo – Tipos de Posts por Perfis do Facebook

QUADRO RESUMO (Perfis do Facebook)	
Tipo de postagem	Totais
Fotos	30
Imagem-texto-link	4
Vídeos	7
Imagem-texto	10

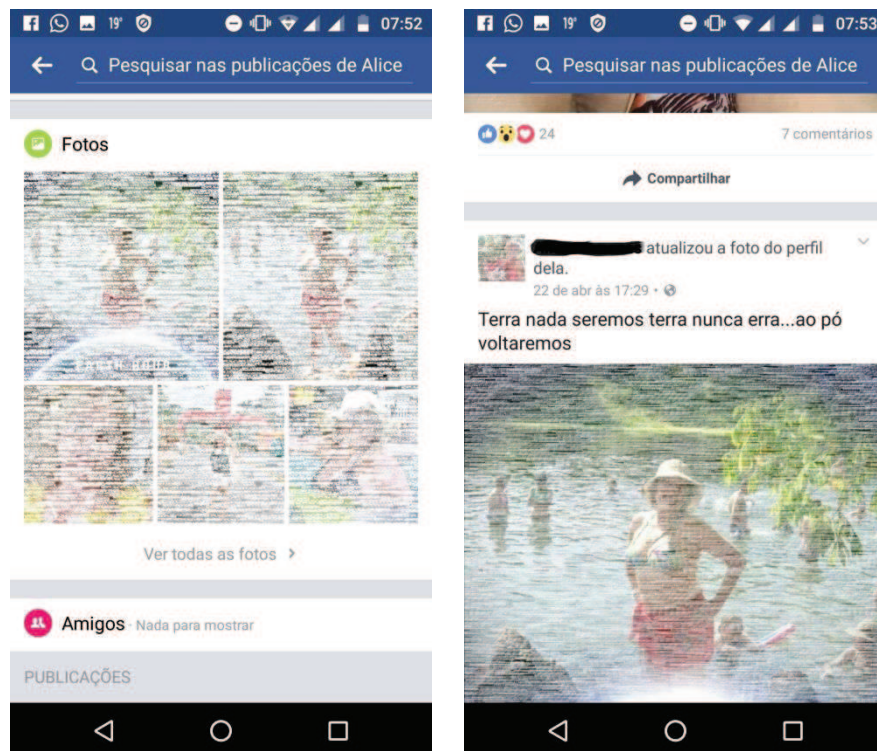
TABELA 05: Quadro Resumo – Conteúdo de Posts por Perfis do Facebook

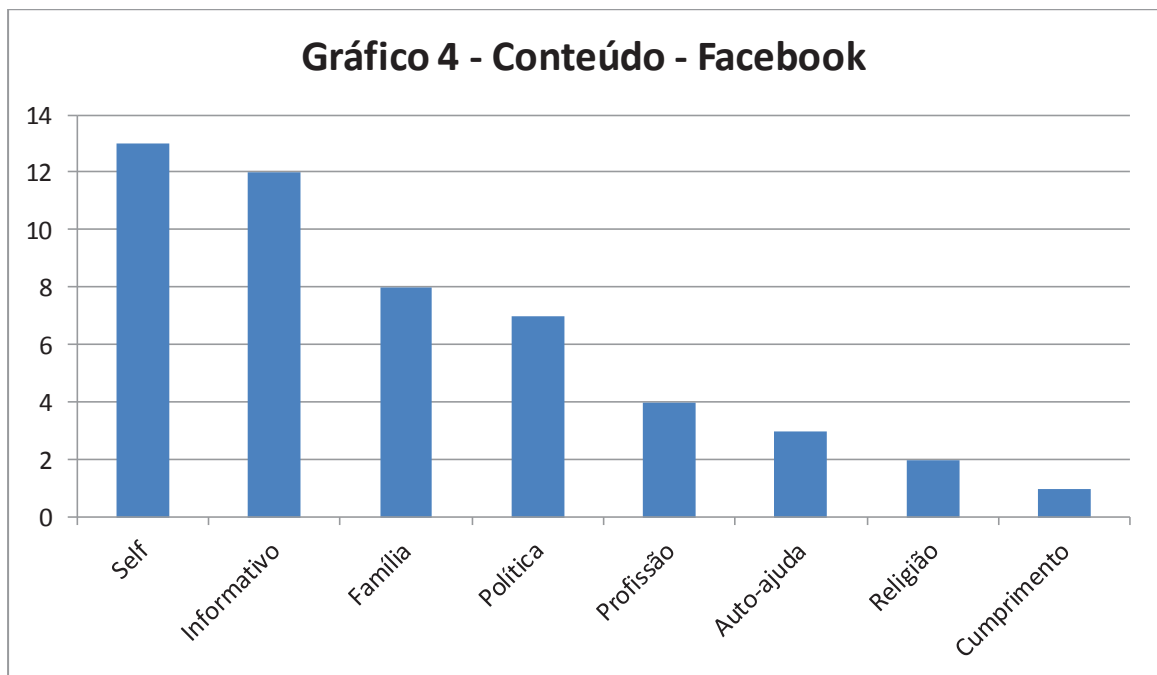
QUADRO RESUMO (Perfis do Facebook)	
Categoria (Conteúdo)	Totais
Religião	2
Família	8
Self	13
Informativo	12
Política	7
Autoajuda	3
Profissão	4
Cumprimento	1



Os posts do Facebook também foram classificados de acordo com o tipo de post e de acordo com o conteúdo. Seguem abaixo exemplos dos tipos de posts detectados na coleta:

Figura 03 – Exemplos de tipos de posts detectados na coleta do Facebook:





Há que se destacar que a coleta não procurou abrangência mas representatividade, como proposto na metodologia. Olhando-se, pelo aspecto qualitativo, percebe-se significativa presença, ao menos a partir da coleta estabelecida, de conteúdos relacionados principalmente à imagem dos próprios usuários (Self), o que concorda com a percepção do senso comum, detectado nas entrevistas em profundidade, de que o Facebook seria voltado para os

relacionamentos (Família), a imagem das pessoas. No entanto, a presença dos conteúdos (Informativo) e (Política) também demonstra uma preocupação ou utilização das redes sociais, pelas pessoas idosas, em discutir ou divulgar questões relativas à política, ao aprendizado e à informação.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa empírica demonstraram a presença, mesmo que pequena, de conteúdos considerados como de engajamento cívico, pressuposto aqui como condição para a transformação do *status* de cidadania do idoso. Entretanto, a sua simples presença não é suficiente para se poder afirmar em que nível essa transformação poderia estar ocorrendo. Claro, sim, estariam postas as possibilidades das novas tecnologias de informação e comunicação, no entanto, a questão se torna complexa quando se parte para uma avaliação qualitativa dos conteúdos. Parece estar presente, também, questões culturais, além de aspectos econômicos de exclusão ou acesso, educacionais e sociais.

Por outro lado, destaca-se a categoria Comunicação (ANEXO 1), identificada na análise de conteúdo, por sua importância no auxílio ao idoso em sair de seu isolamento, sua solidão e, muitas vezes, até mesmo de um quadro mais grave, de depressão (relatado pelos entrevistados). Nesse sentido, como negar o papel de reinserção, inclusão que as NTIC's exercem nesse momento para a cidadania dos idosos? Da mesma forma a categoria Pesquisa (ANEXO 3) indicou o quanto um celular com internet passou a ser importante na vida do entrevistado ao lhe proporcionar o acesso a um mundo de conhecimento incomparável, permitindo-lhe, em alguns casos, chegar a uma consulta médica com informações a respeito da própria doença, os sintomas, forma de tratamento e procedimentos a tomar. Mais uma vez, percebe-se uma quebra na direção e poder do conhecimento, antes nas mãos do profissional de medicina, e um maior esclarecimento do paciente, inclusive no sentido de cobrar melhores tratamentos e condições de saúde. A extensão à questão de seus direitos e deveres, enquanto cidadão, estabelecidos por nossa Constituição também decorre dessa mesma categoria, detectada na pesquisa empírica.

Na categoria Relacionamento Intergeracional (ANEXO 5) percebeu-se outro aspecto positivo, uma possibilidade de ressignificação dos relacionamentos entre jovens e idosos, no momento de aprendizado das NTIC's, que em geral possui maior domínio por parte dos jovens. Alguns podem argumentar que essa aproximação poderia aumentar o fosso entre essas duas faixas etárias mas não foi o que se encontrou na maioria das entrevistas. O que se percebe é que o relacionamento entre os jovens e seus pais, tios ou avós foi destacado no momento em que os idosos procuravam o uso das NTIC's e não conseguiam um uso adequado ou aprendizado. Os jovens ajudam, criticam, fazem comentários em relação aos seus parentes idosos utilizando as novas tecnologias e isso nem sempre é de forma negativa, mas sim num sentido dialógico porque muitas vezes o idoso compartilha com o jovem algum

conhecimento porque, utilizar as NTIC's não é simplesmente uma questão técnica, no momento em que o idoso passa a dominar aquele acesso ele consegue, cada vez mais, aproximar sua experiência e aprendizado das gerações mais jovens, conseguindo influenciá-las também.

Trabalho e Participação Política (ANEXOS 7 e 8) foram categorias que também surgiram a partir da avaliação qualitativa das entrevistas. Essas indicaram uma proximidade maior do conceito de capital social, principalmente a categoria Participação Política (ANEXO 8) que, em nosso entender, estaria mais próxima da questão do “engajamento cívico” citado por Matos (2009). Ora, a participação política não foi um aspecto predominante, expressivo, nem se poderia dizer isso de uma pesquisa não quantitativa, mas esteve presente. Portanto, não se pode afirmar que os idosos estejam passando seu tempo única e exclusivamente assistindo vídeos ou fotos engraçados no Whatsapp ou Facebook. Há sim, e os resultados da pesquisa mostram isso claramente, uma preocupação e participação em questões relacionadas à vida democrática e à cidadania do idoso. Por outro lado, não se deve desprezar o momento conturbado da política brasileira, de profundo descrédito da classe política, como pano de fundo a influenciar os resultados da pesquisa.

As categorias ressaltadas pela pesquisa como Autoajuda e Humor (ANEXO 18 e Gráfico 2) aparecem de forma evidente, como um tipo de conteúdo expressivo no cotidiano dos idosos ao utilizar as redes sociais. Mas essa característica não deve ser apontada como exclusiva dessa faixa etária, podendo-se, inclusive, explicar sua presença no contexto cultural brasileiro. Daí sairiam questionamentos em relação à participação política do brasileiro, ao engajamento cívico, à sua maior ou menor abertura a temas relacionados à comunidade ou nação. De forma geral, o que se critica aqui é como o brasileiro está utilizando essas ferramentas. As possibilidades para sua cidadania existe, mas o uso cotidiano ainda não parece ser nesse sentido.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando-se a questão-problema desse trabalho: as novas tecnologias de informação e comunicação estariam contribuindo para a cidadania dos idosos? A resposta que se poderia dar é que, sim, num certo nível. Para se ter uma noção melhor seriam necessários outros parâmetros, outras pesquisas, que nos indicassem padrões comparativos de comportamento, tanto em termos qualitativos quanto quantitativos. A questão cultural, educacional, política, geográfica ou social sempre deve ser levada em conta. O que se pode afinal dizer é que, para a amostra escolhida, no contexto social inserido, as NTIC's exercem sim uma influência positiva de engajamento cívico, enriquecimento do capital social, reinserção social e visibilidade pública.

As redes sociais, desenvolvidas pelas mídias sociais digitais, bem como a internet, não são unanimidade em termos de benefícios à comunicação horizontal, democrática e dialógica, o que seria essencial à cidadania. A vida dos indivíduos recebe sim o impacto dessas novas formas ou plataformas de comunicação, é o que esse trabalho constata, mas tais inovações tecnológicas enfrentam, às vezes, resistências. O Whatsapp, mídia de compartilhamento de conteúdos, que muitos não consideram propriamente como rede social por ser ou possuir um caráter mais focado nos contatos pessoais, é citado e destacado como aquela mídia com mais pontos positivos, auxiliando na comunicação do idoso, no transporte, na informação, aprendizado e inserção social, por meio de seu recurso de criação de grupos ou de contatos individuais. O capital social, aqui presente, ficou determinado pelas respostas qualitativas, indicando os aspectos centrais de tal conceito, relacionados ao engajamento cívico, no entanto, a presença de conteúdos meramente conversacionais ou de entretenimento se mostrou predominante.

O exercício da cidadania, não somente dos idosos, mas de qualquer extrato da população, necessita de espaços que complementem o que se encontra expresso em nossa Constituição, em forma de lei. O *status* de cidadão, “outorgado” às pessoas com 60 anos ou mais através da Constituição de 1988 e reforçado por meio do Estatuto do Idoso, em 2003, quando prevê, expressamente nos artigos 3 e 21, “a viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações”, além de garantir que “os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna” é um reconhecimento explícito da importância das NTIC's na constituição e reforço da cidadania do idoso. O acesso aos recursos informacionais, às NTIC's, se constitui em forte aliado na

ampliação do capital social dos idosos, permitindo-lhes reforçar suas redes de relacionamentos, engajamento cívico, aprendizado, conscientização política, consultas a direitos e deveres.

No entanto, a inclusão digital é um processo, demandando ações educacionais, políticas públicas ou de justiça social. Em relação à cidadania dos idosos, esta não é simplesmente garantida, de forma absoluta, através da criação de uma lei. Por ser um conceito histórico, social e econômico, a cidadania passa diretamente pelo campo comunicacional e depende dele intrinsecamente, ao ser reelaborada, rediscutida ou reconstruída. O próprio reconhecimento do Estatuto do Idoso, de que as pessoas com 60 anos ou mais, são cidadãos especiais e necessitam ter acesso e usar as novas tecnologias, demonstra que as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC's) podem também provocar exclusão ou prejudicar essa mesma cidadania. Isso pode ocorrer na medida em que a população idosa apresente alguma dificuldade cognitiva, motora ou financeira de acesso às novas tecnologias.

Ainda assim, mesmo com todos os problemas do ambiente virtual digital, esse espaço se constitui em algo que tem muito a oferecer às pessoas idosas ou mais velhas ao disponibilizar-lhes a possibilidade concreta de rompimento do isolamento que muitos experimentam, diminuir a percepção ou o sentimento de solidão através do relacionamento com pessoas próximas e distantes ou até mesmo ao proporcionar novos contatos sociais de amizade. Deste modo a internet, para as pessoas idosas, é mais do que uma fonte de pesquisa de receitas, serviços, aprendizado ou diversão, pois, para esse público, a internet e as NTIC's podem oferecer o resgate de antigas amizades, promover novas e estreitar laços familiares intergeracionais, gerando inserção nos núcleos familiares e uma alternativa dialógica não presencial, assíncrona, facilitando tanto para o idoso com dificuldades de deslocamento quanto para os demais familiares e amigos.

Em relação ao conceito de capital social, categoria teórica diretamente relacionada a essas possibilidades de relacionamento, Matos (2009) destaca que ainda são incipientes os estudos sobre as “articulações entre o processo comunicativo (entendido em sua dimensão relacional) e a formação do capital social.” (MATOS, 2009, p. 23). A questão do engajamento mostra-se, evidentemente, que precisa ser avaliada de forma mais ampla. Daí que seria difícil encontrar pesquisas que se dedicassem a explorar “de maneira refinada e inovadora”, a construção do capital social “como um processo comunicativo de intercompreensão e cooperação, no qual os interlocutores estabelecem conversações, diálogos e trocas de informação acerca de suas experiências, questões e problemas.” (MATOS, 2009, p. 23). No entanto, concordando-se com Matos (2009), a comunicação, enquanto atividade coletiva

envolvendo a linguagem e os vínculos sociais, “é uma condição necessária para a formação e utilização do capital social.” (MATOS, 2009, p. 23).

Novas pesquisas, com o mesmo intuito, se fazem necessárias. Por exemplo, procurando-se relacionar questões culturais à dificuldade ou aparente resistência do brasileiro em relação a questões políticas, cívicas e a melhor utilizar, em termos de conteúdo, as possibilidades das redes sociais virtuais e da internet. A questão educacional, a inclusão e exclusão em suas mais diferentes nuances, a opinião pública, todas essas temáticas também emergiram dos resultados, demandando novas abordagens da comunicação dita conversacional, referida por Matos (2009). Como incentivar um maior compartilhamento e produção de conteúdos que visem, de forma mais eficiente, o bem coletivo, a mudança de leis, a discussão de questões essenciais à democracia, aos idosos e aos brasileiros como um todo? Cada uma dessas vertentes, por si só, abrem extensos, porém necessários caminhos de investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1998.

ARISTÓTELES. **Aristóteles – vida e obra**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

_____. Ética a nicômaco. In: **Aristóteles**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1984, 330p, 44-236.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa (Portugal): Edições 70, 1977.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som - um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002, 516p.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Tradução de Albino Santos Mosquera. Barcelona: Paidós, 2006.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, 712p.

BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. O capital social - notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **O poder simbólico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CÍCERO, Marco Túlio. **Catão, o velho ou diálogo sobre a velhice**. Tradução de Marino Kury. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Editora Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125p. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/4v5z9/pdf/correa-9788579830037.pdf>>. Acesso: 10/09/2016.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cidadania e modernidade**. São Paulo: Perspectivas, 1999, p. 41-59.

DALBOSCO, Claudio Almir. Corpo e alma na velhice: significação ético-pedagógica do “cuidado de si mesmo”. In: **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano (RBCEH)**, Passo Fundo, jan./jun., 2006.

D’AMARAL, Marcio Tavares. **Comunicação e diferença: uma filosofia de guerra para uso dos homens comuns**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. In: **Revista USP**. São Paulo, n.º 42, junho/agosto, 1999, p. 70-83.

_____. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

_____. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. In: **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 12, nº. 34, São Paulo, 1997. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=203:rbc34&catid=69:rbc&Itemid=399>. Acesso: 10/09/2016.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Tradução de Mauro Sá Rego Costa, Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 146-171.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FAVA, Gihana Proba; JÚNIOR, Carlos Pernisa. Filtros bolha nos algoritmos do facebook: um estudo de caso nas eleições para reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora. In: **INTERCOM, XXXVII**, 2014, Foz do Iguaçu. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1949-1.pdf>>. Acesso: 10/03/2017.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Sandra Netz. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. CARDOSO, Rafael (Org.). Tradução de Raquel Abi-Sámara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FONTENELE, Isleide. **O nome da marca**. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 280-331.

GENTILLI, Victor. O conceito de cidadania, origens históricas e bases conceituais: os vínculos com a comunicação. In: **Revista Famecos – Comunicação e Política**, Porto Alegre, Porto Alegre, nº 19, dezembro, 2002.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. São João do Estoril (Portugal): Princípiã, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

GORCZEWSKI, Clovis; MARTIN, Nuria Belloso. **A necessária revisão do conceito de cidadania**: movimentos sociais e novos protagonistas na esfera pública democrática. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HUYSEN, Andreas. Mapeando o pós-moderno. In: **Pós-modernismo e política**. HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**. São Paulo: Ática, 2006, pp. 268-284.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1983.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

LEMO, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Venício A. Comunicação, poder e cidadania. In: **Rastros**: Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação. Joinville, SC. Ano VII, n. 7, p. 8-16, out. 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

MAINIERI, Tiago. Caminhos para uma outra comunicação. In: COUTINHO, Eduardo Granja; MAINIERI, Tiago (Org.). **Falas da história**: comunicação alternativa e identidade cultural. Goiânia: FIC/UFG, 2013.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Tradução de Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967, p. 57-114.

MATOS, Heloiza. TIC's, internet e capital social. In: **Líbero**, São Paulo, n. 20, dezembro, 2007. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/TIC%E2%80%99s-internet-e-capital-social.pdf>>. Acesso: 08/01/2016.

_____. **Capital social e comunicação**: interfaces e articulações. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MIÈGE, Bernard. **A sociedade tecida pela comunicação**: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social. São Paulo: Paulus, 2009.

MORGADO, Isabel Salema; ROSAS, António (Org.). **Cidadania digital**. Covilhã (Portugal): Labcom, 2010.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo – neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NASCIMENTO, Dalma. A velhice através dos tempos e nos relatos literários de norberto boechat. In: **Verbo de Minas**. Juiz de Fora (MG): v. 8, n. 16, jul./dez., 2009, p. 171-194. Disponível em <http://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/Numero%2016/12_OUTROS1_DALMA_VM_1_2010.pdf> Acesso: 10/09/2016.

NEVES, Bárbara Barbosa. Cidadania digital? Das cidades digitais a Barack Obama. Uma abordagem crítica. In: **Cidadania digital**. Covilhã (Portugal): Labcom, 2010.

OLIVEIRA, Diego. A terceira idade e os relacionamentos líquidos nas redes sociais. In: **Interprogramas de Mestrado Faculdade Cásper Líbero**, 10º, 2014, São Paulo. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Diego-Oliveira-FCL.pdf>>. Acesso: 10/09/2016.

PAIS, José Machado. **Nos rastros da solidão**: deambulações sociológicas. Lisboa: Ambar, 2006.

PAIVA, Cláudio Cardoso. O espírito de narciso nas águas do facebook. as redes sociais como extensões do ego e da sociabilidade contemporânea. In: **Intercom**, XXXV, 2012, Fortaleza.

Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0953-1.pdf>>. Acesso: 10/09/2016.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **A linguagem dos emojis**. Trab. linguist. apl. vol. 55, nº. 2. Campinas, May/Aug., 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000200379>. Acesso: 01/05/2017.

PÁSCOA, G.M.G., & GIL, H.M.T. Uma nova forma de comunicação para o cidadão sênior: facebook. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo (SP), n. 18(1), p. 9-29, março, 2015.

PEDROSO, Augusto Aldori. **A pesquisa sobre envelhecimento humano: grupos de pesquisa no estado de são paulo**. Passo Fundo: RBCEH, v. 10, nº 1, p. 92-103, jan./abr. 2013.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **História da cidadania**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PLATÃO. **A república**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

_____. **Fédon**. Tradução de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Coimbra: Livraria Minerva, 1988.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. NCB University Press, Vol. 9. N. 5, October (2001). Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso: 10/09/2016.

RAMOS, Emerson Erivan de Araújo. **Para uma teoria da cidadania a partir de Hannah Arendt: uma análise dos elementos estruturantes da cidadania**. XXIII Congresso Nacional do Conpedi/UFPB: João Pessoa, 2014.
Disponível em: <<http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=2743214d24795dc7>>. Acesso: 01/03/2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Devani Salomão de Moura. Idosos: qualidade de vida, capital social, respeito e reconhecimento em políticas de saúde. In: MATOS, Heloiza (org.) **Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas**. São Paulo: ECA/USP, 2013.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. **Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental**. Fortaleza, v. 2, n. 1, jul./dez., 2001, p. 88-94. Disponível em: <<http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/1051/pdf>>. Acesso: 10/09/16.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIBILIA, Paula. **La intimidad como espectáculo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J. ; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (orgs.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2013.

SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela. A cidadania como comunicação: estudo sobre a especificidade comunicacional do conceito de cidadania. In: SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela (Org.). **Cidadania comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002.

_____. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2014.

_____. **A máquina de narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1994.

SZAPIRO, Ana Maria; RESENDE, Camila Miranda de Amorim. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? In: **Psicologia & Sociedade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010, p. 43-49. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a06.pdf>>. Acesso: 10/09/2016.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa Temer; TUZZO, Simone Antoniacci. Revisão crítica da relação entre a comunicação e a cidadania. In: SIGNATES, Luiz; MORAES, Ângela (org.). **Cidadania comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016. 256p.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1998.

TORRES, Tatiana de Lucena; CAMARGO, Brígido Vizeu. Aspectos metodológicos na pesquisa com idosos em ciências humanas e sociais. In: TURA, Luiz Fernando Rangel; SILVA, Antonia Oliveira (Orgs.). **Envelhecimento e Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Quartet - Faperj, 2012, 316 p., p. 89-109.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

TUZZO, Simone Antoniacci. O lado sub da cidadania a partir de uma leitura crítica da mídia. In: TUZZO, Simone Antoniacci. PAIVA, Raquel (Org). **Comunidade, mídia e cidade: Possibilidades comunitárias na cidade hoje**. Goiânia, Cirgráfica, 2013. Disponível em: <http://issuu.com/jorge.almir/docs/livro_comunidade_simone_tuzzo>. Acesso: 06/05/2016.

VALADARES, M. de O.; VIANNA, L.G.; MORAES, C.f. A temática do envelhecimento humano nos grupos de pesquisa do Brasil. **Revista Kairós Gerontologia**, 16(2), p. 117-128. São Paulo (SP): FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2013.

WASSERMAN, Camila et al. Redes sociais: um novo mundo para os idosos. **Novas tecnologias na educação**, v. 10, nº. 1., CINTED-UFRGS, julho, 2012, p. 1-10. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/30863>>. Acesso em: 10/09/2016.

WILDEN, Anthony. **Comunicação**, Enciclopédia Einaudi, v. 34, Lisboa: Imprensa Nacional, 2001, p. 108-204.

Dissertações:

BLESSMANN, Eliane Jost. **Corporeidade e envelhecimento**: o significado do corpo na velhice. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

VIBRITTO, Clovis Carvalho. **Sou paranaíba pra cá: literatura e sociedade em cora coralina**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2006.

CAPITANINI, Marilim Elizabeth Silva. **Sentimento de solidão, bem estar subjetivo e relações sociais em idosos vivendo sós**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2000.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. Dissertação (Mestrado em Ciências de Engenharia de Sistemas de Computação) - Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

TAVARES, Laura dos Santos. **As novas tecnologias da comunicação e as formas de participação política**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, 2012.

Sites consultados:

Organização das Nações Unidas (ONU). Disponível em: <www.nacoesunidas.org> Acesso: 09/02/2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso: 09/02/2016.

British Broadcasting Corporation (BBC). Disponível em: <www.bbc.com> Acesso: 09/02/2016.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2013.

Leis:

Estatuto do Idoso.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm> Acesso: 01/02/2017.

Constituição Federal.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso: 01/02/2017.

ANEXOS:

ANEXO 01 - ANÁLISE DE CONTEÚDO (ENTREVISTAS):

TABELA 06

Tema: COMUNICAÇÃO – importância do uso cotidiano do celular, computador ou tablet para romper isolamento ou solidão, se comunicar com amigos, se sentir partícipe da sociedade, do grupo de amigos, da igreja ou trabalho.			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Solidão	Mídias sociais: Whatsapp	Benefícios da comunicação no isolamento	E01 – “É.. foi muito bom, pra mim assim que quase não saio de casa, sou muito caseira, minha vida é assim: é do trabalho pra casa, de casa pra igreja, né, e até mesmo porque a gente fica aqui oito horas por dia, ou seja, eu fico dez horas, porque eu não vou em casa almoçar, porque é longe, né, então não compensa, então não dá.”
Solidão	Mídias sociais: Whatsapp	Comunicação com familiares em outros países	E01 – “Isso, tem sim... Tenho parente em Uberlândia, tenho parente que mora em Miami, tem um neto que tá na Itália.. Tem netos que tá na ... Holanda, então a gente tá sempre comunicando através do WhatsApp.”
Solidão	Mídias sociais: Whatsapp	Comunicação com familiares, grupos sociais	E01 – “À noite, aí eu gosto de ler as mensagens que as colegas mandam, a igreja manda, os netos que estão formando manda foto, manda vídeo, né. Tô lá deitadinha e olhando. Muito bom.”
Comunicação	Mídias sociais: Whatsapp	Preferência pelo Whatsapp	E02 - Muito, muito, muito. Pra mim o whatsapp é mais importante do que o face.”
Solidão	Mídias sociais: Facebook	Comunicação, romper o isolamento social	E02 – “Constante... constante. O face eu bisbilhoto todo dia. Levanto, acordo e bisbilhoto um pouquim, levanto e vou fazer meu café, porque viver sozinho é ruim né?”
Comunicação	Mídias sociais	Comunicação com familiares em outros países	E03 – “No meu eu sei que é uma mão na roda, como diz o linguajar popular né. Então eu tenho sido muito, eu agradeço até a Deus por poder ter um celular que eu possa colocar vários programas e através deles eu ter a comunicação que eu quiser. A gente fala daqui pros EUA hoje, já tem o aplicativo que você fala com a pessoa vendo ela. Ela tá nos EUA (filha) e eu to aqui.”
Comunicação	Mídias sociais	Benefícios da comunicação, romper isolamento	E04 – “É, aproximou muito, né, porque a gente tinha vez que ficava até semanas, meses, né, sem falar com as parentes mais longe, né. As amigas.”
Comunicação	Saúde	Informação em benefício	E04 – “É... isso. Até consultório médico, né, eles mandam pra gente

		da saúde	confirmando consulta, acho muito importante. (...) É, pelo <i>Whatsapp</i> eles mandam confirmando.”
Inserção social	Uso do celular	Influência social no uso das mídias sociais e do celular	E05 – “Aí eu... fiquei achando... fiquei ignorando aquilo. Depois eu fui vendo e todo mundo tinha isso. Uai, eu também quero, né. E aí que comprou o celular. [11:02] Entrevistador: Todo mundo no caso da família da senhora? [11:07] Entrevistada: É, a minha irmã mais nova tinha. A outra também tinha um celular e eu fui ficando, né. Falei: Não, eu também tem... então eu também tenho que ficar igual, né. Vou ficar pra trás?”
Inserção social	Uso do celular	Interação com a família, influência no comportamento	E06 – “Só tem um que é mais...ele não é de comentar muito, ele fala assim “Ah mãe, mas o face da senhora só tem religião. Falei assim “Uai menino, que que cê quer mais?” É religião que é bom, né. Eu gosto mesmo né, tem o “Século 21” né, a “Rede Aparecida”, então é isso que eu gosto. Quando eu fui pra viagem aparecia do norte... Assim, fica uma coisa que a gente comunica, agente num fica isolada. Parece que a gente interage com a família. Por que a minha nora falou assim, Dona Joana, a senhora não é mais nervosa igual era, ficava, que eu ficava preocupada demais com os filhos, eu falei “Cê acredita que passou?”. Também agora todo mundo casou, tá cada um na sua casa, né. E a gente se comunica também. Aí, melhorei.”
Solidão	Uso do celular	Solidão e isolamento	E06 – “Ah, sentia. Muito sozinha. É...por que as vezes cê pode tar junto de muitas pessoas mas você se sente só. Se você não passar a comunicar, você se sente sozinha, isolado, né, fica sem...”
Comunicação	Uso do celular	Comunicação com a família em outros países, dificuldade de aprender a utilizar o celular	E07 – “Agora eu digo assim, que eu num tenho influência de ficar mexendo, pra aprendendo outras coisa sabe? Que eu num gosto muito de ficar mexendo no telefone. É só isso...Mais pra...Igual tenho uns neto que mora na Inglaterra...tenho uma filha na França...e aí é importante que a gente...cunversa cum eles...né, é mais fácil, né?”
Solidão	Mídias sociais: Whatsapp	Comunicação com a família	E08 – “Com a família... Aquele bate papo... Eu tenho uma cunhada que mora agora no estado do Rio de Janeiro, lá na cidade de Macaé. A gente conversa TODO dia pelo whatsapp. Ela conta as novidades de lá, eu conto as de cá. Uma as vezes tá depressiva, tá meia triste, uma anima a outra...e assim a gente, vai tocando né?”
Solidão	Uso do celular	Auxílio na profissão, comunicação	E08 – “Ajudou. Ajudou. Eu sou mais feliz...eu sou mais alegre...eu converso... Eu fiz, amizades...pela, pela própria internet... Pessoas que eu não conheço... Eu tenho um grupo de artesãs...de mulheres bordadeiras e crocheteiras...lá do nordeste. E uma delas chama Darli. Ela mora em Cabo...Cabrobó, em Pernambuco. Você acredita que ela me convidou já pra ir passar um tempo, uma temporada, uns dias na casa dela?”
Comunicação	Mídias sociais: Facebook	Comunicação com a família	E09 – “É. Computador é... eu uso o face, né. Pra...que no face eu falo com a minha família em Uberlândia, em Araguari, em Madri e em Portugal.”

Comunicação	Mídias sociais: Whatsapp	Auxílio na profissão, comunicação	E11 – “No Whatsapp... São grupos que têm...que você... Grupo do fórum. Grupo do Conselho. Grupo do Conselho Municipal do Idoso. Grupo do Conselho Estadual do Idoso. Então nós sentimos uma necessidade tão grande, de termos esse...de usarmos esse acesso...pra: não fica só. Pra trabalha. Pra pensa, passa mensagem. Pra pedir opinião... Olha...nós da Secretaria de Assistência Social, nós temos é...é...o grupo das coordenadoras. Que a nossa secretária, criou...grupo de coordenadores, da Secretaria de Assistência Social.”
Comunicação	Mídias sociais: Whatsapp	Utilidade pública: saúde	E11 – “De terapia. Mas não é...a terapia...(risos)...a terapia do consultório. Não. É o grupo de terapia como... É assim, “Grupo de terapia zap zap”. É o que? A idosa tá lá...isso eu so...eu durmo muito cedo.”
Solidão	Uso do celular	Comunicação com familiares	E11 – “Diminui a distância do amor. Eu tenho idoso aqui, que mora só, e o filho fala assim, vem aqui e diz: “Pelo amor de Deus, me ajude. Minha mãe não quer morar com a gente, meu pai num quer morar com a gente”. “Mas ele tem...” “Não, celular tem. Uai, a gente liga direto, e o celular dela, é na beirada da cama.”
Solidão	Uso do celular	Utilidade pública: saúde	E12 – “É porque a depressão é comum na maioria de nós. Não só nós idosos. Tem muita gente novo aí que tem. Por causa dessa coisa da, do...correr atrás do vento, às vezes deixa, o casa chega em casa e não consegue dormir, preocupado, que a gente, todo mundo preocupa com tanta coisa né, e daqui, o celular, você às vezes recebe uma ligação dum amigo, você recebe um “zap”, alguma coisa, uma mensagem... Você lê a mensagem...que ajuda você a pensar mais um pouco e respirar mais um pouco... te ajuda a...você pode falar do que você tá sentindo rapidinho pra alguém na hora, que cê tá sentindo, às vezes muda de ideia.”
Solidão	Uso da internet	Benefícios da comunicação, romper isolamento	E15 – “[05:09] Entrevistador: E o que que você achou, a primeira vez que você com internet, o que que você sentiu, o que que você pensou? [05:16] Entrevistada: Ah, eu acho que achei bom, porque a vida de quem mora sozinha é meia solitária, né. “
Solidão	Uso do celular	Benefícios da comunicação, romper isolamento	E15 – “Ah muito mais, muito... Eu penso que se não fosse o celular eu tava sentindo mais solidão.”
Solidão	Uso do celular	Benefícios da comunicação, romper isolamento	E15 – “É 84. Muito boa a vizinha. Eu me preocupo com ela, ela preocupa comigo demais da conta, então agora ficou mais fácil que ontem, a hora que eu vi que ela entrou no whatsapp, na mesma hora eu falei: “Opa, a senhora ta chique, entrou no Whatsapp. Ela tava aqui aprendendo, a menina. Então foi ontem que ela entrou. Então agora que ela tá aprendendo ela fala assim: “Ilma do céu, será que eu vou aprender?” “Vai!”. Porque tem uma outra senhora idosa que mora aqui no térreo nosso aqui, Dona (nome) que ela fala assim, “Inês, aprende, porque é a maior alegria que eu tenho, é ler mensagem, mandar

			mensagem, eu respondo pra pessoa que eu nunca conh...vi na vida. A pessoa curte, a pessoa responde e eu acho bom demais”.”
Solidão	Uso do celular	Benefícios da comunicação, romper isolamento	E15 – “É, na minha vida fez uma grande diferença. Porque veio num momento que eu tava passando por essa transição de passar, né, e quando eu separei eu fui viver só com a minha filha, aí ela casou e eu passei a morar sozinha. Se não fosse esse celular, acho que eu ia entrar em parafuso. Porque eu aposentei muito cedo também.”

TABELA 07

Tema: EROTISMO – sexualidade, mensagens de cunho sexual, namoro, relacionamentos amorosos, mensagens ou imagens desagradáveis			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Comunicação	Grotesco	Mensagens que desagradam	E08 – “Porque tem muita coisa que não presta, mas tem coisas excelentes. Eu quando...outro dia mandaram uma, um...uma foto horrível, num grupo assim...Um grupo de pessoas amigas né, entre si. E eu deletei, assim, imediatamente aquela foto. Pessoas comentaram: “Que coisa horrível...que que era aquilo...” Senhoras...pessoas de respeito no grupo “Onde que se viu colocarem uma foto daquela”. Não, e realmente eu não comentei nada, eu simplesmente deletei. Porque meus netos às vezes pegam meu celular... E se vê uma foto dessa, um vídeo, nesse sentido, é complicado né...”
Comunicação	Relacionamentos, namoro	Mensagens de cunho sexual	E11 – “A idosa chegou pra mim e falou assim: “Angela, olha o que que o meu namorado me mando”. Aí eu olhei...e levei um susto. Ele esta... “Olha aqui! Que que eu faço com isso?” Era o órgão genital masculino, que ele tinha mandado. Tirou foto dele e mandou pra ela.”

TABELA 08

Tema: PESQUISA – aprendizagem, informação. Busca ou pesquisa de assuntos que auxiliem no aprendizado de qualquer tema.			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Informação	Pesquisas, aprendizado	Pesquisa com áudio	E02 – “É...por exemplo, se eu quero alguma coisa tem aquele microfonim que cê clica lá e fala né?”
Informação	Pesquisas, aprendizado	Pesquisa de preços, receitas	E05 – “Não uso. Mas eu dou conta de entrar na internet, pesquisar preço de um produto que eu quero... pesquisar uma receita de bolo ou pesquisar uma informação. Endereço...”
Informação	Utilidade pública: Saúde	Informações sobre cirurgia	E05 – “Eu vou lá no <i>Google</i> , pergunto pra ele. Por exemplo, quando eu vou ao médico fala, por exemplo, agora eu fiz uma cirurgia na carótida, porque ela estava destruída. Aí eu fui lá no Google e ele me explicou tudo lá. Aí quando eu cheguei do médico...(...) É, aí quando eu cheguei no médico eu tava bem informada do que eu, questioneei.”
Informação	Mídias sociais: Whatsapp	Notícias, grupos no Whatsapp	E03 – “Participo de vários grupos e também individual. Então, a gente recebe notícias importantes e também notícias tristes, tudo pelo whatsapp. Então, por isso que eu acho que ele é importante.”
Informação	Mídias sociais: Whatsapp	Grupos sociais do Whatsapp, informações políticas	E03 – “Grupo da família, grupo do trabalho, grupo da igreja, grupo político, então, as notícias de Brasília a gente fica sabendo quase tudo. Apesar das notícias horríveis, mas infelizmente você tem que estar sabendo. Isso no whatsapp e também no facebook”
Informação	Utilidade pública: Saúde	Informações sobre doença	E05 – “Ah, é, e como! É porque antigamente a gente era quase que cega, né, porque a gente não tinha a informação toda, né. A não ser o que escuta ali ou lê ali nos livros. Por exemplo, a minha filha, ela tem lúpus. E quando descobriu a doença, eu fiquei louca, porque quase não se falava nessa doença. Hoje essa doença está bem conhecida. E aí ela fazia faculdade e eu fui na biblioteca da faculdade, procurar nos livros. Se fosse hoje, eu ia na internet. Né, facilitaria. Eu sofri muito, porque não tinha informação. Porque o próprio médico ele não te explica como são as coisas. Muitos médicos, ele nem olha em você! Ele afere sua pressão ali e tal, tal, tal, não é assim!? E ele não me informava, assim, muitos não informam. Tem até alguns que informam. E hoje não, hoje você vai, né, pesquisa no <i>Google</i> e tem conhecimento maior. Fala pro médico: oia, eu vi assim, assim, assim.”
Informação	Uso do celular	Auxílio na profissão, uso de aplicativos para pesquisa	E11 – “De estar conectado, à internet...ao Facebook...a...aos, aos programas. A gente que estuda... Eu tenho uma colega que estuda muito mais que eu, que ela vive só pra isso... Hoje ela chegou e falou: “Olha, abaixa esse aplicativo,

			porque esse aplicativo tem livros, que é sobre assistência à saúde da pessoa idosa.”
Informação	Uso do celular	Auxílio na profissão, uso de aplicativos para pesquisa	E11 – “Store... Que aqui, é um site, é um site, que tem...é...que fala tudo sobre envelhecimento, sobre a saúde do idoso... Sobre os livros que eu te falei há pouco... E aqui vários temas, que a gen... Olha aqui! Tá vendo? Olha! Eu to precisando de vigilância...vô pro abrigo. Aí eu tenho que me informa. Aí eu entro aqui. Olha aqui... As recomendações do pulmãozinho...”
Aprendizagem	Uso do celular	Auxílio, aprendizagem de receitas	E15 – “Assisto. Assisto muito vídeo, vejo e copio receita, às vezes té tento fazer, né, eu gosto muito de fazer doce, fazer coisa de comida então eu faço muito também. E faço e reparto pros vizim tudo aqui. Porque eu sozinha, né, o que eu faço tem que repartir.”

TABELA 09

Tema: VIRTUAL x ATUAL – influência do celular e das mídias sociais no cotidiano dos idosos, confusão ou imbricamento entre o real e o virtual			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Virtual x real	Mídias sociais: Facebook	Auxílio na profissão, uso cotidiano do celular	E02 – “E é assim, já aconteceu deu... deu, deu... largar o serviço ali, passa, perto do cliente chegar e eu ainda tá terminando por que eu tava no facebook.”
Virtual x real	Mídias sociais	Uso cotidiano do celular	E08 – “É...Coloquei...já tava com a comida bem adiantada... Coloquei o arroz...eu gosto de fazer o arroz por último, pra ele ficar quentinho, bem fresquinho... E to lá no whatsapp, daqui a pouco eu senti um CHEIRO... Falei: ‘Ai meu Deus, queimei o arroz’ E corr...realmente, começou a queimar. Eu tive que correr...tirar a parte de cima pra num passar o gosto do queimado, e o meu marido até estranhou... ‘Ué, você fez menos arroz hoje?’ Eu falei assim ‘É...que eu to com menos fome hoje’. Mentira! Eu tinha queimado o arroz né. (Risos).”
Virtual x real	Mídias sociais	Interferência no cotidiano	E10 – “Tem horas que as vezes cê tá concentrado numa coisa mas tá aparecendo mensagem pro cê, mensagem, mensagem, mensagem, aí você fica naquela curiosidade e vai lá abrir. Às vezes é coisa que não tinha, é o que eu te falei, que não tinha interesse naquele momento, mas eu abro e vejo. Então às vezes isso aí desconcentra você daquele serviço sério que cê tava fazendo.”
Virtual x real	Uso do celular	Confusão entre real e virtual	E11 – “Cadê o convite de papel?” (Expressão aflita). Quer dizer...eu trabalho numa secretaria que precisa ter pros vereador...perere, perere, perere, perere...”

TABELA 10

Tema: RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL – laços familiares reforçados ou influenciados pelo uso do celular, aproximação ou não de jovens, relacionamentos em função do uso das novas tecnologias			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Intergeracional	Aprendizagem, independência	Comunicação com filhos, utilidade pública	E03 – “Porque tem muita coisa que eu não sei ir buscar, aí eu vou pedir ajuda pra minha filha. Igual, colocar crédito você não precisa mais ir lá comprar, você coloca tudo via internet né, mexer com banco também via internet. Então, esses aplicativos aí eu uso pouco, porque minha menina me ensina, mas logo eu esqueço porque a idade atrapalha um pouco. Aí meu neto que só tem 8 anos já me ajuda muito. Ele fala “é assim vô, vem” e ele me ajuda a arrumar.”
Intergeracional	Mídias sociais: comunicação	Comunicação com filhos, relacionamentos	E03 – “É, ela sabe todos os, os jovens descobrem rápido a tecnologia. A minha filha que está nos EUA a gente comunica todos os dias. Agora mesmo ela mandou um vídeo falando “oi mãe, a senhora tá boa?”. Então a gente mata a saudade vendo a foto ali, ao vivo e a cores, e conversando com a pessoa.”
			E05 – “É, no caso, como ela não usa. ‘Não mãe, <i>Facebook</i> ... isso é bobagem!’ (risos) E não me ensinou. Aí eu falei: ‘Não, eu já não tô dando conta com <i>Whatsapp</i> ainda vou ficar mexendo no <i>Facebook</i> ’... mas eu quero aprender.”
Comunicação	Mídias sociais: Whatsapp	Comunicação entre irmãs, com a família	E05 – “Quatro? Todas elas usam o <i>Whatsapp</i> . [18:35] Entrevistada: Todas. [18:36] Entrevistador: E qual a idade delas? [18:41] Entrevistada: Sessenta e cinco, sessenta e dois e sessenta anos. [18:47] Entrevistador: Todas elas com mais de sessenta anos. [18:50] Entrevistada: Todas. [18:50] Entrevistador: E aí elas usam o <i>Whatsapp</i> . E elas usam, além do <i>Whatsapp</i> , o <i>Facebook</i> ou... [18:57] Entrevistada: Usa! Todas as três usam o <i>Facebook</i> , a internet, todas três usam.”
Comunicação	Mídias sociais	Interação com familiares	E05 – “Entrevistada: Já. (risos do entrevistador) Já. Esses dias eu achei uma fotinha tão peq... dos meus meninos tão pequeninim, aí mandei pra eles. Nossa, mas eles acharam interessante.”
Intergeracional	Mídias sociais: Whatsapp	Interação com familiares, filhos	E06 – “É, de 10 anos. A minha filha também me ensina. Mais é minha neta. Mas o ano que vem eu vou entrar e vou fazer. O ano pa... esse ano não teve como. É muita coisa, e eu tava com criança também, então não tive. Mas eu gosto do facebook, eu gosto de postar uma foto, é...tudo isso eu gosto. No <i>Whatsapp</i> também.”
Intergeracional	Mídias sociais: Whatsapp	Interação com familiares, filhos	E08 – “Do facebook e do whatsapp. Dos dois. E a minha filha me ensinou. Ela que baixou pra mim, o aplicativo de whatsapp, e me ensinou. “Mamãe, vai adicionando...”
Intergeracional	Uso do celular	Interação com familiares,	E11 – “Eu, por exemplo, domingo passado, meu neto de dez anos pegou meu

		netos	celular e falou: “Vó! Cê baixo tanto programa aqui, onde cê arrumo esses programa?” Que eu baixo só os de estuda... E que a gente tem os grupo, passando pros grupo. E ele: “Não vó, tem uns aqui de filme”. Porque esse ai eu num baixo. “Vem cá!”
Intergeracional	Mídias sociais: Whatsapp	Interação com familiares, netos	E11 – “Meu neto, um dia desses coloco lá: “Vovó, eu tenho ‘atzapp!’”... Eu falei: “Ahn?! Cadê sua mãe?” “Não vovó, num é ‘atzapp’ não, é no grupo da família...” Eu falei: “Ah...”
Intergeracional	Uso do celular	Interação com familiares, netos	E12 – “Nossa, eles mexem no celular...minha neta tem 6 anos e às vezes eu to mexendo no celular e ela, as vezes eu mexendo, ou as vezes eu tô demorando muito, ela chega assim: “Peraí, vovô, faz assim”... Ela já sabe mais usar as coisas de que a gente. Se você for filmar alguma coisa, fotografar, tirar foto no celular, ela tira. Ela faz essas coisas melhor de que a gente, enviar as fotos, mandar pras pessoas, ela faz...”
Intergeracional	Mídias sociais: Whatsapp	Interação com familiares, filhos	E15 – “[09:49] Entrevistador: E com a sua filha você conversa muito pelo WhatsApp? [09:54] Entrevistada: Converso o tempo todo. Inclusive agora ela tá pra Porto de Galinhas e Maragoji, e direto, toda hora ela manda mensagem. Manda mensagem, manda foto...”
Intergeracional	Uso do celular	Interação com familiares, filhos	E15 – “É. Esses dias minha filha...ela que sempre arruma meu celular, e faz as pesquisas, ensina as coisas.”

TABELA 11

Tema: INSEGURANÇA – Notícias falsas, preocupações com a internet, medo da tecnologia, preocupação com golpes pela internet, lado negativo da tecnologia			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Notícias falsas	Uso do celular: internet e Whatsapp	Boatos, manipulação de conteúdo	E03 – “Tecnologia é muito boa, mas você corre o risco de através dela também fazer algumas notas falsas né, de por palavras que você não falou, porque tem como a pessoa manipular. Esse é o perigo maior, mas não se compara ao benefício que é bem maior. Então, pra mim assim eu achei bom demais. Já tem um tempo que eu lido com celular, só que a internet e o whatsapp é novo né, deve tá beirando aí uns três anos só.”
Notícias falsas	Mídias sociais: Facebook	Boatos, notícias falsas	E12 – “Às vezes hoje no celular você vê mais no celular só porque eu não acredito em muitas coisas que colocam no facebook. Aí os cara inventa muito. Inventar, eu sei que inventa. E aí infelizmente hoje não tá tanto assim, mas a televisão, às vezes, os jornalistas querem divulgar, querem falar alguma coisa, e

			às vezes por algum motivo os donos não aceitam. Não pode divulgar isso agora, tem que esperar.”
Preocupações com a internet	Mídias sociais: Whatsapp	Insegurança na utilização	E11 – “[40:15] Entrevistada: Olha, eu acredito que é porque é o mais simples... [40:18] Entrevistador: O mais simples? [40:19] Entrevistada: De acessa. Por quê? Porque, além...da segurança, porque to, quando, quando uma pessoa pede assim...pra vo, pra ti, pra você ser acionado...tem que conhecer.”
Preocupações com a internet	Mídias sociais: Whatsapp	Insegurança na utilização	E12 – “Eu prefiro o Whatsapp porque...porque é mais fácil você tá conversando com seus amigos mesmo, que você conhece mesmo. Facebook a gente fala com amigos mais...tem muitos que você não conhece e eu tenho muito cuidado com isso porque você vai falar com quem você não sabe quem é.”

TABELA 12

Tema: TRABALHO – geração de renda, divulgação do trabalho, divulgação e comercialização de mercadorias, negociação de preços via mídias sociais			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Trabalho	Trabalhos manuais	Divulgação do trabalho e comercialização pelas mídias sociais	E01 – “Até trabalho, manuais, assim... hoje tem muito e a modernidade facilitou muito a vida da gente...né, quer aprender um ponto aqui, um desenho, um motivo, eu busco lá...” E02 – “É...por exemplo, aqui ó tem...tem... tem modelos que elas me passam pelo celu.. pelo whatsapp.”
Trabalho	Vendas	Incremento de renda	E02 – “Pra vender, cê não viu que eu posteí as ‘Toppower’ ali?” E02 – “Outra hora demora a me pagar e eu passo um whatsapp: ‘Oi, tudo bem’”.
Trabalho	Comunicação	Divulgação do trabalho	E03 – “Uso muito o celular, porque o celular já tem internet, o celular tem o facebook, o celular tem os aplicativos. E, também o computador, mas eu uso menos o computador porque no trabalho eu tenho as pessoas que usam o computador por mim. Agora, o celular é meu companheiro de dia, de noite, até almoçando a gente tá com ele ali mexendo nele. É uma conexão com a população, com o povo, com o trabalho. É muito importante a internet.”
Trabalho	Mídias sociais: Comunicação	Agilização do trabalho	E03 – “Às vezes você tá em casa tem que fazer um comunicado pra um colega do que tem que ser feito no outro dia ou que precisa colocar em pauta, o que a gente vai fazer no dia seguinte e a gente põe tudo pelo zap, porque o zap é o

			programa melhor. Eu uso mais o zap do que o facebook e também o instagram. Instagram eu não uso não, eu não tenho. As vezes eu olho no da minha filha.”
Trabalho	Mídias sociais: Comunicação	Agendamento de compromissos, informação sobre orçamentos	E05 - “É, por exemplo, quando eu tenho de encontrar com uma pessoa. Marco horário em tal lugar, assim e assim. (...) É, o orçamento de alguma coisa, um endereço de uma pessoa que trabalha em alguma coisa, um...” E06 – “[14:09] Entrevistada: Ajuda pra vender o bordado de tualha. Já me ajudou. [14:15] Entrevistador: Ah, isso é interessante, né. [14:18] Entrevistada: É, eu postei, nossa, não dei nem conta de tanta encomenda.”
Trabalho	Mídias sociais: comunicação	Informação sobre encomendas, orçamentos	E08 – “Fico em casa...chega uma encomenda de bolo, eu faço...Pego as encomenda, pelo celular... Mando foto...faço orçamentos...as vezes as pessoas vão em casa fazer encomendas... E...posto fotos dos meu crochês...dos meus bordados...Aonde, o celular me ajuda muito...E...tamô aí né. (Risos).”
Trabalho	Internet: informação	Aprendizagem de receitas novas	E08 – “Vídeo aulas de uma receita nova, de uma cobertura de um bolo, de um recheio. Uma novidade que tá aparecendo na pra...surgindo na praça né? E eu mesma já ganhei muito dinheiro com vídeo aulas em crochê. Porque eu aprendei a fazer maiôs de crochê com vídeo aulas...eu aprendi a fazer biquíni. Eu aprendi a fazer...cropped, que é uma peça muito atual, muito moderna...”
Trabalho	Mídias sociais: Whatsapp	Incremento de renda	E08 – “De artesanatos... Grupos de... Eu tenho grupo de...de...um grupo de...um projeto de renda, sustentável...que eu entrei...numa, num valor financeiro... Eu já estou recebendo...um pouquinho...todo mês...”
Trabalho	Tecnologia	Facilidades, mudanças na profissão	E10 – “Trabalho como advogado e inclusive agora, a gente tem que aprender a digitalizar os processos, que os processos agora vão ser eletrônicos, então isso trouxe a necessidade da gente ter que aprender a aprimorar por que começou a era dos e-mail, hoje você quase não usa a xerox, cê faz a foto com o celular, manda pro e-mail, manda pro computador e você imprime.”
Trabalho	Tecnologia: internet	Auxílio para a profissão, pesquisas, consultas	E10 – “[06:56] Entrevistador: No Google o que você gosta de pesquisar? [07:00] Entrevistado: Quase tudo. Inclusive matérias de direito, tem muita coisa boa, aproveitável... [07:07] Entrevistador: Legislação? [07:08] Entrevistado: Legislação, depois que a internet ficou nessa facilidade eu acho que poucas pessoas manuseiam o código, por que o código já tá lá na sua... na sua tela a qualquer momento disponível.”
Trabalho	Tecnologia: internet	Auxílio na profissão	E10 – “Por que lembrei do Google maps, cheguei em casa, pra mim apresentar a defesa minha, nas alegações finais, e tirei o mapa do Google mostrando que a (lugar) até chegar no ponto em que foi feita a apreensão, distava 3 km e pouco, numa região cheia de prédios, onde eu questionei ao Juiz. Ele poderia até ver, a entrega do dinheiro, se ele tivesse uma visão biônica, que atravessasse os prédios, pra poder enxergar, inclusive, a cena sendo entregue aos policiais que fizeram a apreensão. O que levou o juiz a absolver o meu cliente.”

TABELA 13

Tema: ENTRETENIMENTO – diversão, passatempo, humor, autoajuda			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Entretenimento	Humor	Vídeos engraçados	E01 – “Ah, tem amiga que sempre manda algum vídeo engraçado, né? Às vezes... né? Uns agradam, outros são estranhos, a gente deixa pra lá... aquilo que é útil a gente aproveita, né? Aquilo que não é a gente larga pra lá...”
Entretenimento	Mensagens de otimismo	Mensagens de otimismo e auto-ajuda	E04 – “Hm... não, que eu achei mais... eu gosto mesmo é daquelas mensagens bem assim, profunda, né, que toca na alma da gente. Aquelas fotos de flores, é... isso que eu gosto no <i>Whatsapp</i> .”

TABELA 14

Tema: PARTICIPAÇÃO POLÍTICA – informações sobre políticos, partidos, eleições, contexto político do país, escândalos políticos, corrupção política			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registo	Unidade de Contexto
Participação política	Informação, comunicação	Informações compartilhadas com a família a respeito de candidatos políticos	E02 – “Igual no dia da votação mesmo a Fabiana fale... A fabiana falou assim: “Mãe, eu vou passar aí pra senhora um número aí pra senhora votar pq ele tá ajudando.. é... é lá na cidadezinha, ajudando o pessoal lá, é bom, uma pessoa muito boa. Então a senhora vota nele, quer dizer, Informação sobre a cidadania que eu ia exercer, que eu ia lá votar na pessoa.
Participação política	Informação, comunicação	Discussão sobre a realidade política e econômica do país	E12 – “Uai, a gente conversa...a gente conversa, é...às vezes conversa sobre as dificuldades que um ou outro tem, da vida. Ou às vezes fala alguma coisa à respeito da nossa dificuldade, do nosso país que tá atravessando, né. Sobre a política brasileira, que eu acho que...”

TABELA 15

Tema: INDEPENDÊNCIA – financeira, social, física, de deslocamento, econômica			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Independência	Uso da internet	Utilidade na vida financeira	E05 – “É. Ai às vezes eu tenho tempo e ele não tá lá. Às vezes ele tá lá e eu não tenho tempo. Mas aí na hora que eu tenho tempo, inclusive esse negócio de conta bancária, esses trem eu já sei mexer em tudo.”
Independência	Uso da internet	Facilidade na vida cotidiana	E05 – “Menino, mas como é interessante. Hoje se você souber usar as coisas você economiza demais tempo e dinheiro.”
Independência	Transporte	Localização	E05 – “Não. Esse aí eu não pesquisei não, mas... Quer dizer, eu fiz, mas não foi sozinha. Porque a gente tem que repetir uma coisa pelo menos umas três vezes. Por exemplo, onde eu moro eu mando a localização, né. Aí eu já fiz isso, mas tem vez que eu vou fazer embanano.”

TABELA 16

Tema: EXCLUSÃO x INCLUSÃO – dificuldade de utilizar a tecnologia, preconceito sentido ou percebido pelos entrevistados, dificuldade de acesso à tecnologia			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Exclusão	Exclusão econômica	Dificuldade de acesso	E01 – “Olha, eu não tenho acesso à internet, eu uso só mesmo o celular e WhatsApp, né.”
Exclusão	Exclusão educacional	Dificuldade de utilização	E01 – “Aham, sei. Eu tenho mais dificuldades de aprender a enviar o texto escrito, porque assim, minha leitura é muito pouca, né, eu praticamente não estudei, então, eu tenho dificuldade, até eu achar a letra e juntar ali, aí fica muito feio, eu prefiro mandar na voz mesmo, o áudio.”
Inclusão	Uso do celular	Inclusão social através do uso do celular	E06- “É tudo que eu gosto (celular com internet). Mas ele (esposo) gostava de sair, ele gostava de forró, Mas depois virou a cabeça, envelheceu rápido, por que eu não me sinto velha. Não me sinto, eu gosto de sair, gosto de passear, eu gosto de cantar, eu gosto de dançar, eu gosto de conversar. Ele fica na dele lá em casa.”
Exclusão	Mídias sociais: Whatsapp	Preferência pelo aplicativo mais fácil de usar (Whatsapp)	E03 – “É mais prático, é rápido, mais barato, a gente gasta menos do que você usar o telefone pra comunicar com as pessoas. Antes quando não tinha o zap eu usava muito a ligação, gastava até demais porque telefone de casa a gente nem olha mais, você usa só o celular porque pra onde você vai ele tá com

			você. O facebook eu uso mais pra apresentar os meus trabalhos. Em cada lugar que eu vou dar uma palestra, ou a gente vai e faz um chamado, ou a gente vai distribuir panfletos nós fotografamos e quando eu chego no meu serviço ou na minha casa à noite, eu vou divulgar aquele trabalho tanto através do facebook quanto do zap.”
Exclusão	Celular inapropriado, exclusão econômica	Dificuldade física	E02 – “A gente vai ficando velha também, não tem muita habilidade nas mãos. Aquela habilidade que os meninos fica ali “assim, assim” sabe.”
Exclusão	Exclusão educacional	Dificuldade de utilização	E03 – “A gente tem que tá praticando alguma atividade e a tecnologia é essencial pra gente, porque tem muitos idosos que ainda são analfabetos e fica difícil demais porque pra ele ir pra um determinado lugar, vai pegar um ônibus ele não vai saber ler, tem que tá perguntando os outros, se a pessoa quiser fazer maldade, ensina a pegar o ônibus errado e a pessoa sai por aí padecendo. Então por isso a gente tem que sempre estar aprendendo, cada dia mais buscar a tecnologia e o saber. No computador mesmo eu apanho muito porque já falo assim “ah, eu não gosto, não tenho tempo” e a gente acostuma o outros fazerem pra gente e não pode.”
Exclusão	Uso da tecnologia	Dificuldade de utilização	E04 – “Mas não sei manuseá-lo ainda.” (notebook)
Exclusão	Uso da tecnologia	Dificuldade de utilização	E05 – “Voltou a praticar certinho, né, lá lá na máquina lá e eu tive facilidade. Agora, quanto ao uso do... do celular, às vezes a gente tem muita dificuldade, porque um celular tem funções demais. É muita coisa!”
Exclusão	Uso da tecnologia	Dificuldade de utilização	E07 – “Coloca. Mais vídeo eu num sei arruma pra passa não, só os menino que passa pra mim. (Risos).”
Exclusão	Uso da tecnologia	Dificuldade de utilização	E12 – “Com o computador eu mexo, mas é muito pouco. Eu uso mais mesmo, é o celular. Com o celular eu faço praticamente quase tudo com o celular, e tem muitas coisas que eu tenho medo de fazer no celular como pegar meus boletos bancários e pagar.”
Exclusão	Exclusão econômica	Dificuldade de acesso à tecnologia	E02 – “Aí ficava tirando foto, na máquina dos outro, porque as vezes não tinha condição, por que depois que eu fiquei bem mais velha, é.. é que eu to tendo uma vida assim: que eu posso fazer tudo. Que eu posso comprar.”

TABELA 17

Tema: RELIGIÃO – presença da temática religiosa na vida dos idosos, preocupação religiosa, influência em suas vidas através da tecnologia			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Religião	Comunicação	Comunicação com grupos religiosos	E01 – “Como eu sou evangélica, eu gosto muito de mandar mensagem para os meus irmãos, para minhas amigas, né, para minha família.”
Religião	Comunicação	Comunicação com grupos religiosos	E03 – “Mas assim, eu uso mais pra trabalho, pra falar com meus amigos e também no meu trabalho na igreja. Na igreja eu sou coordenadora da liturgia da música, então tenho que estar comunicando com a turma sempre pra reunir, pra ensaiar. E aí eu mando os recados tudo pelo whatsapp. Então é o melhor do que tem no celular.”

TABELA 18

Tema: UTILIDADE – vida melhor, facilidades trazidas pela tecnologia e mídias sociais, benefícios percebidos ou sentidos pelos entrevistados			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Vida melhor	Comunicação, deslocamento	Comunicação com amigos e familiares	E01 – “Melhorou, bastante. Como a vida da gente é muito corrida, a gente não tem tempo de visitar as pessoas, um parente ou um amigo, as vezes assim, ate mesmo ta doente, a gente não tá tendo tempo de ir lá, então a gente manda uma mensagem confortadora, até mesmo faz uma oração, no áudio, tá enviando.”
Vida melhor	Uso do celular: transporte	Uso do aplicativo Uber	E03 – “E hoje também, pra você pedir um Uber se você quiser ir pra casa você não chama táxi, chama o Uber né. Hoje a gente já chama através do aplicativo.”
Vida melhor	Uso do celular: transporte	Uso do aplicativo Uber	E05 – “O Uber foi assim...Minha filha que falou que já tinha Uber, já estava começando em Aparecida...E que eu poderia baixar um aplicativo no meu celular. Eu falei: “Ah filha, eu não sei. Eu não sei baixar aplicativo”, “Não mãe então eu baixo pra senhora”. Aí ela baixou o aplicativo pra mim...me ensinou como usar...e hoje eu uso direto. Inclusive existe um...um código, né? Que a gente é...passa pros amigos, a medida que eles passam a usar...Eles, também têm as duas primeiras viagens, tem desconto...Tem viagens minhas que eu já

			tive desconto...Tiveram viagens de graça...Então eu pra...”
Vida melhor	Uso do celular: informações, comunicação	Socorro assistencial ao idoso	E11 – “Tá. Aí a gente, a gente fala...tem o...o do fórum, aí elas começam: “Angela...o dia da reunião do fórum é que dia?”, “Dia vinte e nove...vinte e...” . Então eu passo aí pra todo mundo...Aí começa..aí a outra vai e fala: “Dá uma olhada aí no seu e-mail...mandei um convite”. Entendeu? Aí a gente olha isso. Aí du...na...durante o de sete horas, até...as dezoito horas eu num olho o “zap zap”. NOSSA...mu só se for uma coisa, assim, que liga e fala: “Olha aí, olha aí, olha aí tem um negócio urgente, cê tem que olha!” Que são...uma denúncia...de um idoso que tá sozinho...olha, né? Manda no particular: “Angela, ó, tem um idoso nesse endereço, nesse endereço, que ele tá sozinho, ele tá doente, tá passando mal...!” Aí eu ligo pro CREAS...”
Vida melhor	Mídias sociais: Whatsapp	Utilidade pública: socorro assistencial ao idoso, emergências	E11 – “Então tá sendo assim...de utilidade pública mesmo! Aí elas mandam: “Olha essa foto! Olha a situação...! Aconteceu...” Nós estávamos terça-feira no baile, que toda terça-feira a gente tem um baile, e o meu celular “pic, pic, pic pic, pic, pic”...eu falei: “Gente...! Eu não vô atende...”. E as menina: “Não?! Olha..tá muito...tá muito”. Eu atendi. Era um idoso, que tinha sido atropelado...nosso...”
Vida melhor	Mídias sociais: Whatsapp	Utilidade pública: alimentação	E11 – “Aí o idoso, acessa aqui, pede alimentação. Ele num tá com vontade de cozinhar... Então ele liga pro restaurante...ou manda um “zap” pro restaurante...pedindo...a comida hoje. “O que é que tem pa come aí hoje?”
Vida melhor	Mídias sociais: Whatsapp	Utilidade pública: socorro assistencial, violência ao idoso	E11 - “Violência doméstica. É o artigo terceiro, né? Violência doméstica. E aí...o, a, o idoso tava nessa situação. A família, tava neglig...negligenciando, o direito do idoso. Aí nói...aí nós fomo todo mundo pa delegacia... Chega a família lá. Sabe quem era a família? Uma idosinha de setenta e nove ano doente. Tinha depressão...transtorno. Então, quer dizer, era um idoso, com outro idoso, os dois sendo violado. Um violando o direito do outro.”

TABELA 19

Tema: O QUE É CIDADANIA PRA VOCÊ? – visão dos idosos sobre o conceito de cidadania, significado da palavra para os entrevistados			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Cidadania	Cidadania: liberdade de ir e vir	Liberdade de ir e vir, trabalho digno, direitos e deveres	E03 – “Cidadania pra mim é você ter a liberdade de ir e vir, ter o seu trabalho digno pra você saber que aquilo que você tá comendo é do seu rosto/gosto(?), isso seria uma cidadania na minha concepção. As pessoas fazerem o bem sem

			olhar a quem também é uma cidadania, é uma atividade. Agora, o mais principal mesmo é isso aí, você ter o direito de ir e vir que é quando o meu direito começa o seu termina e vice versa, sendo que isso hoje em dia não é mais respeitado.”
Cidadania	Cidadania: colocar-se no lugar do outro	Sentir-se no lugar do outro	E04 – “Eu tô entendendo ser cidadã, assim, não no meu caso, porque toda vida eu respeitei muita as pessoas. Sou uma pessoa que assim, eu me sinto no lugar do outro. Então não sou aquela pessoa que só pensa em mim, né, me coloco no lugar do outro pra saber o que o outro poderia estar sentindo. Toda vida fui assim, não é de agora depois de sessenta (anos de idade) não. Aí eu acho que assim, principalmente os governantes, né, tinha que ter mais respeito, valorizar mais o idoso, né, porque nós já trabalhou tanto e hoje...”
Cidadania	Cidadania: participação na comunidade	Participe da comunidade com direitos e deveres	E05 - “Uai, a pessoa cidadã é uma pessoa que participa da comunidade. Uma pessoa que tem direitos e deveres. É uma pessoa que... que procura viver no meio em que vive. E sabe, é... o que que é seus direitos, seus deveres e comunica com todos.”
Cidadania	Cidadania: participação na comunidade	Fazer parte de um todo, do grupo.	E06 – “A cidadania.... Ah eu acho que é fazer parte dum todo, não é não? Não sei. [15:17] Entrevistador: Não sei, a senhora que sabe. Que que a senhora acha. [15:23] Entrevistada: As vezes é fácil mas a gente para e pensa. Que eu acho que a gente fazer parte do grupo de, né, tá convivendo com o grupo. Interagindo, né.”
Cidadania	Cidadania: direitos e deveres	Cumprir os deveres e ter direitos	E08 – “Bom eu acho que uma pessoa cidadã...é assim, uma pessoa cumpridora...dos seus deveres...com a sua cidade...com o seu estado... É...além dos, assim... Nós temos que cumprir com nossos deveres de cidadão. Por exemplo, votar...é um dever, de cidadão. Participar todo, toda vez que existe as eleições...estarmos lá presentes pra fazer uma, eleger os nossos candidatos. Mais... nós temos, os nossos deveres...e temos os nossos direitos...também. Apesar que muitos idosos...eles tem...eu já percebi que eles tem medo, de...de...de buscar pelos direitos.”
Cidadania	Cidadania: participação na comunidade	Participa da comunidade	E09 – “Pra mim cidadania é uma pessoa que participa das coisas, né. Por que se a gente for olhar a idade e ficar só queta em casa num tem como, né.”
Cidadania	Cidadania: participação na comunidade	Convívio com a sociedade, cumprir o seu papel, ajudar aos outros	E10 – “Cidadania eu acho que é uma pessoa que quer conviver dentro de uma sociedade, quer um progresso na sociedade, quer uma evolução para o bem. Então, cidadania é, minha definição eu acho que é isso. É você tentar cumprir com o papel que é uma vida, que é tentar ajudar os outros, por exemplo, não muito por que não te prejudica, mas tem que tentar sempre ajudar os outros, desde que não te prejudique, né. E a vida é isso.”
Cidadania	Cidadania: direitos e deveres	Respeito ao outro	E11 - “É você ter o respeito, dá oportunidade pro idoso, continuar... Se ele quer trabalhar, deixe trabalhar! Ele quer trabalhar o quê? Uma, uma hora por dia? Deixa gente! Isso é cidadania. É respeita o outro! Sabe? No Estatuto do Idoso,

			o artigo quarenta e três, inciso terceiro diz assim: “que o idoso tem TODOS os direitos inerente à sua vida, educação, saúde, esporte, lazer...” E ele, o direito dele, é desrespeitado, quando, a família...no artigo terceiro, que é obrigação da família, cuidar do idoso. Num é o Estado. Primeira é a família, segundo é a comunidade, terceiro, é o Estado. O Estado é o terceiro. Então, ISSO é cidadania. É a gente dá condição pra família. E o, e como o Estado pode ajudar? No centro dia? Então, cidadania é isso pra mim. É você ter a oportunidade de ser respeitado de ter a mesma oportu... Por que eu com sessenta anos, com TODA a minha vitalidade, eu tenho que... Eu num posso mais participar de nada. Eu tenho que ser excluída, num posso mais...não! Então isso é cidadania. A gente, a gente só envelhece. A gente num fica bobo, a gente num fica criança. Pelo amor de Deus! NINGUÉM fale em creche de idoso, que isso é um desrespeito. É centro dia. Então, isso é cidadania. É você respeitar o outro. Dá oportunidade, pra gente que é idoso, continuar trabalhando, brincando, dançando, entendeu? É os direitos respeitado nosso. E a gente continuar contribuindo.”
Cidadania	Cidadania: direitos e deveres	Compartilhar, ajudar às pessoas, conhecer os direitos.	E12 – “Eu penso que o que você sabe e eu sei, eu acho que tem que passar. Compartilhar. Eu acho que é uma maneira...acho que isso é cidadania, uma maneira de tá ajudando as outras pessoas. É porque se isso rendesse, saber dos seus direitos...a pessoa que sabe e conhece seus direitos, se ele tivesse essa...essa vontade de ajudar quem não sabe, e fosse compart...passando isso pra frente, eu acho que é assim que vai melhorar mais gente. Mas hoje a maioria dos idosos, eles gostam muito de...tá certo...faz parte, ir prum canto e dançar o dia inteiro, isso, eles gostam, a maioria gosta de fazer muito. E eu acho que se fosse, é...mais, assim, de falar e sentar e trocar ideias juntos, pra isso ele vai aprender os direitos deles, é pra fazer uma, um grupo de nós idosos, lideranças...cobrar.”
Cidadania	Cidadania: participação na comunidade	Bom convívio com as pessoas, união com vizinhos e amigos	E15 – “Uai, cidadania sempre foi assim pra mim um bom convívio que a gente tem com as pessoas, com os vizinhos, o setor e com os políticos.também, porque hoje em dia a cidadania ta muito complicada, o povo anda muito... sei lá, tá tendo uma boa cidadania não e a cidadania pra mim também é união com os vizinhos, com os amigos, um bom convívio, um bom relacionamento com as pessoas”.

TABELA 20

Tema: VISÃO DO PROFISSIONAL – entrevistas com profissionais, visão do profissional em relação ao uso da tecnologia e mídias sociais pelos idosos			
Categoria	Subcategoria	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Solidão	Mídias sociais	Tecnologia faz companhia através de redes sociais	E13 – “Muito. Muito. Por que? A tecnologia, hoje, faz companhia pro idoso. Faz companhia pra ele. Tinha idoso que depois que entrou em rede social, eles passam o tempo, é uma distração pra eles. E isso passou a ser muito importante na vida deles.”
Solidão	Mídias sociais	Carência do idoso: afetiva	E13 – “Muito. Por causa da carência do idoso. É uma carência muito grande: a carência afetiva, e dentro de redes sociais, dentro de grupos de família, isso tem somado muito pra eles com a forma muito positiva. Isso veio agregar muito pra eles. Isso faz muita diferença na vida deles. Eles passam o tempo ali. O tempo que eles tinham ocioso, porque o idoso hoje, o idoso de hoje, não quer bordar mais.”
Comunicação	Mídias sociais: Whatsapp	Comunicação do idoso através das redes sociais, relacionamentos, informações	E13 – “Comunicação! A questão até da timidez. A timidez. Tem idoso que tem uma certa dificuldade pra tá aproximando. E através de redes sociais de comunicação, de celular, eles conseguem ter uma proximidade, das pessoas, maior. Aproxima mais, eles têm mais facilidade de passar uma mensagem, que hoje eles sabem fazer isso. A maioria deles sabe e os que não sabem tão querendo aprender. Eu tenho idoso que me procura pra mim informar de que maneira que eles vão fazer. Porque os filhos às vezes dão um aparelho sofisticado pra eles, pra eles entrarem em rede social, mas não ensinam como é que eles vão manusear. Ai eles nos procuram e pedem informação. E como nós estamos aqui numa era digital, nosso trabalho também é esse tipo de coisa. É a inclusão deles nesse momento também pra eles aprenderem usar. Como é que eles vão se informar? Como que isso vai ser importante pra eles, né. Eu, hoje, criei um grupo de Whatsapp só da terceira idade. E tem idoso que me procura, que não tem conhecimento, que fala: “Aline, como que eu faço pra entrar nesse grupo? Eu achei interessante isso.”
Comunicação	Mídias sociais	Uso das mídias sociais	E13 – “É o que eles mais usam. Geralmente todo idoso que tem Whatsapp, eles têm uma rede social também no Facebook, acompanham, tem Facebook, alguns tem Instagram, mas a maioria é Facebook e Whatsapp.”
Inclusão	Mídias sociais: inclusão	Facilidade de usar o Whatsapp, comodidade	E13 – “Eu acho pela comodidade, pela facilidade que eles descobriram que tem pra acessar. O que que acontece? Eu tenho uma idosa, que ela é analfabeta e ela tem Whatsapp. E ela ama o Whatsapp porque ela grava os áudios. Ela não tem o conhecimento...[09:02] Entrevistador: Analfabeta?[09:03]

			Entrevistada: Analfabeta! [09:03] Entrevistador: Interessante. [09:04] Entrevistada: Mas ela usa o Whatsapp por meio de voz. De mensagem de voz ela se comunica com o grupo. E o grupo articula com ela quando ela passa mensagem de voz, por o grupo saber que ela não tem... é... ela é analfabeta, eles comunicam com ela por mensagem de voz também.”
Informação	Uso do celular	Questão de gênero, informações, vaidade.	E13 – “Não me procura. Eu tenho um público feminino que me procura demais pra interagir, pra ensinar como eles vão fazer, como é que elas vão usar. O interesse das mulheres é muito maior do que o dos homens. Eu acho que é questão pela vaidade, sabe? Eu não sei te explicar porquê, mas o público feminino, ele procura muito mais informações do que o público masculino. Porque eu trabalho com homens e mulheres da terceira idade. E eu percebo que os homens não tem nem a vaidade nem de ter um celular mais sofisticado.”
Vida melhor	Uso do celular: Uber	Facilidade no transporte, independência no deslocamento	E13 – “Muito! Tem ajudado muito elas. Eu tenho idosa, hoje, que anda de Uber o tempo todo e elas mesmo chama o Uber. Não precisa nem da minha ajuda. Tão bem independentes.”
Participação política	Uso das novas tecnologias	Participação política deficiente, falta de conscientização de direitos e deveres	E13 – “Ainda falta muita consciência deles aí, essa conscientização deles aí é um déficit muito grande. Esse acompanhamento que a gente tem com eles, a gente faz muita temática, a gente faz muita roda de bate-papo, a gente discutia muito isso. O quê que eles querem, né, o quê que tava assim, devido pra eles. O quê que eles estavam insatisfeitos, né, pra deixar eles, pra ver o que que eles ia falar, qual que era a insatisfação maior deles. O que mais eles queriam, né. Então assim, muitos revoltam, né, muitos nem acompanham política, muitos são antipolíticos, né, falam “Não, minha filha, vai falar de política com a gente não, porque a gente não quer isso.”
Sexualidade	Uso do celular	Relacionamentos, namoro, erotismo, sexualidade	E13 – “E o idoso também é custoso. O idoso também namora, o idoso trai, né, o idoso, assim, ele tem um perfil, principalmente nós que estamos a frente dessa área assistencial, que organizamos a festividade pro idoso, que temos o baile pro idoso e eles vinham participar dos bailes e eu sempre bati foto das atividades que a gente organizava pra eles. Até então, eu tava batendo foto dum idoso e ele virou pra mim e falou assim: “Se você bater foto minha, nunca mais eu venho aqui”. Eu falei “Por que?”, aí ele falou assim “Não, porque você tá me comprometendo. Aí eu falei “Mas porque tá te comprometendo? Tá tão bonitinho vocês dois” “Não, é porque essa aqui é minha namorada, a minha esposa tá em casa”.
Velhice	Preconceito	Preconceito em relação aos idosos	E13 – “Eu tiro experiência quando eu tenho pacote de turismo. Eu mexo com turismo com a terceira idade. Eu sempre viajei com eles. E muitos amigos meus, assim, amigas, questionavam: “Ah, mas você vai levar só velho?”. Eu

			falei “Não, eu vou levar pessoas!”, que são pessoas maravilhosas, são seres humanos e eles são dóceis, adoráveis, mas se vocês não quiserem ir, tudo bem, mas o meu público é a terceira idade, sim.”
Velhice	Cotidiano	Visão sobre a velhice	E13 – “Muita presteza, muita, assim, clareza, eu fico pensando assim: “Com tanta gente envelhecendo e tantas pessoas despreparadas e com tanto preconceito como se um dia não fossem envelhecer”, né. Porque na verdade nós todos vamos chegar na velhice, e ela é muito triste se não tiver um aconchego, se não tiver uma cômoda, se a gente não cuidar dos nossos entes queridos, das pessoas que estão ao nosso redor, eu não falo só família, não, porque nossa família tá sempre bem acolhida, né.”
Solidão	Novas tecnologias, mídias sociais	Auxílio na superação do isolamento e solidão.	E13 – “Ajuda muito! Ajuda o idoso que é sozinho, que vive hoje trancado dentro de casa, porque tem idoso que vive trancado dentro de casa. Devido à violência, eles ficam trancados dentro de casa e isso que faz muita companhia pra eles. Um tablet, um computador faz companhia pra eles.”
Solidão	Real x virtual	Alívio da solidão através de relações virtuais	E13 – “Alivia a solidão deles. Porque, claro, nada igual uma presença de uma pessoa, ter carinho, ter uma pessoa pra conversar, mas como isso não vem acontecendo, eles vêm substituindo muito essa presença, essa presença de pessoa, de carinho, de afeto, com um smartphone, ou com um computador.”
Solidão	Real x virtual	Mudança de comportamento em função das novas tecnologias	E13 – “Eu tiro como exemplo a minha mãe que fica na roça, lá, que fica na chácara. Minha mãe passa o dia inteiro sozinha e a minha mãe usa agora, e ela não sabia usar e tinha preconceito. Eu “mãe eu acho que a senhora tem que se aprender a usar um computador pra até fazer companhia pra você e agora aprendeu e ela tá achando um máximo isso, só que ela não assume. Ela fala “Ah, eu tô achando isso aqui bom mas eu vivo sem isso.” Aí nós ficamos sem internet 3 dias lá na chácara e eu percebi que ela andava. Por ter ficado sem internet, porque lá o sinal é ruim. Eu percebi que ela andava a casa toda e virava pra mim e falava: “Será que vai arrumar a internet hoje?”
Real x virtual	Mídias sociais	Mudança de comportamento em função das novas tecnologias	E13 – “A minha mãe pescava, depois que ela descobriu rede social ela não tá pescando mais, eu não sei se isso é positivo pra ela, se é uma coisa boa ou não. Porque pescar pra ela era um momento de lazer, momento de distração.”
Real x virtual	Mídias sociais	Mudanças de comportamento	E13 – “Então assim, eu vejo duma forma positiva, e ao mesmo tempo eu vi que ela deixou de fazer algumas coisas que ela fazia, ela não tá fazendo mais. Ela tá ficando mais sedentária também. Tem um outro lado também que não foi muito positivo nisso, né, mas eu percebi que por ela ficar muito lá na chácara, muito isolada, a gente trabalha o dia todo e chega à noite, tanto eu e meu pai, com isso veio fazer companhia pra ela demais da conta.”
Inclusão	Mídias sociais: Whatsapp	Facilidade de utilizar o Whatsapp	E14 – “Ah, aí tem uma questão. Eu acredito que é a facilidade de gravar, por exemplo, um áudio quando não vai digitar, no Whatsapp, eu percebo isso, que

			muitos idosos preferem gravar o áudio que é muito mais fácil de que digitar e prático, né. É, ainda, o Whatsapp, os filhos, até mesmo nós professores eles pedem ajuda, né, pra como enviar uma foto, então eu acredito que, nesse sentido, assim, o Whatsapp ele tem facilitado essa comunicação. Mas ainda acredito que é uma minoria.”
Questão de gênero	Resistência dos homens	Participação maior de mulheres, questão de gênero	E14 – “Eu percebo. Porque elas mandam. A maioria mulheres. A maioria. Eu tenho uma convivência, né, igual, por exemplo, nesses todos anos de trabalho, é, os grupos, eles, eu identifico, né, a participação maior das mulheres. É, hoje, por exemplo, nesse grupo que eu tenho 14 anos de trabalho, os homens ainda têm uma certa resistência, né.”
Informação	Mídias digitais, redes sociais digitais	Informação pelas redes sociais digitais a respeito de direitos e deveres	E14 – “Voltando na questão política, eu acredito que as redes sociais, né, essa chuva de informações, porque não só hoje na televisão, eles têm acesso às novas tecnologias também nas redes sociais. Então eles recebem muitas informações, né, então eles ficam atentos às questões das leis, de direitos dos idosos, né, em todos os sentidos. Mas eu acredito ainda que eles não buscaram esses direitos de fato.”
Participação política	Mídias digitais	Denúncia de maus tratos, participação política restrita.	E14 – “Começando, caminhando, né. É, quando eles fazem uma denúncia, quando acontece uma questão familiar e que eles buscam orientação, ne, com as assistentes sociais. Que eles vão, procuram, no caso, eu professora, mas ainda eu acredito que esse acesso ainda é pouco. A questão política, hoje, eles, eu falo por esse grupo, né, que eu estou, muitas pessoas têm acesso à questão política. Eles têm, eles ainda votam, né, eles ainda exercem a cidadania deles votando ainda,”
Participação política	Direitos e deveres	Participação, busca de informações sobre direitos e deveres	E14 – “Manda uma mensagem né. Olha o quê que tá acontecendo hoje na nossa realidade brasileira: a questão da aposentadoria, né, então muitos deles, eles vão atrás desses direitos, né. Eles querem que nós, também, passamos informações do que que tá acontecendo, né, se isso vai ser benéfico ou se isso vai ser prejudicial. Eles têm essa informação, né, eles buscam de certa forma eles buscam essas informações. Sobre essa questão de: Olha, tenho direito a saúde, porém quando eu vou a uma consulta, né, não sou atendido, demora pra ser atendido, às vezes até cancelado, eles sabem aonde ligar. Sabem que hoje tem os concelhos, eles sabem das leis e direitos deles. Eles sabem, mas muitos ainda não tem acesso.”

ANÁLISE DE CONTEÚDO (POSTS):

1) ANEXO 02 - ANÁLISE DE CONTEÚDO DO WHATSAPP

TABELA 21 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
03/03/2017 (Sexta-feira)	13			
		1º	Imagem-texto	Humor
		2º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		3º	Mensagem	Interação-anterior (2º)
		4º	Imagem-texto	Humor
		5º	Emoji	Interação-anterior
		6º	Imagem-texto	Cumprimento
		7º e 8º	Texto	Informativo-saúde
		9º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		10º	Emoji	Interação-anterior (9º)
		11º	Texto	Informativo-saúde
		12º	Texto	Informativo-saúde
		13º	Emoji	Interação-humor (1º)

FIGURA 04 - Exemplos de posts do dia 03/03/2017 (sexta-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

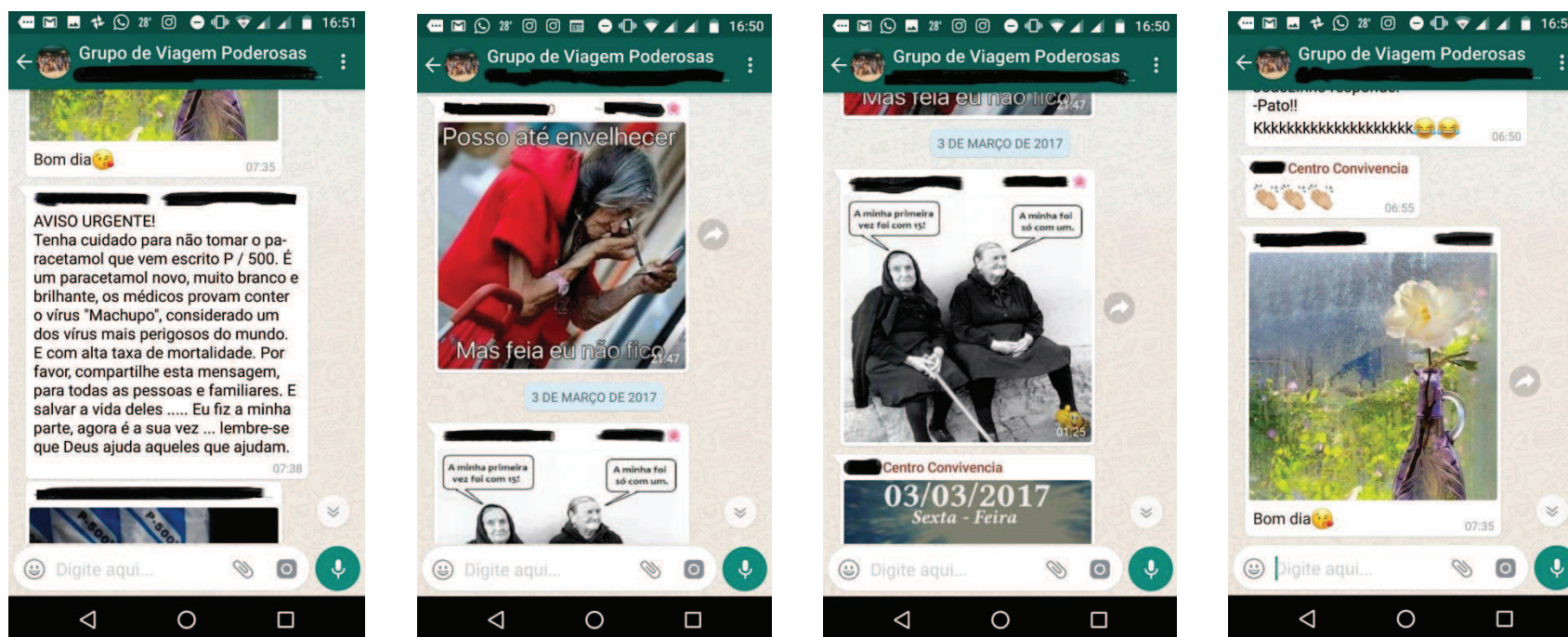


TABELA 22 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
06/03/2017 (Segunda-feira)	22			
		1º	Mensagem	Cumprimento
		2º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		3º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		4º	Imagem-texto	Erotismo
		5º	Mensagem	Interação-anterior (4º)
		6º	Texto	Informativo-saúde
		7º	Vídeo	Informativo-saúde
		8º	Vídeo	Afirmativo-Dia da Mulher
		9º	Vídeo	Humor-Cerveja
		10º	Imagem-texto	Religioso
		11º	Vídeo	Política
		12º	Vídeo	Política
		13º	Vídeo	(Falha no download)
		14º	Vídeo	Humor
		15º	Imagem-texto	Cumprimento
		16º	Texto	Informativo-vírus
		17º	Imagem-texto	Afirmativo-Dia da Mulher
		18º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		19º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		20º	Vídeo	Afirmativo-Força à mulher
		21º	Mensagem	Cumprimento
		22º	Mensagem-emoji	Interação-anterior (20º)

FIGURA 05 - Exemplos de posts do dia 06/03/2017 (segunda-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

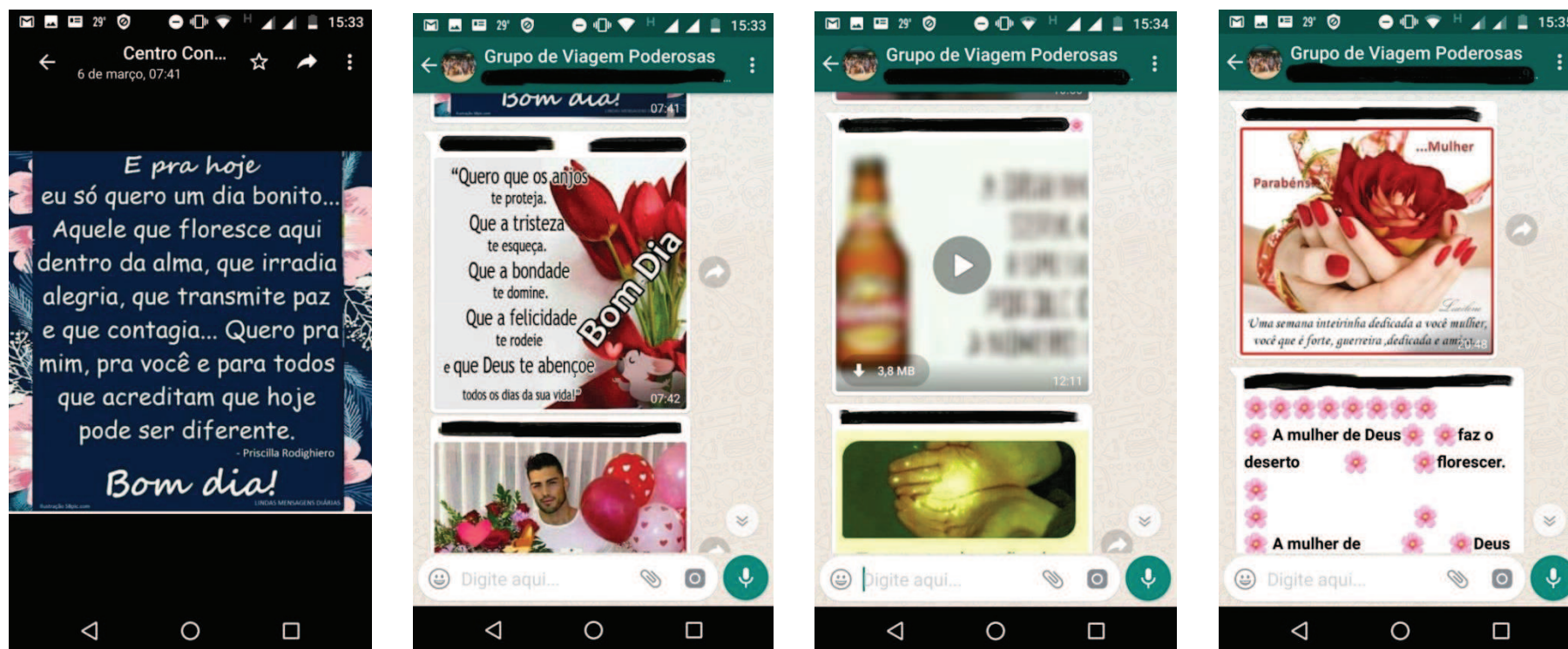


TABELA 23 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
09/03/2017 (Quinta-feira)	29			
		1º	Vídeo	Afirmativo-Força à mulher
		2º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		3º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		4º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		5º	Mensagem	Interação-anterior (4º)
		6º	Mensagem	Interação-cumprimento
		7º	Mensagem	Interação-cumprimento
		8º	Mensagem	Cumprimento
		9º	Mensagem	Cumprimento
		10º	Emoji	Amei (coração)
		11º	Gif	Cumprimento
		12º	Imagem	(Falha no download)
		13º	Imagem	Erotismo
		14º	Imagem-texto	Grotesco-humor
		15º	Texto	Humor
		16º	Imagem-texto	Humor
		17º	Mensagem	Interação-anterior (16º)
		18º	Imagem-texto	Humor
		19º	Mensagem	Interação-anterior (18º)
		20º	Imagem-texto	Informativo
		21º	Imagem-texto	Auto-ajuda-cumprimento
		22º	Vídeo	Informativo-saúde
		23º	Mensagem	Interação-anterior (22º)
		24º	Mensagem	Interação (22º)

		25°	Mensagem	Interação (22°)
		26°	Mensagem	Interação-todos
		27°	Emoji	Coração
		28°	Imagem-foto	Integrantes do grupo
		29°	Texto	Humor-afirmativo

FIGURA 06 - Exemplos de posts do dia 09/03/2017 (quinta-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

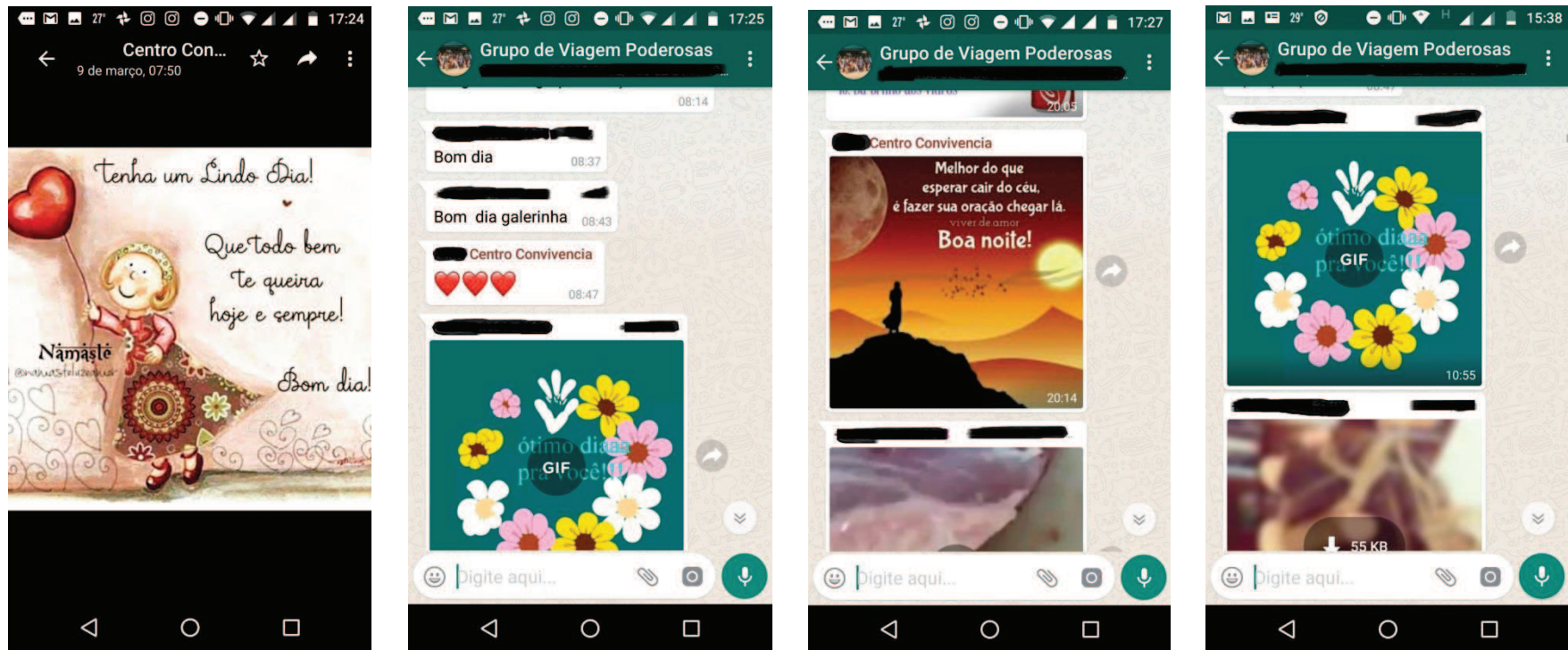


TABELA 24 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
10/03/2017 (Sexta-feira)	24			
		1º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		2º	Mensagem	Interação (1º)
		3º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		4º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		5º	Mensagem	Cumprimento
		6º	Mensagem-emojis	Cumprimento-otimismo
		7º	Imagem-texto	Cumprimento
		8º	Mensagem	Interação-cumprimento (7º)
		9º e 10º	Aviso	Saída de integrantes do grupo
		11º	Mensagem	Interação (9º e 10º)
		12º	Vídeo	(Falha de download)
		13º	Vídeo	Religião
		14º	Imagem-texto	(Falha de download)
		15º	Imagem-texto	(Falha de download)
		16º	Mensagem	Interação (15º)
		17º	Texto	Humor
		18º	Áudio-gravação	Música-religião
		19º	Mensagem	Interação (17º)
		20º	Imagem-texto	Auto-ajuda-cumprimento
		21º	Mensagem	Interação (20º)
		22º	Imagem-texto	Humor
		23º	Vídeo	Humor
		24º	Vídeo	Entretenimento-música

FIGURA 07 - Exemplos de posts do dia 10/03/2017 (sexta-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

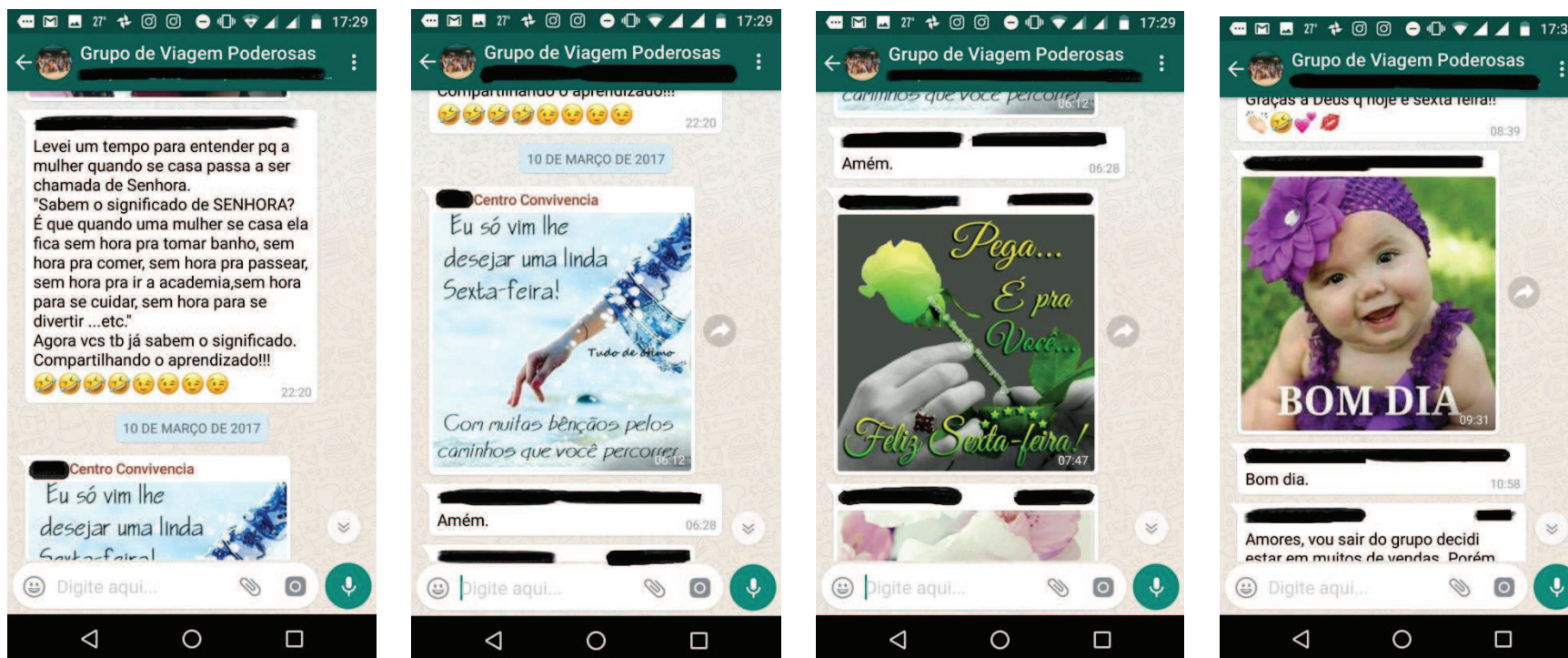


TABELA 25 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
13/03/2017 (Segunda-feira)	31			
		1º	Mensagem	Cumprimento
		2º	Imagem-texto	Cumprimento
		3º	Mensagem	Interação (2º)
		4º	Emoji	Coração
		5º, 6º e 7º	Mensagem	Cumprimentos
		8º	Imagem-foto	Integrantes do grupo
		9º	Mensagem	Cumprimento
		10º	Emoji	Coração
		11º	Mensagem-emoji	Cumprimentos-otimismo
		12º	Imagem-texto	Auto-ajuda-otimismo
		13º	Emojis	Cumprimentos- agradecimento (12º)
		14º	Mensagem-emoji	Cumprimento
		15º	Mensagem	Informativa-falecimento
		16º	Imagem-texto	Auto-ajuda-otimismo
		17º	Emojis	Cumprimento- agradecimento
		18º	Imagem-texto	Auto-ajuda-cumprimento
		19º	Mensagem	Cumprimento
		20º	Imagem-texto	Auto-ajuda-cumprimento
		21º	Mensagem	Cumprimento
		22º	Imagem-texto	Humor
		23º	Emoji	Coração
		24º	Mensagem	Interação (22º)
		25º	Mensagem	Interação (22º)

		26°	Mensagem	Interação (22°)
		27°	Mensagem	Interação (22°)
		28°	Imagem-texto	Cumprimento
		29°	Vídeo	Entretenimento-música
		30°	Imagem-texto	Informativo-Propaganda
		31°	Emoji	Parabéns

FIGURA 08 - Exemplos de posts do dia 13/03/2017 (segunda-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:



TABELA 26 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
15/03/2017 (Quarta-feira)	35			
		1º	Imagem-texto	Auto-ajuda-otimismo
		2º	Mensagem	Interação-cumprimento (1º)
		3º	Mensagem	Interação-cumprimento (1º)
		4º	Mensagem	Interação-cumprimento (1º)
		5º	Mensagem-emoji	Interação-cumprimento (1º)
		6º	Mensagem	Interação-saúde
		7º	Emoji	Amém-beijos
		8º	Mensagem	Interação (6º)
		9º	Mensagem	Interação-cumprimento (1º)
		10º e 11º	Mensagem	Informativo
		12º	Imagem-texto	Informativo
		13º	Vídeo	(Falha download)
		14º	Vídeo	(Falha download)
		15º	Imagem-texto	Política
		16º	Imagem-texto	(Falha download)
		17º	Mensagem	Interação-cumprimento (16º)
		18º	Imagem-texto	Cumprimento
		19º	Mensagem	Interação-cumprimento (18º)
		20º	Mensagem-emoji	Interação-cumprimento (19º)
		21º	Mensagem	Cumprimento
		22º	Vídeo	Humor
		23º	Vídeo	Humor
		24º	Mensagem	Interação (23º)
		25º	Imagem-texto	Humor
		26º	Vídeo	Política-humor

		27°	Texto	Religião
		28°	Vídeo	Religião
		29°	Imagem-texto	Cumprimento
		30°	Imagem-texto	Auto-ajuda
		31°	Imagem-texto	Auto-ajuda
		32°	Vídeo	Entretenimento-música
		33°	Vídeo	Política-humor
		34°	Mensagem	Interação (33°)
		35°	Vídeo	Política

FIGURA 09 - Exemplos de posts do dia 15/03/2017 (quarta-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:



TABELA 27 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
21/03/2017 (Terça-feira)	41			
		1º	Mensagem	Cumprimento
		2º	Emoji	Coração
		3º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		4º	Mensagem	Interação-cumprimento (3º)
		5º	Mensagem	Cumprimento
		6º	Gif	Cumprimento
		7º	Imagem-texto	Auto-ajuda-religião
		8º	Mensagem	Interação-agradecimento (7º)
		9º	Vídeo	Política-previdência
		10º	Mensagem	Interação-política (9º)
		11º	Texto-emoji	Auto-ajuda
		12º	Mensagem-emoji	Interação (9º)
		13º	Imagem-texto	Política
		14º	Imagem-texto	Cumprimento
		15º	Mensagem	Cumprimento-interação (14º)
		16º	Mensagem	Interação-política (9º)
		17º	Áudio	Política
		18º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		19º	Mensagem	Cumprimento
		20º	Emoji	Corações
		21º	Mensagem	Cumprimento
		22º, 23º,	Mensagem	Informativo-viagem

		24°, 25 e 26°		
		27°	Texto	Religião
		28°	Imagem-texto	Auto-ajuda
		29°	Mensagem	Cumprimento
		30°	Mensagem	Cumprimento
		31°	Mensagem	Cumprimento
		32°	Vídeo	Religião-cumprimento
		33°	Mensagem	Interação (32°)
		34°	Imagem-texto	Cumprimento
		35°	Mensagem	Cumprimento
		36°	Vídeo	Cumprimento
		37°	Mensagem	Interação-cumprimento (36°)
		38° e 39°	Mensagem	Interação (22°)
		40°	Vídeo	Humor-terror
		41°	Mensagem	Interação (40°)

FIGURA 10 - Exemplos de posts do dia 21/03/2017 (terça-feira), no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

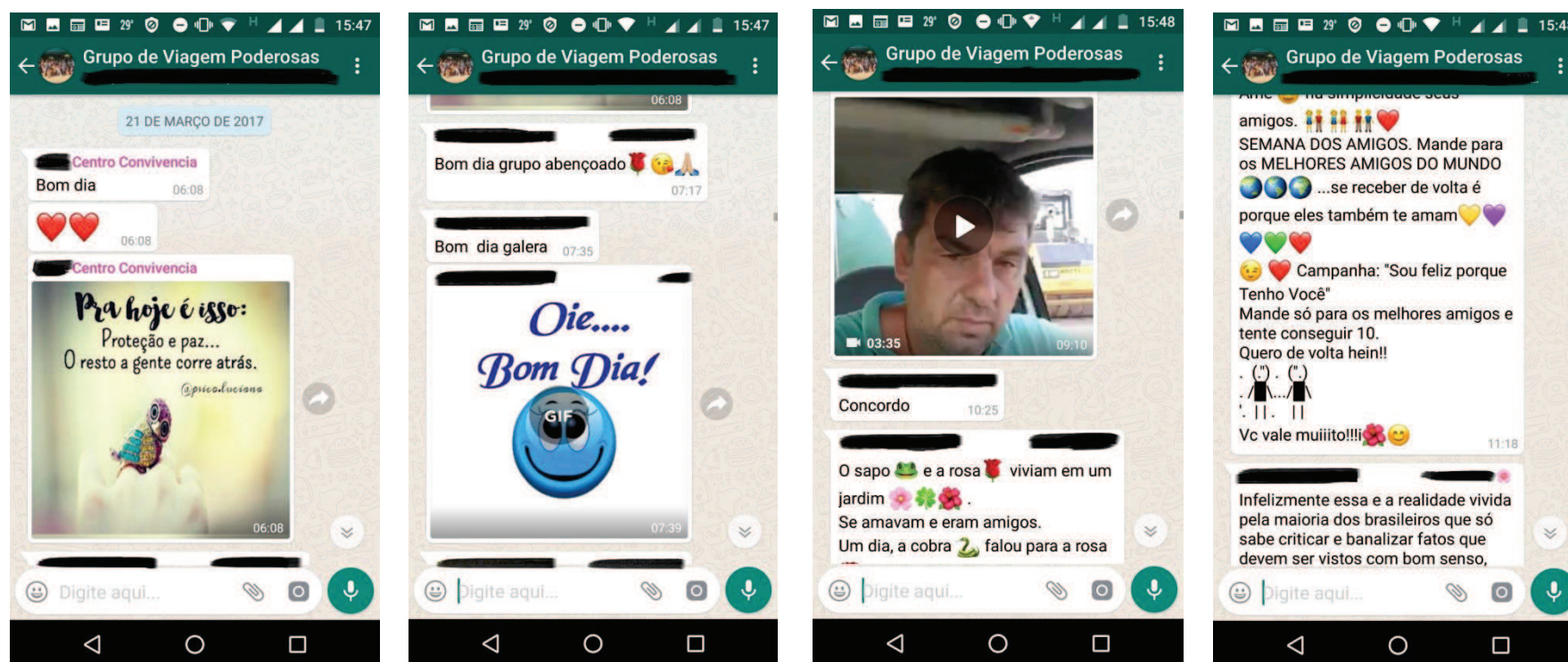


TABELA 28 – Posts no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
15/04/2017 (Sábado)	9			
		1º	Imagem-texto	Auto-ajuda-religião
		2º	Mensagem	Interação-cumprimento (1º)
		3º	Mensagem	Interação-cumprimento (1º)
		4º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		5º	Vídeo	Religião
		6º	Vídeo	Humor-crítica
		7º	Texto	Humor
		8º	Vídeo	Entretenimento
		9º	Imagem	(Falha do download)

FIGURA 11 - Exemplos de posts do dia 15/04/2017 (sábado), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso:

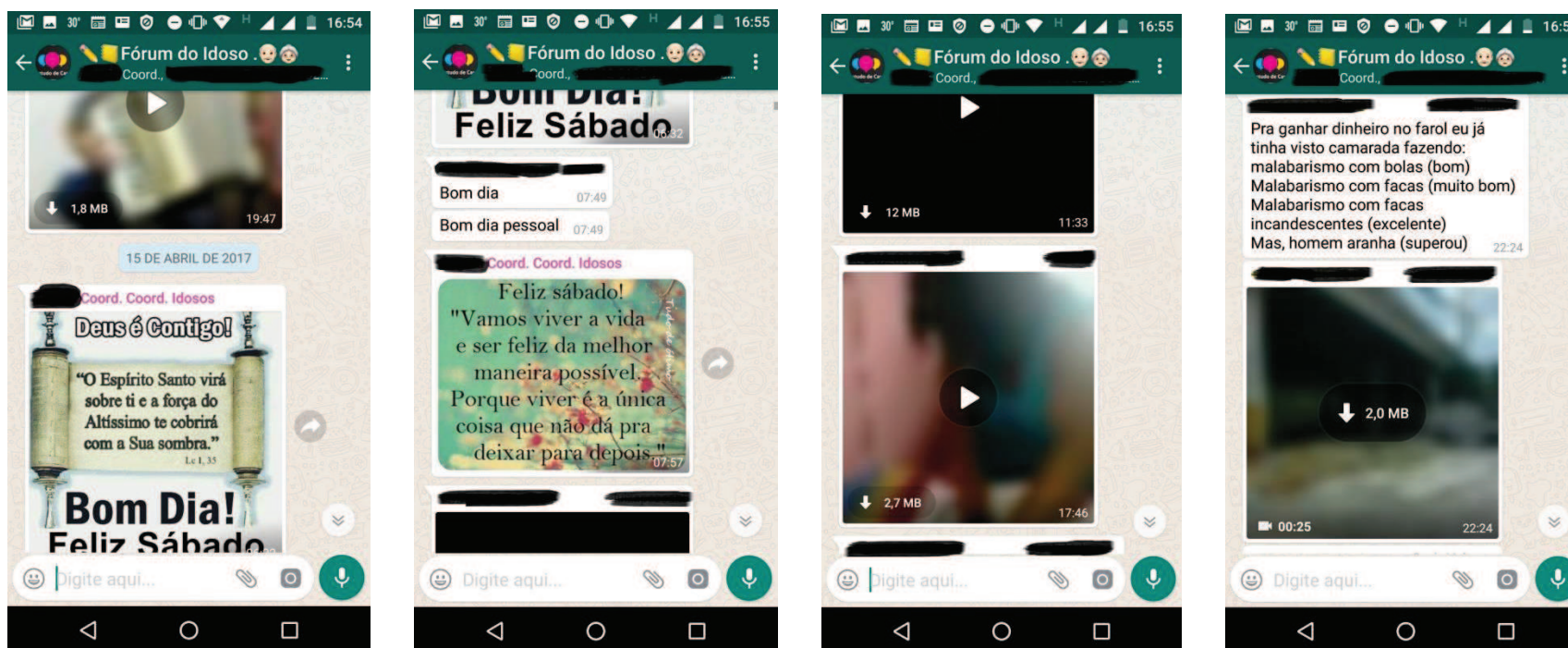


TABELA 29 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
21/04/2017 (Sexta-feira)	11			
		1º	Vídeo	Cumprimento
		2º	Imagem-texto	Auto-ajuda
		3º	Mensagem	Interação-cumprimento (2º)
		4º	Mensagem	Interação-cumprimento (2º)
		5º, 6º, 7º e 8º	Mensagens	Interação-informativo
		9º	Mensagem	Cumprimento (2º)
		10º e 11º	Link-mensagem	Informativo

FIGURA 12 - Exemplos de posts do dia 21/04/2017 (sexta-feira), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso:

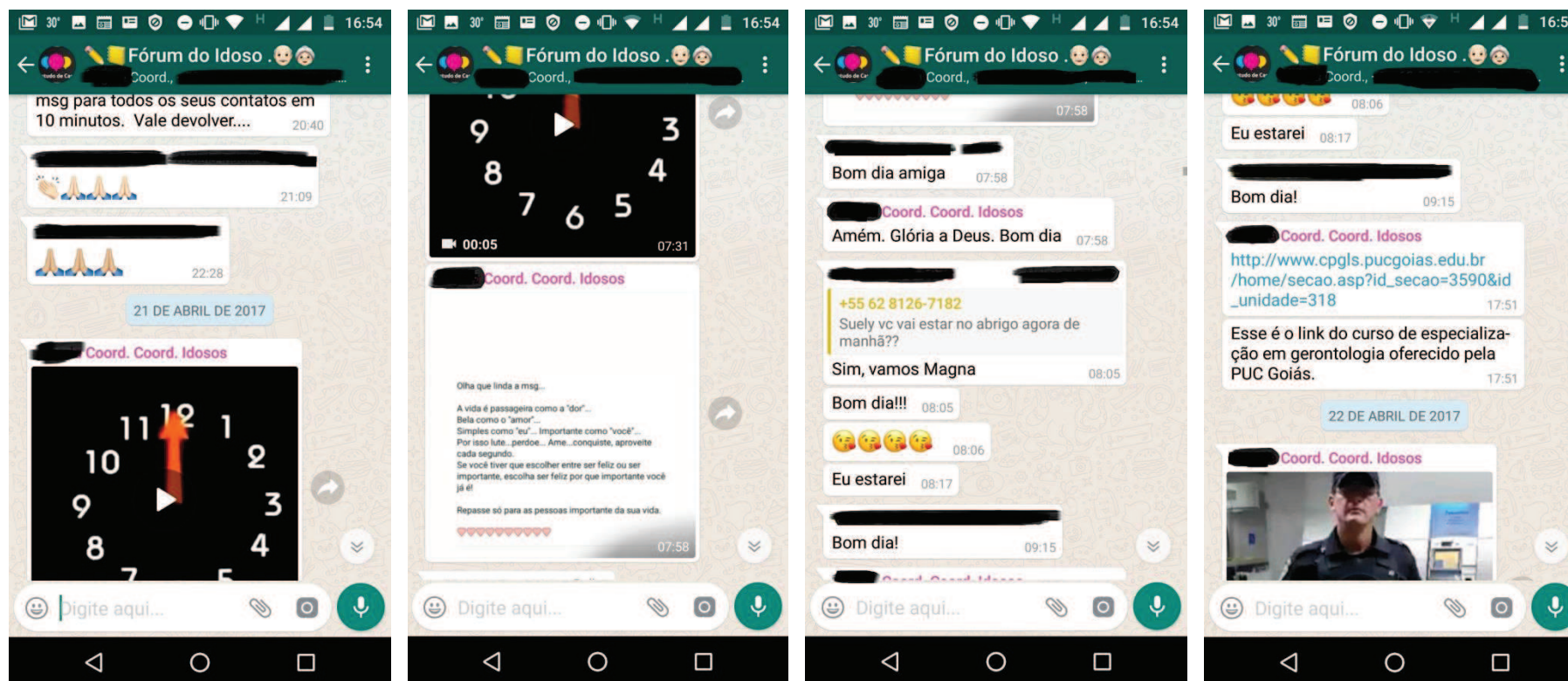


TABELA 30 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
03/05/2017 (Quarta-feira)	44			
		1º	Mensagem	Cumprimento
		2º	Vídeo	Auto-ajuda
		3º	Gif	Cumprimento
		4º	Mensagem	Interação-cumprimento (3º)
		5º	Vídeo	Humor
		6º	Mensagem	Informativo
		7º	Texto	Auto-ajuda
		8º	Texto-link	Política-previdência
		9º	Texto-link	Política-corrupção
		10º	Imagem-foto	(Falha de download)
		11º	Imagem-foto	(Falha de download)
		12º	Imagem-foto	(Falha de download)
		13º	Imagem-foto	(Falha de download)
		14º	Mensagem	Informativo
		15º	Mensagem automática	Saída de integrante do grupo
		16º	Emoji	Interação-palmas (10º)
		17º, 18º, 19º e 20º	Imagem-fotos	Informativo-confraternização
		21º	Mensagem	Interação-todos
		22º, 23º e 24º	Imagem-fotos	Informativo-confraternização
		25º	Mensagem	Informativo (22º)

		26°, 27°, 28°, 29°, 30°, 31°, 32°, 33° e 34°	Imagens-fotos	Informativo-confraternização
		35°	Mensagem	Informativo-Dia das mães (26°)
		36°, 37°, 38° e 39°	Imagens-fotos	Informativo
		40°	Texto	Política-informativa
		41°	Mensagem	Interação (36°)
		42°	Mensagem	Cumprimento
		43°	Mensagem	Interação (36°)
		44°	Mensagem	Interação (36°)

FIGURA 13 - Exemplos de posts do dia 03/05/2017 (quarta-feira), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso:

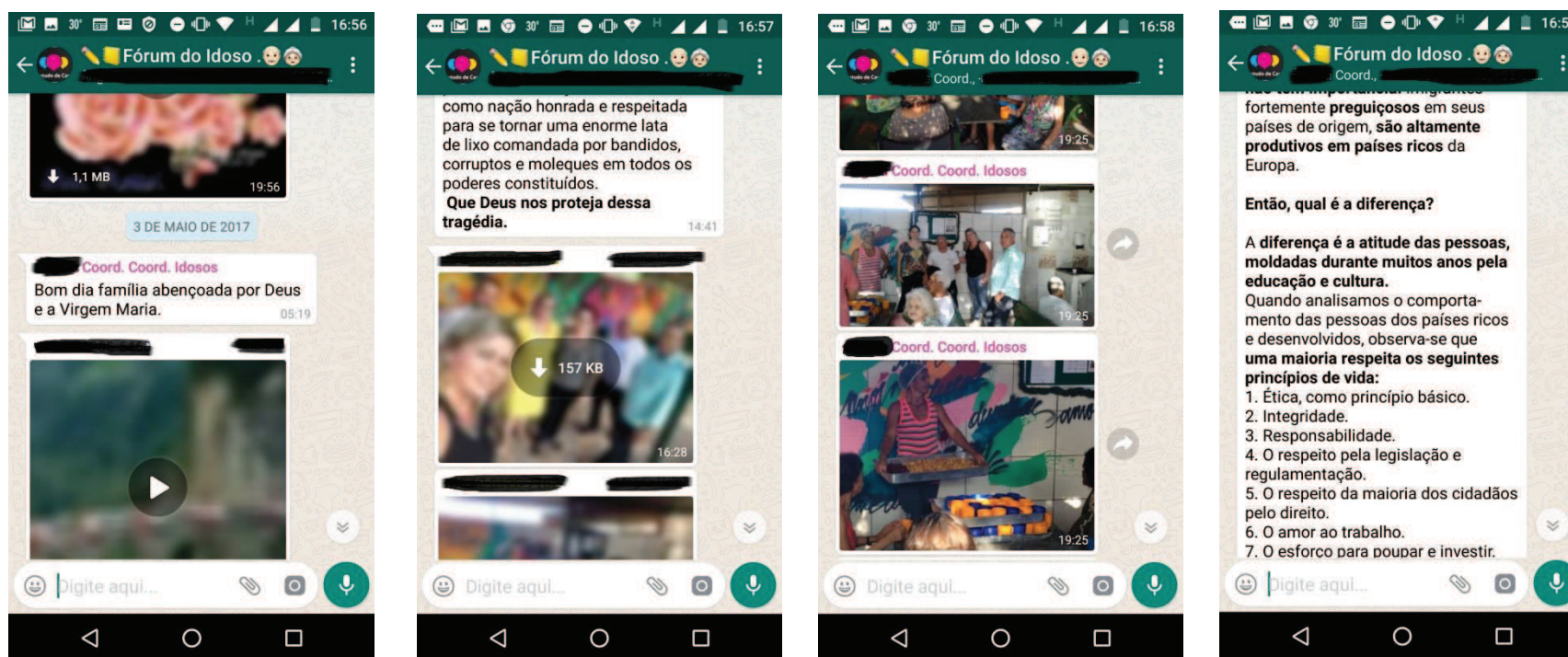


TABELA 31 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
06/05/2017 (Sábado)	10			
		1º	Mensagem	Informativo
		2º	Mensagem	Interação-cumprimento (1º)
		3º	Mensagem-emoji	Interação-cumprimento (1º)
		4º	Mensagem	Interação-cumprimento (1º)
		5º	Imagem-texto	Cumprimento
		6º	Imagem-texto	Auto-ajuda-cumprimento
		7º	Imagem-texto	Informativo-afirmativo
		8º	Imagem-texto	Auto-ajuda-cumprimento
		9º	Mensagem	Interação (8º)
		10º	Emoji	Interação-coração (8º)

FIGURA 14 - Exemplos de posts do dia 06/05/2017 (sábado), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso:

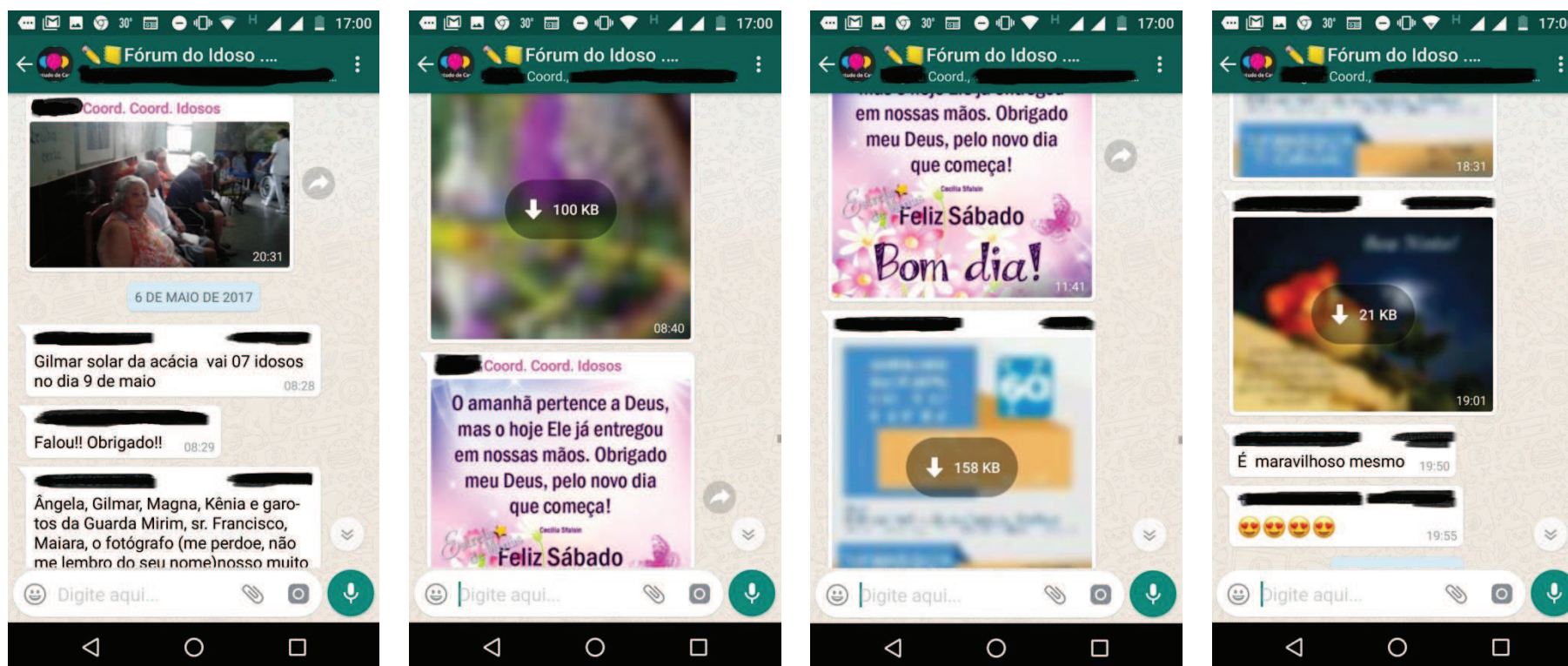


TABELA 32 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
09/05/2017 (Terça-feira)	35			
		1º	Imagem-texto	Cumprimento-otimismo
		2º	Vídeo	Afirmativo-ser mãe
		3º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		4º	Mensagem	Cumprimento-agradecimento
		5º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		6º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		7º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		8º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		9º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		10º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		11º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		12º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		13º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		14º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		15º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		16º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		17º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		18º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		19º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		20º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		21º	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães

		22°	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		23°	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		24°	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		25°	Mensagem	Informativo
		26°	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		27°	Texto	Informativo-Dia das mães
		28°	Imagem-texto	Afirmativo-mulher
		29°	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		30°	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		31°	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		32°	Imagem-foto	Informativo-Dia das mães
		33°	Mensagem-emoji	Interação (32°)
		34°	Texto	Informativo-poema
		35°	Imagem-foto	Informativo

FIGURA 15 - Exemplos de posts do dia 09/05/2017 (terça-feira), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso:

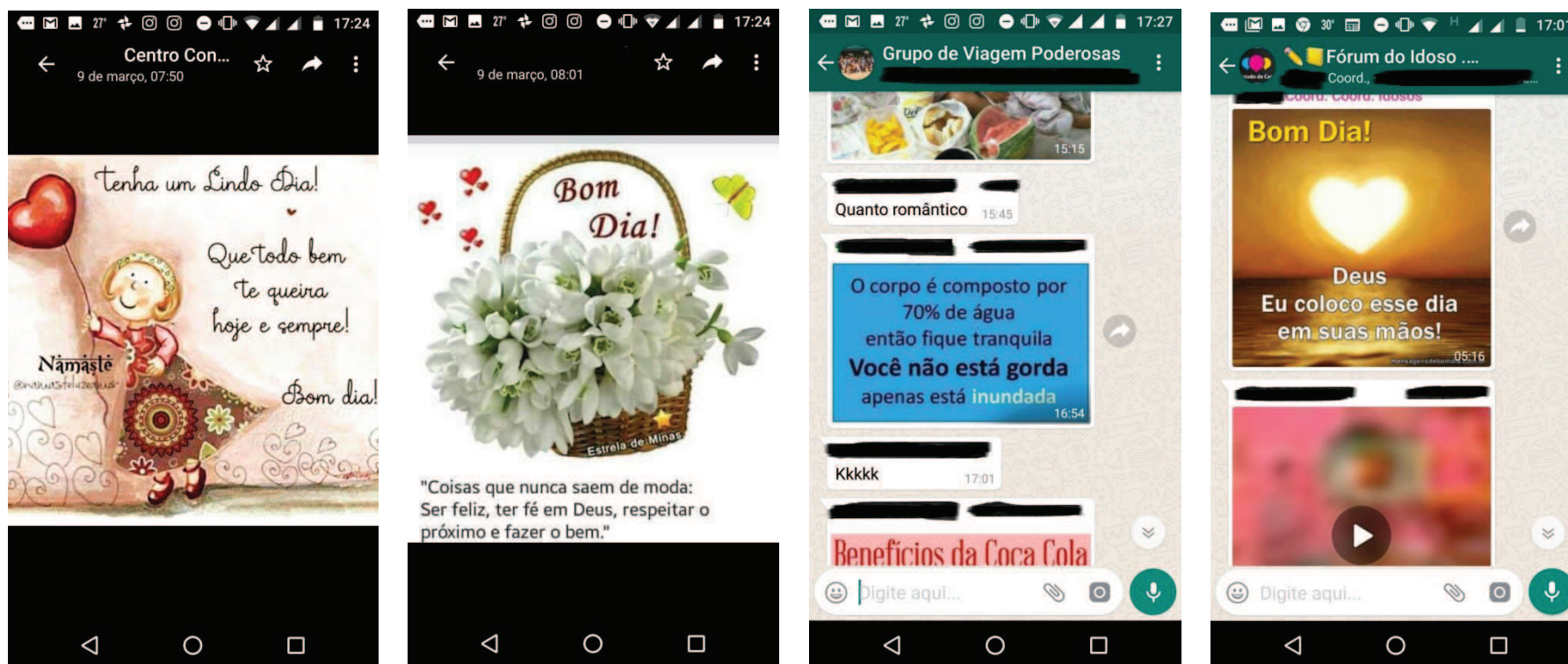


TABELA 33 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
10/05/2017 (Quarta-feira)	6			
		1º	Vídeo	Religião-auto-ajuda
		2º	Vídeo	Religião-auto-ajuda
		3º	Imagem-texto	Cumprimento
		4º	Imagem-texto	Cumprimento
		5º	Imagem-texto	Afirmativo-mães
		6º	Texto-link	Informativo-idoso

FIGURA 16 - Exemplos de posts do dia 10/05/2017 (quarta-feira), no Whatsapp – Grupo Fórum do Idoso:

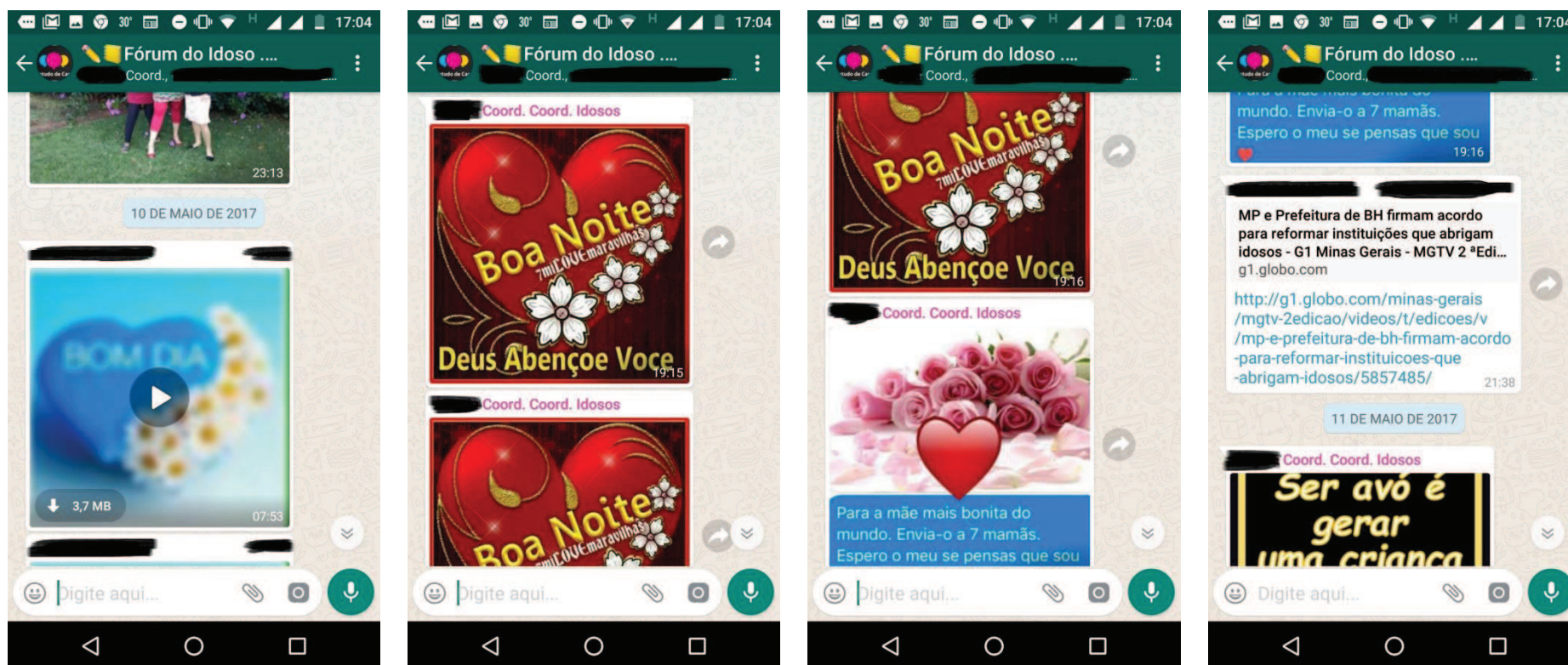


TABELA 34 – Posts no Whatsapp – Grupo de Viagem Poderosas:

Data	Total de Posts	Nº	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)
13/05/2017 (Sábado)				
		-	--	NÃO HOUVE POSTAGENS

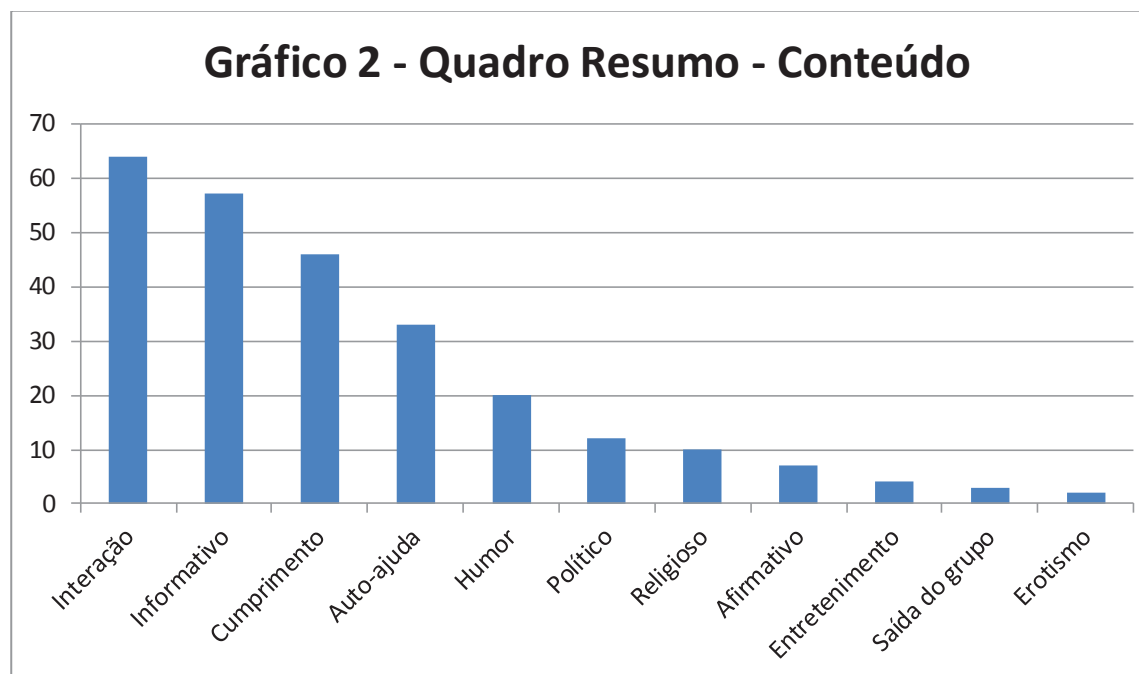
TABELA 35 – Quadro Resumo do Tipo de Post no Whatsapp

QUADRO RESUMO (Grupos do Whatsapp)	
Tipo de postagem	Totais
Mensagem	99
Imagem-texto	65
Fotos	56
Vídeo	37
Texto	17
Emoji	16
Imagem	3
Gif	3
Link	4
Áudio	2
Outros	2



TABELA 36 – Quadro Resumo do Conteúdo do Whatsapp

QUADRO RESUMO (Grupos do Whatsapp)	
Categoria (Conteúdo)	Totais
Interação	64
Informativo	57
Cumprimento	46
Auto-ajuda	33
Humor	20
Político	12
Religioso	10
Afirmativo	7
Entretenimento	4
Saída do grupo	3
Erotismo	2



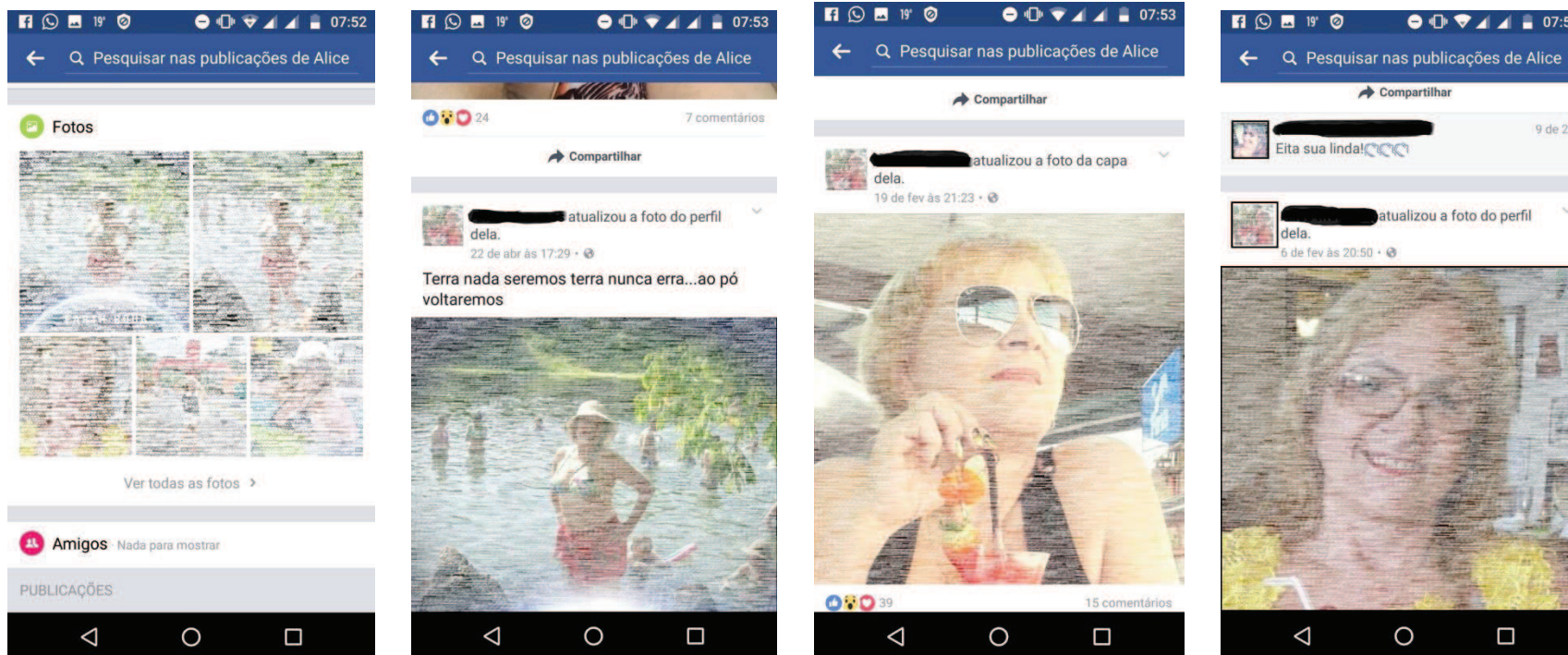
2) ANÁLISE DE CONTEÚDO DE PERFIS DO FACEBOOK

Tipo de Posts no Facebook por Perfis:

- a) TABELA 37 - PERFIL 01
Feminino, nº de amigos no Facebook não informado

Data	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)	Curtidas	Comentários
20/05/2017 (Sábado)	Foto	Self	17	1+
20/05/2017 (Sábado)	Foto	Self-viagem	24	4+
22/04/2017 (Sábado)	Foto	Self-viagem	25	4+
19/02/2017 (Domingo)	Foto	Self	39	14+
13/02/2017 (Segunda-feira)	Foto	Self-viagem	46	8+
06/02/2017 (Segunda-feira)	Foto	Self	51	12+
21/01/2017 (Sábado)	Imagem-texto-link	Informativo-saúde	1	0
21/01/2017 (Sábado)	Foto	Self-alimentação	44	10+
12/01/2017 (Quinta-feira)	Foto	Self-viagem	29	12+
12/01/2017 (Quinta-feira)	Foto	Self-alimentação	34	10+

FIGURA 17 - Exemplos de posts do Perfil 01 do Facebook¹:

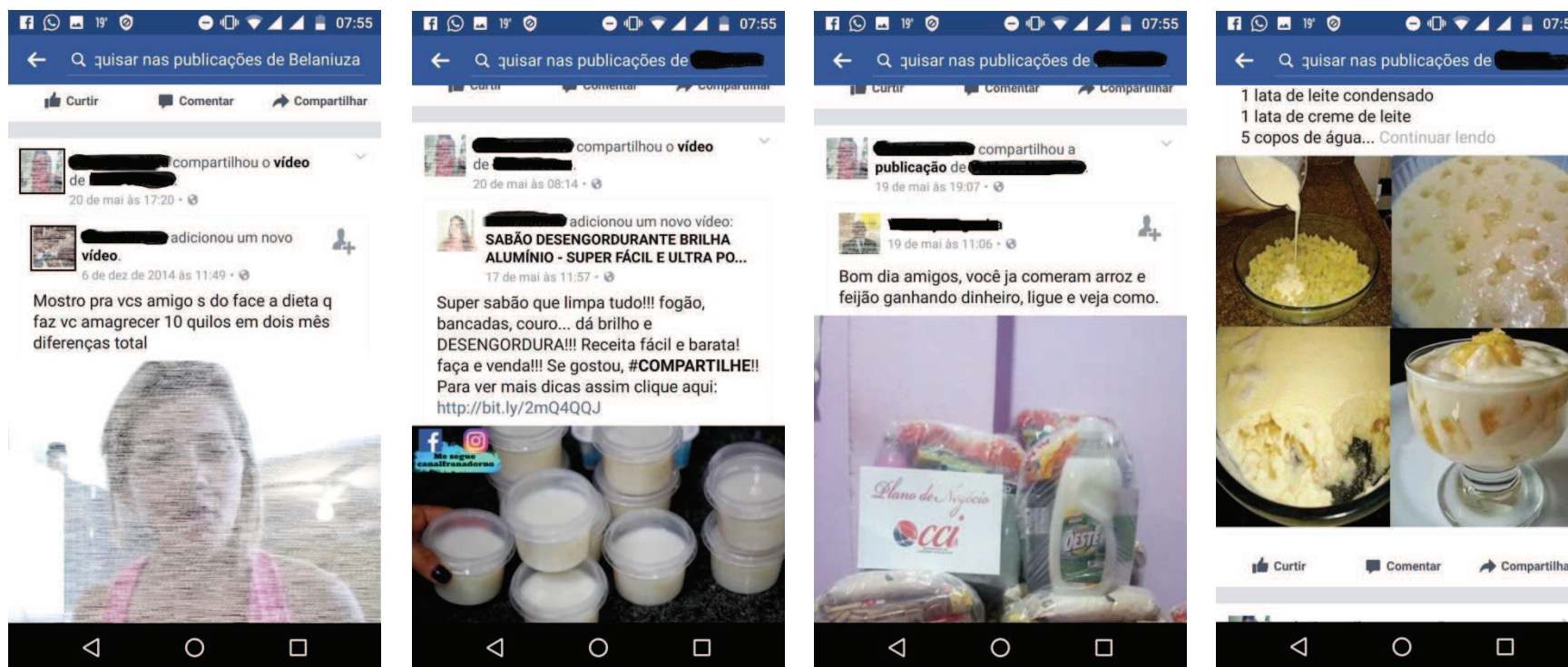


¹ As imagens foram editadas para proteger o direito à imagem e à privacidade do perfil e de terceiros. O essencial era conseguir visualizar a forma como as pessoas idosas compartilhavam suas mensagens.

b) TABELA 38 - PERFIL 02
Feminino, 702 amigos

Data	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)	Curtidas	Comentários
20/05/2017 (Sábado)	Vídeo	Religião	0	0
20/05/2017 (Sábado)	Vídeo	Informativo-saúde	1	0
20/05/2017 (Sábado)	Vídeo	Informativo-limpeza	3	1
19/05/2017 (Sexta-feira)	Foto	Informativo-alimentação	2	0
19/05/2017 (Sexta-feira)	Foto	Informativo-receita	0	0
18/05/2017 (Quinta-feira)	Foto	Self	22	4
18/05/2017 (Quinta-feira)	Foto	Informativo-link	0	0
18/05/2017 (Quinta-feira)	Foto	Informativo-receita	2	0
17/05/2017 (Quarta-feira)	Vídeo	Informativo-receita	0	0
16/05/2017 (Terça-feira)	Vídeo	Informativo-cultura	2	0

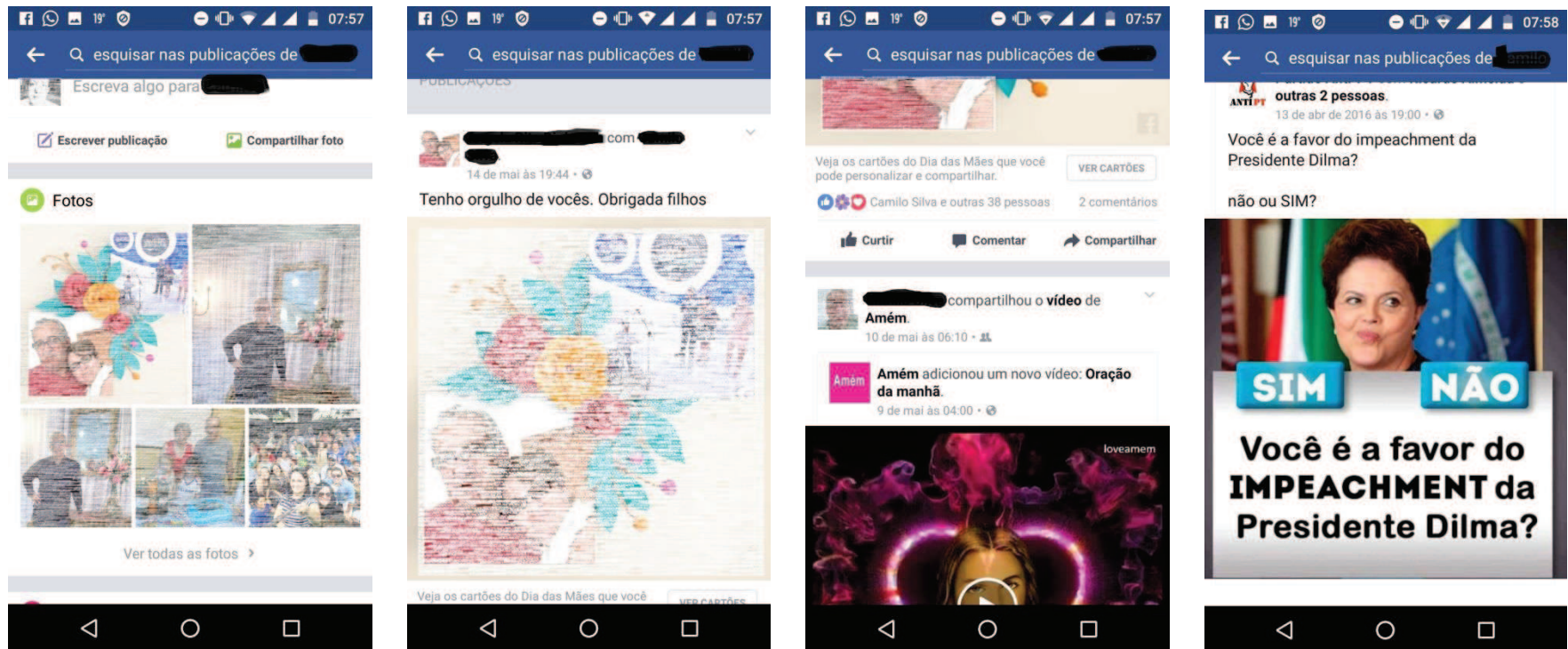
FIGURA 18 - Exemplos de posts do Perfil 02 do Facebook:



c) TABELA 39 - PERFIL 03
Masculino, 335 amigos

Data	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)	Curtidas	Comentários
14/05/2017 (Domingo)	Foto	Self-dia das mães	37	2
10/05/2017 (Quarta-feira)	Vídeo	Religião	1	1
09/05/2017 (Terça-feira)	Imagem-texto-link	Política	0	0
09/05/2017 (Terça-feira)	Imagem-texto	Política	0	0
09/05/2017 (Terça-feira)	Imagem-texto	Política	0	0
09/05/2017 (Terça-feira)	Foto	Família	0	0
09/05/2017 (Terça-feira)	Imagem-texto-link	Política	0	0
08/05/2017 (Segunda-feira)	Imagem-texto	Família	1	0
04/05/2017 (Quinta-feira)	Imagem-texto	Política	0	0
03/05/2017 (Quarta-feira)	Imagem-texto-link	Política	0	0

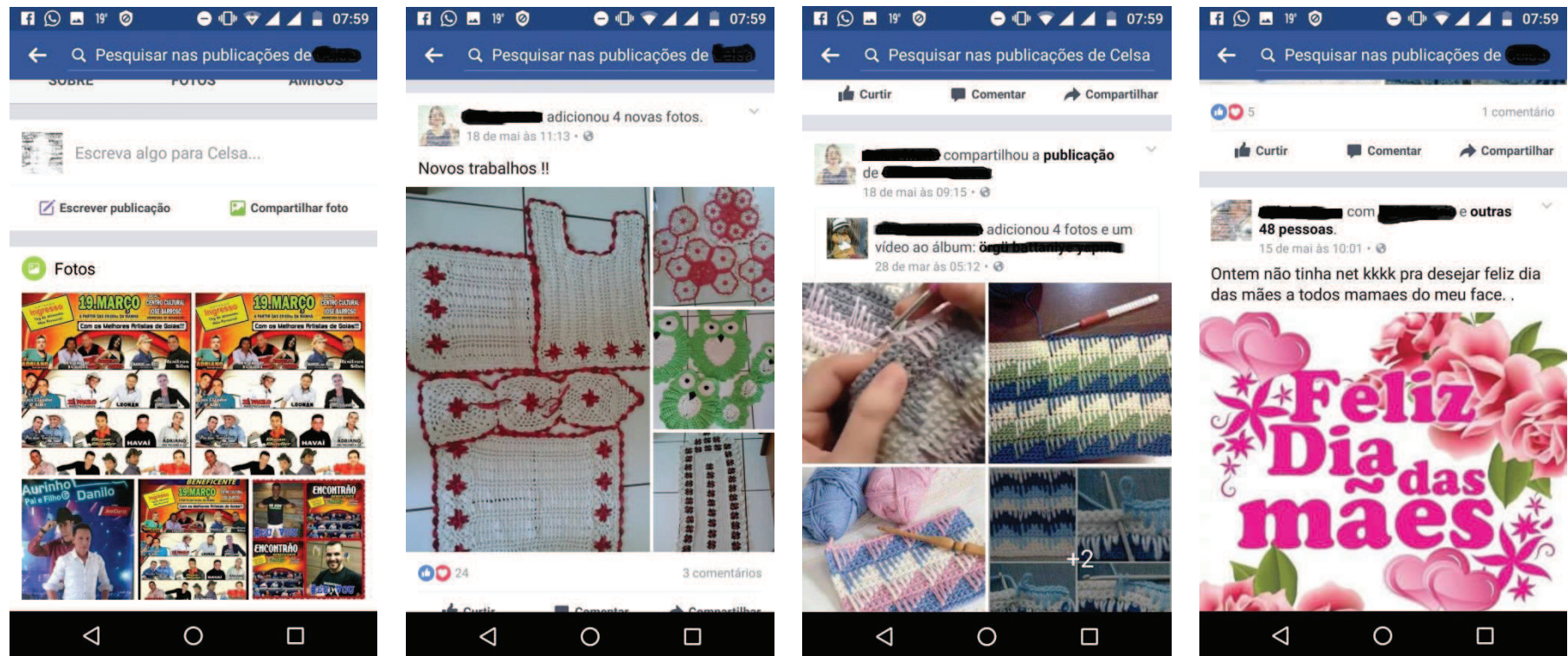
FIGURA 19 - Exemplos de posts do Perfil 03 do Facebook:



c) TABELA 40 - PERFIL 04
Feminino, 350 amigos

Data	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)	Curtidas	Comentários
18/05/2017 (Quinta-feira)	Foto	Profissão-bordados	24	3
18/05/2017 (Quinta-feira)	Foto-vídeo	Profissão-bordados	5	1
15/05/2017 (Segunda-feira)	Imagem-texto	Cumprimento-dia das mães	16	15
14/05/2017 (Domingo)	Foto	Self-família	87	9
02/05/2017 (Terça-feira)	Fotos	Profissão-bordados	2	2
25/04/2017 (Terça-feira)	Foto	Família-mãe	56	16
24/04/2017 (Segunda-feira)	Fotos	Profissão-bordados	0	0
19/04/2017 (Quarta-feira)	Fotos	Informação-política	106	29
08/04/2017 (Sábado)	Imagem-texto	Informativo	36	4
20/03/2017 (Segunda-feira)	Fotos	Informativo-moda	2	1

FIGURA 20 - Exemplos de posts do Perfil 04 do Facebook:



d) TABELA 41 - PERFIL 05
Feminino, 385 amigos

Data	Tipo de post	Categoria (sub-categoria)	Curtidas	Comentários
21/05/2017 (Domingo)	Imagem-texto	Auto-ajuda	2	1
20/05/2017 (Sábado)	Imagem-texto	Auto-ajuda	7	0
19/05/2017 (Sexta-feira)	Foto	Self-família	18	2
19/05/2017 (Sexta-feira)	Foto	Self	16	1
19/05/2017 (Sexta-feira)	Foto	Self-família	9	0
19/05/2017 (Sexta-feira)	Foto	Self-família	29	6
19/05/2017 (Sexta-feira)	Imagem-texto	Auto-ajuda	5	2
18/05/2017 (Quinta-feira)	Imagem-texto	Informativo-drogas	1	0
17/05/2017 (Quarta-feira)	Foto	Self	39	4
13/05/2017 (Sábado)	Foto	Família	10	0

FIGURA 21 - Exemplos de posts do Perfil 05 do Facebook:

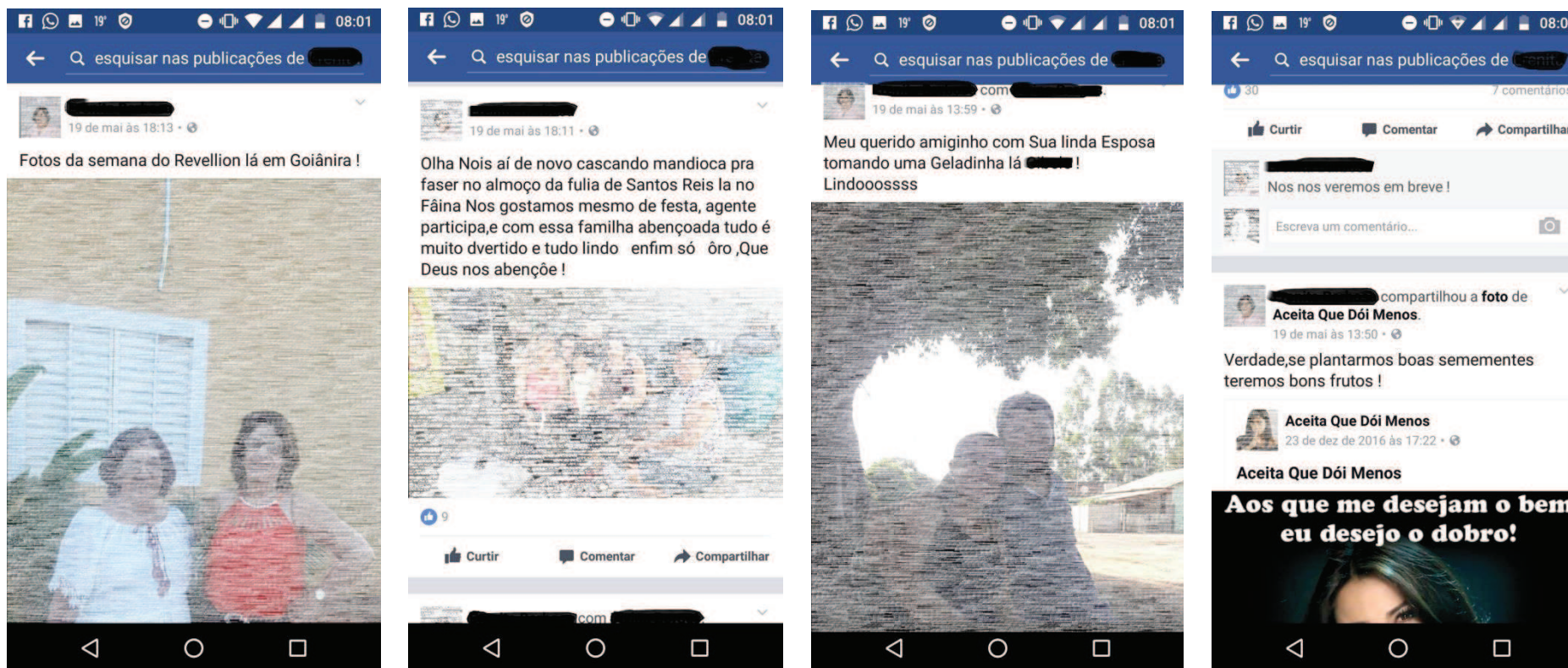


TABELA 42 – Quadro Resumo do Tipo de Posts no Facebook por Perfis

QUADRO RESUMO (Perfis do Facebook)	
Tipo de postagem	Totais
Fotos	30
Imagem-texto-link	4
Vídeos	7
Imagem-texto	10

TABELA 43 – Quadro Resumo do Tipo de Posts no Facebook por Conteúdo

QUADRO RESUMO (Perfis do Facebook)	
Categoria (Conteúdo)	Totais
Religião	2
Família	8
Self	13
Informativo	12
Política	7
Auto-ajuda	3
Profissão	4
Cumprimento	1

